

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

# Nordestino: invenção do “falo”

UMA HISTÓRIA DO GÊNERO MASCULINO  
(1920-1940)

2ª Edição

intermeios  
CRAM DE ARTES E LIVROS

Editora Intermeios  
Rua Luís Murat, 40 – Vila Madalena  
CEP 05436-050 – São Paulo – SP – Brasil  
Fone: 2338-8851 – www.intermeioscultural.com.br

NONDESTINO: INVENÇÃO DO "FALSO" – UMA HISTÓRIA DO GÊNERO MASCULINO (1920-1940)

© Durval Muniz de Albuquerque Júnior

2ª Edição: Fevereiro de 2013

*Edição eletrônica, produção* INTERMEIOS – CASA DE ARTES E LIVROS  
*Revisão* INTERMEIOS – CASA DE ARTES E LIVROS  
*Capa* INTERMEIOS – CASA DE ARTES E LIVROS  
SOBRE ESCULTURA DE FRANCISCO BRENNAND  
*Finalização* RAI LOPES

#### CONSELHO EDITORIAL

VINCENT M. COLAPRETTO (PENN STATE UNIVERSITY)  
DANIEL FERRER (ITEM/CNRS)  
LUCÁCIA D'ALFESSIO FERARA (PUCSP)  
JERUSA PIRES FERREIRA (PUCSP)  
AMÁLIO PINHEIRO (PUCSP)  
JOSETTE MONZANI (UFSCAR)  
ROSEMYRE ARAÚCIDA SCORINHO (UFSCAR)  
ILANA WAINER (USP)  
WALTER FAGUNDES MORALES (UESC/NEPAB)  
IZABEL RAMOS DE ABREU KASU  
JACQUELINE RAMOS (UFS)  
CELSO CRUZ (UFS)  
ALESSANDRA PAOLA CARAMORI (UFBA)  
CLAUDIA DORNBRUSCH (USP)

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

A345

Albuquerque Júnior, Durval Muniz de.  
Nondestino: invenção do "falso" – uma história do gênero masculino (1920-1940). / 2.ª Edição. / Durval Muniz de Albuquerque Júnior. – São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).  
254 p. ; 16 x 23 cm.  
1.ª Edição Macetê: *Edições Cataractas*, 2003.  
ISBN 978-85-64586-41-3

1. História. 2. História do Brasil. 3. História Cultural. 4. História Social. 5. Mulher. 6. Homem. 7. Relações de Gênero. 8. Historiografia. 9. Nordeste. 10. Nordeste. 11. Análise do Discurso. I. Título. II. Invenção do "falso". III. Uma história do gênero masculino (1920-1940). IV. Série. V. A feminização da sociedade. VI. A república: a mulher ideal. VII. Cidade: um espaço não familiar. VIII. A invenção do patriarcalismo. IX. A invenção de um Macho. X. Intermeios – Casa de Artes e Livros.

CDU 981.305  
CDD 981

Catálogo elaborada por Ruth Simão Paulino

*A Durval, meu pai, por me ensinar, ao longo dos anos, as dores e as delícias de ser homem no Nordeste.*

## Agradecimentos

Este livro, como todo trabalho historiográfico, diz muito do próprio autor, escreve e inscreve muitas das dúvidas, perplexidades, inseguranças, medos, prazeres, saberes e sofrimentos de quem teve a coragem de assumir o lugar de autoria. Ele é, em todas as suas páginas, uma afirmação, ele diz: "Eu falo de mim, dos outros, de mim nos outros e dos outros em mim", "eu falo do falo que me define e me limita", mas também "eu falo do falo que me divide, me dilacera e me dispersa", pois ele, como a masculinidade que me identifica, é produto de múltiplos encontros e de múltiplas relações, ele é fruto do aprendizado e da ignorância que cada encontro com o outro nos proporciona. Por isso queria agradecer a alguns destes encontros que me fizeram aprender o mistério de ser masculino, mas também que me levaram a presenciar a dor e o dissabor de sê-lo tal como está definido maioritariamente em nossa sociedade, que me mostraram possibilidades de ser outros: minoritários, divergentes, anormais, marginais, e me fizeram presenciar muitas vezes a miséria da prisão de ser o mesmo, o normal, o majoritário, o dominante, o dominador; mas que também me levaram a ver a face pouco feliz e romântica do divergente e a face risonha e feliz do convergente, pois foi com o ver esta gente e foi depois de ver de forma ingente todas estas vidas que me pus a falar deste tema; por isso, o que falo neste livro fala de suas falas, mas também de seus falos, simbólicos ou não.

Meu pai e meus dois irmãos, Carlos e Marcos, são responsáveis por muito do que sou e como sou, com eles aprendi, rindo ou chorando, as primeiras lições do que é ser homem no Nordeste, embora sem Maria, minha mãe, e Solange, minha irmã, eu jamais pudesse ter o distanciamento que pressupõe colocar esta forma de ser em questão. Com Martha Lucia,

Joana D'Arc, Josefina Gomes e Eliete Gujião, professoras e símbolos de outras possibilidades de ser mulher, aprendi o respeito pelo outro, pelo diferente, e a vontade de lutar por um mundo distinto deste que nos é oferecido como destino.

Com amigos e companheiros pude experimentar e compartilhar uma gama variada de sensações e de sentimentos, momentos de angústia e de prazer, que me fizeram encarar as diversas figuras em que se pode desdobrar esta identidade do macho nordestino; com eles pude ver e viver desde sua face mais violenta, discricionária e triste, até sua face mais carinhosa, tema e frágil. Com Marco Antônio, Paulo Vinícius, Kleber Nóbrega, João Paulo, Kleiton Nóbrega, Camilo Barbosa, Odimar Bonfim, Evandro, Ricardo, Carlos Eduardo, Maurício, Saulo, Genival, Anderson, Cristiano, Evaldo Procópio, Jógerson, Fernando Barros, Francisco José, Jéferson, Adriano, Leonardo, Roberto Veras, Roberval Veras, Geraldo Ricardo, Vãnderlan e Wellison aprendi que o ser masculino se diz no plural e está muito além e muito aquém dos estereótipos e modelos que o tentam definir e desvendar, que é fluxo e busca incessantes, é o desenhar de rostos fugazes na areia que se esborroam com o sopro de uma pequena brisa de final de tarde de verão. A eles agradeço todas as lições que aprendi e as memórias que carrego comigo.

Esta pesquisa me proporcionou muitos encontros acadêmicos e pessoais inesquecíveis. Encontros que me ajudaram a elaborar muito do que aqui falo e muito do que sou hoje como homem e como historiador. Por isso, quero agradecer o carinho e o saber de Margareth Rago, a quem nunca conseguirei agradecer suficientemente, ela foi a inspiração maior desta pesquisa; a James Green, testemunho do quanto pode ser belo e generoso o ser masculino; à Maria Izilda Matos, toda a doçura e a sabedoria de um ser feminino; à Tânia Swain, amor à primeira mesa-redonda; à Suelly Rolnik, beleza e inteligência por todos os poros; à Maria Cristina Marin, companhia nos estudos de gênero e amiga inigualável; à Regina Guimarães, Joana Maria Pedro, Rachel Solhet, Manoel Salgado Guimarães, Sérgio Aboud, Wilson Garcia, Denilson Lopes, Martha de Abreu Esteves, Dulce Amarante, Ludmila Brandão, Afonso Carlos Marques dos Santos, Luiz Orlandi, Peter Pal Pelbart, Márcio Alves Fonseca, Vera Portocarrero, Roberto Machado, Salma Muchail, Alfredo Veiga Neto, Francisco Ortega, Neide Miele, Parry Scott, Benedito Medrado, Jorge Lyra, Francisco Cardoso, José Luiz Ferreira, Keila Queiroz, Siléide Leida, Alômia Abrantes, Temis Parente e a tantos outros encontros que resultaram neste texto.

Quero agradecer aos meus colegas do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, não somente pelo indispensável apoio acadêmico, mas também por fazerem deste espaço um fascinante campo de observação para o pesquisador das relações de gênero no Nordeste, notadamente dos modelos de masculinidade aí predominantes. Este agradecimento é extensivo a todos os meus alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em História e Sociologia, que me ajudaram com suas ideias e com suas práticas a problematizar e visualizar muitas das formulações presentes neste texto.

Agradeço aos funcionários das instituições onde a pesquisa se realizou: Fundação Joaquim Nabuco, Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, Biblioteca Setorial da Universidade Federal da Paraíba, Biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco, LAEL e SEDNIR, pela prestação no atendimento. Agradeço também a quem me proporcionou a rica experiência de entrevistar e discutir com um grupo considerável de homens que frequentam suas clínicas de Natal e Recife.

Este texto não existiria sem o trabalho e as ideias de um grupo de bolsistas de Iniciação Científica que me acompanharam ao longo destes anos e me marcou como pesquisador e como pessoa: Zânia, Auricélia, Carlos, Tatiana, Ana Lucia, Valdinar, Rodrigo, Viviane, Yánusa e Gisláine são também autores de cada linha aqui escrita.

À minha "secretária" Socorro, que continua sendo o meu anjo da guarda e companheira de todas as horas.

Agradeço a D. Neide pelo exemplo de luta e dignidade. Ela foi testemunha do quanto o ser masculino no Nordeste pode levar uma mulher a sofrer.

Quero agradecer ao CNPq que possibilitou a realização desta pesquisa ao me conceder uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa e uma cota de duas Bolsas de Iniciação Científica durante um período de quatro anos.

A todas as pessoas que leram, resenhararam, criticaram e usaram meu livro anterior quero agradecer pela indicação de que este trabalho deveria ter continuidade. Este livro também é fruto do aprendizado da convivência com vocês, mesmo a distância.

Quero agradecer por fim aos amigos e profissionais que me ajudaram na elaboração final deste texto para a publicação, sem eles as imperfeições seriam ainda maiores: à Cassandra, Alarcon e Socorro Pereira agradeço a generosidade e a paciência infinitas que demonstraram ao encararem tão espinhosa tarefa.

## Sumário

PREFÁCIO	13
DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA	
INTRODUÇÃO	17
A FEMINIZAÇÃO DA SOCIEDADE	27
1) NA HORIZONTAL: AS MUDANÇAS SOCIAIS VISTAS COMO FEMINIZAÇÃO DOS COSTUMES	27
a) O NIVELAMENTO SOCIAL	27
b) A MULHER PROCURA OCUPAR O LUGAR DOS HOMENS	39
c) UMA SOCIEDADE QUE SE TRONA DELICADA	45
d) A ERA DOS BACHARÉIS ANTIPATRIARCAIS	53
e) O CASAMENTO ROMÂNTICO É A VITÓRIA DO SENTIMENTO?	62
f) ENTRE MARICAS E VIRAGOS A CONFUSÃO DOS "SEXOS" SE INSTALA	76
2) A REPÚBLICA: A MULHER IDEAL	83
a) A POLÍTICA DESVIRILIZADA	83
b) A POLÍTICA NO FEMININO	90

3) CIDADE: UM ESPAÇO NÃO FAMILIAR	95
a) A DAMA ANTIGA E A MULHER MODERNA	95
b) A HISTERIA DOS COSTUMES	106
c) A VITÓRIA DA MULHER DEVORADORA	118
4) A INVENÇÃO DO PATRIARCALISMO	125
A INVENÇÃO DE UM MACHO	137
1) A EMERGÊNCIA DA IDEIA DE NORDESTE E O NORDESTINO	137
2) UM HOMEM EUGÊNICO	153
3) UM HOMEM TELÚRICO	164
4) UM HOMEM RÚSTICO	173
5) TIPOS CONSTITUTIVOS DO HOMEM NORDESTINO	186
6) NORDESTINO: UMA INVENÇÃO DO "FALO"	208
BIBLIOGRAFIA	231

## Prefácio

Este livro foi escrito antes do sucesso internacional alcançado pelas coleções sobre a história da virilidade no Ocidente. Sua primeira publicação, em 2003, veio não apenas cobrir uma lacuna historiográfica mas ampliar o campo de perguntas sobre a cultura e a sociedade brasileiras. Fruto de uma rigorosa e detalhada pesquisa, "Nordestino: invenção do falo" coloca a nu um problema cujas dimensões ultrapassam a história do sexo masculino, atravessam as relações de gênero e as discriminações entre as classes sociais para atingir o cerne da formação dos donos do poder no Brasil.

Atento às violentas disputas voltadas a transformar o poder em bem privado, o autor não poupa esforço: esmiúça obras clássicas e jornais pouco conhecidos, questiona a antropologia, a sociologia e a história, indaga sobre a moda, a religião e a ciência para, progressivamente, descobrir como foi possível inventar o macho nordestino e, ainda, transformá-lo numa realidade natural, um destino, uma condição e um fardo. Durval Muniz Albuquerque Júnior considera-o uma questão, mesmo quando ele teima em ser resposta, dever e aptidão. Vai fazê-lo falar, lá onde ele se cala e teme ser investigado.

Mas os procedimentos utilizados pelo autor não são bruscos. Ao contrário, sua análise possui a sutileza que, várias vezes, falta à realidade estudada. Isto porque Durval analisa a invenção do macho a partir de seus arredores, de seus vizinhos próximos e distantes, de suas influências por vezes insuspeitáveis. Segundo o autor, "o nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural". De fato, "a experiência de ser homem" implica sempre um longo e assíduo trabalho.

Todo o livro contribui para que o leitor conheça a história da virilidade a partir do vasto mundo que a constituiu: costumes alimentares, tradições sertanejas, mas também a influência do cinema hollywoodiano, com seus heróis e divas; mundo de padres e coronéis, no qual ronda o espectro do "amarelinho", menino mirrado, por um triz doente e afeminado.

Ao longo dos capítulos, evidencia-se o que nem sempre é perceptível ao primeiro olhar: por trás do amargor dos antigos xaropes fortificantes, das roupas da criança, em meio a seus temores diante da surra na rua ou em casa, as conhecidas noções de patriarcalismo e paternalismo ganham matizes próprios. Durval historiciza a criação dos conceitos de família, macho, feminino e masculino sem escapar ao diálogo com as grandes tradições antropológicas e históricas. É quando, por exemplo, o patriarcalismo trabalhado por Gilberto Freyre revela-se uma metáfora, "uma grande imagem que ajuda a descrever o período". Sua análise espreme de cada conceito os clichês há muito acomodados no que habitualmente se espera da identidade nordestina. Por isso, o livro informa e surpreende, arrebatada e amplia o horizonte de problemas sobre a história da sexualidade e da cultura.

O período estudado é repleto de transformações importantes, especialmente nas maneiras de perceber as funções da mulher na sociedade. A autoridade do pai concorria cada vez mais com outras instâncias sociais enquanto que as mulheres reivindicavam o direito ao voto, a prática de esportes e a sociabilidade em locais públicos. Além disso, os limites entre os gêneros não davam conta de expressar a multiplicidade de relações existentes entre as pessoas do mesmo sexo. A voga do matrimônio romântico e a instituição do casamento civil modificaram o olhar sobre as antigas uniões baseadas na mancebia e no concubinato. A suspeita sobre mairicas e viragos atraiu cada vez mais a lente médica e a propagação de fortificantes. A ambição de padronizar os corpos coincidia com o sonho de um espaço urbano uniforme e higiênico.

A riqueza das fontes históricas que sustentam este livro constitui um vivo panorama das mudanças em curso e dos gritantes contrastes entre as classes sociais. Na década de 1920, a perturbação da elite local diante do odor e da visão dos pobres não era menor do que o incômodo provocado pelas moças que fumavam e bebiam, segundo o estilo das melindrosas adeptas aos modernos costumes, companheiras de jovens perfumados à americana ou à europeia.

Uma pluralidade impressionante de tipos masculinos emerge em meio à documentação estudada: do intelectual "frágil e atrapalhado com as coisas viris" ao matuto em vias de virar uma lenda, a paisagem dos senhores da terra e do asfalto está longe de ser homogênea. O folclore regional contribui para criar a imagem de um sertanejo forte mas também é atravessado por um "agenciamento de imagens", repleto de caboclos, vaqueiros, brejeiros, cangaceiros, beatos, jagunços. Tipos regionais que, na década de 1920, "se convertem no nordestino", conservando a macheza como valor capital.

Esta produção do Nordeste possui uma história reveladora de algumas das principais bases do poder que caracterizaram a República nacional. Se a fátocracia não é uma prerrogativa local, é certo, contudo, que a imagem do nordestino, ainda hoje, carrega boa parte dos estereótipos do "verdadeiro macho". O livro revela as penas e os prazeres envolvidos na confecção desta verdade, mas sem torna-la mais verdadeira do que de fato foi. Por isso, Durval também mostra o que várias vezes faz bambejar aquele edifício supostamente viril. Com a "invenção do falso", o que parecia mudo e lacunar ganhou, finalmente, presença e espessura dentro da história brasileira.

São Paulo, 09 de fevereiro de 2013

DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA





Mas a obra de Freyre, de recuperação da história da família patriarcal no Brasil e da sociedade patriarcal não se limita, apenas, a seus textos. Ao encabeçar o movimento regionalista e tradicionalista, movimento cultural e político, que foi decisivo na elaboração da ideia de Nordeste e de seu habitante, o nordestino, Freyre milita no sentido da preservação do que ele definiu como tradições nacionais e regionais, que seriam fundamentais na definição de nossa índole, constantes de caráter que precisavam ser afirmadas. Uma delas, parece-me, foi exatamente a de sermos uma sociedade patriarcal, no sentido de ser necessário preservar certos valores "viris" de nosso povo que estavam sendo ameaçados pela abolição da escravidão, pela República, pela urbanização, pela modernização, pela industrialização. Era preciso lutar em favor da preservação ou se não pela constituição de um tipo regional capaz de resgatar essas tradições de virilidade, coragem e valentia, que as novas elites urbanas pareciam não ser capazes de afirmar, sob pena de cada vez mais nos subordinarmos, nos passivizarmos, nos efeminarmos. Este macho seria o nordestino.

## A Invenção de um Macho

### 1) A EMERGÊNCIA DA IDEIA DE NORDESTE E O NORDESTINO.

O tipo regional nordestino não existia até as primeiras décadas do século XX. Surgiu quase ao mesmo tempo em que o recorte regional Nordeste, ou seja, em torno da segunda metade da década de 1910. A primeira referência que encontramos ao termo *nordestino*, para designar o habitante da área ocidental do antigo Norte, no *Diário de Pernambuco*, por exemplo, data de 15 de novembro de 1919, quando o jornal se refere a um parecer do deputado Ildelfonso Albano, do Ceará, sobre um projeto do deputado Eloy de Souza, do Rio Grande do Norte, que instituiria uma caixa especial, para financiar os esforços particulares visando a irrigar as terras da região. Ao se referir a um discurso proferido pelo mesmo deputado, sobre este assunto há dois anos, o jornal o chama de "deputado nordestino".<sup>1</sup>

O termo *nordestino* aparece para nomear os habitantes de uma área inicialmente compreendida entre os estados de Alagoas e Ceará, sendo às vezes aplicado para nomear também os habitantes do Piauí e Maranhão, com menor frequência. Podemos contatar, no entanto, que esta identidade regional vai se afirmando de forma muito lenta, convivendo, pelo menos até os anos 30, com outras designações como: nortista, que se preservava ainda hoje no Sul do país, cearense, designando os habitantes do Nordeste que migravam para a Amazônia em busca da borracha, também chamados de parouaras ou arigós, sertanejos, brejeiros, praieiros,

1. N/a. "Contra o flagelo das secas - Problema do Nordeste na Câmara Federal", *Diário de Pernambuco*, Recife, 15/11/1919, p. 2.

tipos regionais que, como veremos, serão paulatinamente incorporados à figura do nordestino.

No discurso das elites regionais, notadamente daquelas ligadas a Pernambuco, que construíram a ideia de Nordeste, a identidade regional nordestina e seu tipo regional serão melhor configurados a partir dos anos 20 e se afirmarão, de forma definitiva, nos anos 30. Já entre as camadas populares, como percebemos observando o discurso do cordel, a identidade regional nordestina só começa a ser assumida e se generaliza a partir do final dos anos 30, coincidindo com o crescimento da migração para o Sul do país. Embora tenhamos encontrado a primeira referência ao termo *nordestino* num cordel que data de 1937, parece-nos que esta designação regional só se torna recorrente neste discurso, nos anos 50, convivendo até hoje com outros tipos regionais, muito mais comuns neste discurso, como: o sertanejo, o brejeiro, o maturo etc.

O nordestino, assim como o recorte regional Nordeste, nasceram a partir de uma série de práticas regionalistas e de um discurso regional que se intensifica entre as elites do Norte do país, a partir do final do século XIX, quando o declínio econômico e político desta área levará a uma progressiva subordinação deste espaço em relação ao Sul do país, notadamente São Paulo. Foi na articulação regionalista das elites dos estados que viviam das atividades agrícolas, notadamente do açúcar e do algodão, preteridas pelo Estado Nacional, quanto à sua política fiscal, de créditos, de obras públicas, que favoreceriam principalmente a área cafeeira, — aliada às reivindicações no sentido de "solucionar o problema da seca", principal argumento político de que estas elites dispunham para reivindicar obras públicas e investimentos, desde que a partir da seca de 1877-79 haviam descoberto o potencial político deste tema —, que a ideia de Nordeste foi sendo gestada.<sup>2</sup>

- O termo Nordeste, que inicialmente designava, apenas, a área de atuação da Inspeção de Obras Contra as Secas, simples ponto colateral, vai ganhando, nos discursos destas elites, conteúdo histórico, cultural, econômico, político e até artístico.<sup>3</sup> O Nordeste é então inventado como
2. Sobre a emergência da seca como um problema regional, ver: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Falhas de assistência e de agricultura: a seca no imaginário nordestino — de problema à solução (1877-1922)*, Campinas, UNICAMP, 1988 (Dissertação de Mestrado).
  3. Sobre a emergência do recorte regional Nordeste, ver ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, Recife, Massangana, 1999.

espaço regional. Inicialmente o termo aparece sempre vinculado aos dois temas que mobilizavam as elites desta área do país, naquele momento, e que fizeram emergir a ideia de Nordeste: a seca e a crise da lavoura.<sup>4</sup>

O Congresso de Agricultura do Nordeste Brasileiro, do estudo das condições de produção agrícola desta zona do país, conclui preliminarmente, que a agricultura dos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, acha-se sob a pressão de duas causas principais, que entorpecem a referida produção, e impedem em absoluto o seu desenvolvimento:

I — a falta de transportes regulares dos produtos agrícolas nas desorganizadas e decadentes vias férreas da Great Western; insuficiência de capital de movimento.

A Comissão Especial da Câmara, nomeada por indicação do deputado parabaiano Sr. Otacílio Queiroz de Albuquerque, para examinar o angustioso problema das secas do nordeste brasileiro e aproveitados os bons estudos a respeito propôs (...)

— a adoção de medidas que resolvam satisfatoriamente o referido problema (...).<sup>5</sup>

Já o tipo regional nordestino vai sendo elaborado, ao longo dos anos 20, na confluência de um discurso político e de um movimento cultural regionalista, que tem como centro a cidade do Recife, para onde acorria grande parte dos filhos das elites agrárias dos Estados que eram identificados como pertencendo ao Nordeste. Este regionalismo político se manifestava de forma crescente entre as elites dos Estados do Norte, notadamente aquelas vinculadas à produção dos principais produtos agrícolas, o açúcar e o algodão, desde pelo menos o final do século anterior, quando a realização do Congresso Agrícola do Recife de 1878 explicitou as divergências de interesses entre esta área, em declínio econômico e político, que se acentuou com a Abolição da escravidão, na década seguinte, e a emergente área cafeeicultora do Sul do país. Porém, neste começo de século, com a instalação do amplo federalismo republicano, este regionalismo tende a se

4. N/a. "Congresso da Lavouara do Nordeste Brasileiro", *Diário de Pernambuco*, Recife, 19/12/1922, p. 1, c. 4.
5. N/a. "Congresso de Agricultura do Nordeste Brasileiro", *Diário de Pernambuco*, Recife, 17/01/1923, p. 3, c. 3; N/a. "Contra o flagelo das secas — Problema do Nordeste na Câmara Federal", *Diário de Pernambuco*, Recife, 15/11/1919, p. 2.

acentuar à medida que o novo regime é acusado de privilegiar os interesses econômicos e políticos de algumas áreas do país em detrimento de outras. A regionalização econômica e política do país é vista como inevitável, cabendo aos estados com identidades de interesses se aliarem no sentido de atuarem em conjunto no plano federal:

Em outubro próximo, Recife será sede de um congresso regional reunido especialmente para tratar das questões relativas ao Nordeste. Organizarão-se os programas de trabalhos, com aproveitamento de assuntos que interessam a Pernambuco e seus vizinhos, identificados todos eles numa semelhança de vida e de orientação criadora desse vínculo poderoso, que é a comunidade de interesses.<sup>6</sup>

Esta articulação regional das elites dos Estados que estavam economicamente ligados a Pernambuco se deu, não apenas no sentido de defenderem seus interesses junto ao Estado Nacional, enfrentando assim unidas às outras elites regionais do país, mas também para se defenderem das ameaças à sua dominação, que grassavam na própria região, como a representada pelo cangaço, que nos anos 20 alcança, com o grupo de Lampião, maior visibilidade e parece representar um perigo cada vez maior para a ordem social. Como os grupos de cangaceiros não respeitavam as fronteiras estaduais, circulando numa área que ia da Bahia ao Ceará, e as voltantes que os perseguiram tinham que respeitar estas fronteiras, em 1926, o governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, toma a iniciativa de fazer uma reunião com os chefes de polícia de todos os Estados onde os cangaceiros atuavam, para que aqueles se articulassem e que as voltantes policiais pudessem agir em conjunto, não respeitando fronteiras estaduais, inaugurando, assim, o que poderíamos chamar de uma atuação regional da repressão policial.<sup>7</sup>

Mas a grande novidade do regionalismo nordestino é que ele se caracteriza por uma ampla militância cultural e intelectual no sentido de definir a região e seu habitante. O Movimento Regionalista e Tradicionalista, encabezado por Gilberto Freyre, que volta dos Estados Unidos, no início dos anos 20, tem na fundação do Centro Regionalista do Nordeste, no

6. N/a. "Partidos regionais", *Diário de Pernambuco*, Recife, 15/04/1925, p. 3, c. 4.

7. N/a. "Combate ao banditismo", *Diário de Pernambuco*, Recife, 29/12/1926, p. 1, c. 2.

ano de 1924, o seu ponto de partida. O Centro congrega inicialmente políticos e intelectuais pernambucanos ou dos estados vizinhos, que moram em Recife, mas paulatinamente vai recebendo filiações de figuras expressivas da política e da intelectualidade de todos os Estados que são identificados como nordestinos. Ele se torna o locus institucional do que Freyre denominou de discurso regionalista e tradicionalista e, ao lado do Iprocs, importante centro de distribuição de sentido para o ser Nordeste e o ser nordestino:

Em reunião, segunda-feira, na residência do Dr. Odilon Nestor ficou estabelecida, em traços gerais a ideia da fundação, no Recife, de um Centro Regionalista.

Presentes os Srs. Dr. Odilon Nestor, Dr. Amaury de Medeiros, Dr. Alfredo Freyre, Dr. Antônio Inácio, Dr. Luiz Cedro, Dr. Carlos Lyra, coronel Pedro Paranhos, Dr. Anibal Fernandes, Dr. Ulysses Pernambucano, Moraes Coutinho e Gilberto Freyre. Foi aclamado presidente o Dr. Odilon Nestor, a quem se deve a iniciativa da reunião.

Propõe-se o Centro a exercer vira ação intelectual e social, uma vez congregados, em seu meio, os elementos mais representativos da cultura do Nordeste. Anima-o o largo patriotismo nordestino, que se exprime na defesa de nossas coisas e das nossas tradições, no aproveitamento delas como motivo de arte, no desenvolvimento dos interesses do Nordeste, região cujas raízes naturais e históricas se entrelaçam e cujos destinos se confundem num só.<sup>8</sup>

Já em sua primeira reunião o Centro define sua linha de atuação que tem como eixo norteador uma militância cultural para definir o que seria o Nordeste e o que caracterizaria o nordestino. Em sua segunda reunião é aprovado o programa do Centro que ficou assim definido:

1 - O Centro Regionalista do Nordeste com sede no Recife, tem por fim desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste, há tão claramente características na sua condição geográfica e evolução histórica, e, ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus diversos aspectos: sociais, econômicos, culturais.

8. N/a. "Centro Regionalista do Nordeste", *Diário de Pernambuco*, Recife, 28/04/1925, p. 3, c. 4.

2 - Para isto será o Centro construído e organizado dentro do espírito de comunhão regional, aproveitando os bons elementos da inteligência nordestina, com exclusão de qualquer particularíssimo provinciano, quer quanto às coisas, quer quanto às pessoas.

5 - A fim de congregar os elementos da vida e da cultura nordestina, o Centro procurará:

- a) organizar conferências, exposições de arte, visitas, excursões;
- b) manter em sua sede biblioteca e sala de leitura, onde se achem representadas as produções intelectuais do Nordeste no passado e no presente;
- c) promover a cada ano ou de dois em dois anos em uma cidade do Nordeste, um congresso regionalista;
- d) editar uma revista de alta cultura "O Nordeste", dedicada especialmente ao estudo das questões nordestinas e ao registro da vida regional.<sup>9</sup>

O regionalismo passa a ser apresentado como uma nova forma de pensar a realidade nacional e como a nossa forma própria de produzir cultura e arte. Nossa própria história, pelo seu desenvolvimento em áreas apartadas do território nacional, pela própria ação regionalizadora da colonização portuguesa, que combatia a formação de uma consciência nacional na colônia, nos teria dado, muito cedo, uma consciência regional e formas regionais de expressão de cultura. À medida que, desde o século anterior, a imigração estrangeira modificava profundamente a cultura do Sul do país, o Nordeste veio a se constituir na expressão do que havia de mais brasileiro, daquela civilização tropical criada pelo encontro das três raças formadoras da nacionalidade.<sup>10</sup>

Aviva-se entre os nordestinos a consciência de representarem um Brasil mais brasileiro que o representado pelo Rio, por exemplo: e sob essa consciência o desejo de procurarem animar a sua vida em expressões novas, modernas, atuais, do espírito tradicionalmente brasileiro.

Seria lamentável que o Recife se tornasse um segundo Rio em arquitetura, quando nas linhas tradicionais de suas casas e igrejas não lhe faltam sugestões

9. N/a. "Regionalismo e nacionalismo", *Diário de Pernambuco*, Recife, 29/08/1924, p. 3, c. 5; N/a. "Centro Regionalista", *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/05/1924, p. 1, c. 5.

10. FREYRE, Gilberto. "Ação regionalista no Nordeste", *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/02/1926, p. 3, c. 4.

para a nova edificação, por mais atual ou moderna que ela seja nos seus fins e propósitos.

Note-se, por exemplo, a influência do Rio sobre a cozinha regional no Nordeste. É melancólica.

Os usineiros e os negociantes de algodão aprendem a comer no Rio ou na Europa coisas de nomes franceses e voltam com vergonha de comer angu e manauê e tapioca.<sup>11</sup>

Este artigo de Freyre busca responder uma questão que passou a ser feita constantemente aos regionalistas e tradicionalistas: eles seriam separatistas? Freyre procura sempre responder que estávamos diante de um novo regionalismo, que não era mais provinciano em sua forma política, por isso tratava de congregar todos os Estados de uma região, nem era pitoresco ou exótico do ponto de vista cultural. Seria um regionalismo afirmativo, criador, que buscava não a separação política, mas o congregar de interesses de uma vasta área do país, conagraçamento que seria favorável ao próprio país, pois um país é formado de regiões e quanto mais fortalecidas estas estivessem, melhor seria. Falar de separatismo nordestino era tão estranho como falar de separatismo paulista, até porque, neste caso, interessava a São Paulo "espalhar o seu imperialismo econômico sobre outras áreas do país", o que seria também benéfico ao país à medida que contrabalçava o imperialismo americano e dava um choque de energia às partes menos enérgicas e passivas do país.<sup>12</sup> Era preciso clarificar cada vez mais o sentido do regionalismo nordestino:

Admira como senhores escritores que se julgam civilizados e universalistas tenham tão limitadas possibilidades mentais que não aprendam o alcance e nem mesmo a finalidade criadora da campanha regionalista. E já que escrevo para o "Diário", o iniciador desta nobre campanha reivindicadora, permita-me que lance aqui estes reparos, revelando a minha atitude em face do movimento e traduzindo, ao mesmo tempo, de par com as razões que a definem além do contingente pessoal, sugestões que parecem aproveitáveis.

Dizem os pseudonovos e emancipados que o tradicionalismo, o regionalismo, são, nada mais nada menos, que a self-indução da velha rotina, mascarando

11. FREYRE, Gilberto. "O Nordeste separatista?", *Diário de Pernambuco*, Recife, 26/03/1926, p. 3, cc 4 e 5.

12. Idem. "São Paulo separatista?", *Diário de Pernambuco*, Recife, 21/10/1926, p. 3, c. 5.

os intuítos para iludir melhor. Parecem que não repararam ainda, os tais senhores, terem estes movimentos reacionários, em todos os tempos e em todos os meios, as forças inteligentes mais representativas. É o que se dá com a presente campanha nordestina, posto que em suas hostes não se achem definitivamente organizadas, porque em período inicial. Tão em início está que a sua irradiação se faz ainda por movimentos concêntricos, partindo das colunas autorizadas deste severo órgão em artigos e editoriais, ou formados pelos mais reputados e realmente ilustres escritores.<sup>13</sup>

O artigo acima fala da importância da circulação do *Diário de Pernambuco* para a difusão do ideário regionalista e tradicionalista por toda a região. Muitos de seus correspondentes nos Estados passaram a integrar o movimento e enviar matérias sobre o tema para aparecerem no jornal. Seu proprietário, o Dr. Carlos Lyra Filho, foi um dos fundadores do Centro Regionalista. Quando das comemorações do centenário do *Diário*, em 1925, os membros do Centro elaboraram um encarte que circulou no dia do aniversário do jornal, chamado Livro do Nordeste, que é um dos mais importantes documentos desse processo de elaboração da identidade regional nordestina. Dele fazem parte artigos que abordam diferentes aspectos do que era definido como cultura nordestina e nels aparecem, por diversas vezes, descrições do que particularizava o nordestino, seja do ponto de vista físico, seja do ponto de vista psicológico, seja do ponto de vista cultural. Dizia o seu prefácio:

Com relação ao Nordeste, constitui este grupo de estudos pequeno esforço de estimativa em torno de alguns de seus valores mais característicos da região; pequeno inquérito das tendências da vida nordestina — a vida de cinco ou seis Estados cujos destinos se confundem num só e cujas raízes se entrelaçam — durante os últimos cem anos; espécie de balanço de nossas perdas e de nossos ganhos neste período.<sup>14</sup>

O artigo de João Vasconcelos define o movimento regionalista como um movimento reacionário ao que considerava tendências da perda da particularidade regional, de sua cultura própria, devendo empreender uma

13. VASCONCELOS, João. "Pelo regionalismo", *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/11/1925, p. 26, c. 1.

14. N.º. "O Livro do Nordeste", *Diário de Pernambuco*, Recife, 19/01/1926, p. 3, c. 2.

luta pela "verdadeira expressão na arte e na vida" do todo regional. Não se trataria de um movimento rotineiro, como o acusavam, mas visava, justamente, a quebrar a rotina de dependência à cultura estrangeira, europeia, que marcava nossa sociedade. Não se podia entender como os modernistas se propunham a renovar a arte nacional copando o "simbolismo francês". O que o regionalismo tradicionalista queria era que "viéssemos a nos conhecer, a respeitar nossa índole ao nos expressar culturalmente. Semos corajosamente nós mesmos, seguindo as sugestões diretas do meio em que vivamos". Dar-nos como a um indivíduo "uma personalidade viva e forte, uma fisionomia inconfundível, um todo inteiro e harmônico". Corrigindo o efeito dissolvente do cinema, produzindo uma arte nossa, que repercutisse nossos valores.<sup>15</sup>

Havia uma proposta clara, portanto, do movimento regionalista e tradicionalista de contribuir para traçar e fixar o perfil do homem da região, de dar a ele uma "personalidade", uma fisionomia<sup>16</sup>. Para isto incentivou que este regionalismo se explicasse em obras de arte, tanto no campo das artes plásticas, como na literatura, visando a "dar expressão ao regional". Era preciso, inclusive, educar o gosto da população, para que, em vez de admirar tudo que era estrangeiro, gostasse do que era regionalmente nosso. Era preciso que "a matutinha sonhadora do interior deixasse de se entusiasmar pelos heróis do faroeste americano e visse que a seu lado Zé Vaqueiro era capaz de inúmeras proezas, que ela desvalorizava por conviver com elas quotidianamente, e sem recorrer aos truques do cinema americano".

Explica-se: a matutinha não tem a exata concepção desses valores; falta-lhe uma consciência nítida do que seja a vida de um vaqueiro, na escala das

15. VASCONCELOS, João. *Op. cit.*

16. Entre 1830 e 1840 desenvolve-se na Europa o pensamento fisiognômico moderno que tem como fundador Johann Caspar Lavater, que define: "A fisionomia é a ciência de conhecer o caráter (não os destinos alatórios) de um ser humano *lato sensu* a partir de seus traços exteriores; a fisionomia *lato sensu* seria, portanto, os traços exteriores do corpo e dos movimentos de um ser humano, na medida em que, a partir daí, é possível conhecer algo de seu caráter". Este tipo de saber nasce da crescente ansiedade social diante do espetáculo das multidões e do anonimato que estas proporcionavam aos seres considerados perigosos e da necessidade de se desenvolverem formas de saber que pudessem ajudar na identificação destes indivíduos ameaçadores. Ver: BOLLI, Willi. *Op. cit.*; HAROCHE, Claudine; COURTINE, Jean Jacques. *Op. cit.*

realizações, e do que sejam os fazedores de fita com as suas proezas de curto fôlego.

Ninguém procurou ainda mostrar-lhe a profunda diferença entre o amável e insidioso fascínio das miragens e as contingências enobrecedoras da realidade.<sup>17</sup>

O movimento regionalista e tradicionalista investe, portanto, no sentido de definir o que seria a realidade nordestina e a sua diferença em relação aos simulacros de realidade que eram oferecidos pela vida moderna, pelo cosmopolitismo urbano. O movimento se caracteriza, pois, por tentar ancorar a realidade regional e a definição da fisionomia de seu habitante no passado, um passado definido como tradicional, passado rural, quando não escravista e que Freyre define como patriarcal. O nordestino será inventado, será definido em seus traços físicos e psicológicos, em grande medida, pela produção cultural e artística vinculada a este movimento. Nos anos 30, com a publicação das obras clássicas da sociologia nacional de Gilberto Freyre, e de toda uma produção artística, literária e ensaística sob sua inspiração e patrocínio, a figura do nordestino se afirmará definitivamente como um tipo regional brasileiro.<sup>18</sup>

Ainda nos anos 20, são patentes os sinais de que a campanha regionalista está tendo sucesso em fixar o Nordeste como um novo recorte regional no país: em 1922, ao concorrer à cátedra de geografia do Ginásio Pernambucano, Agamenon Magalhães escreve uma tese com o título *O Nordeste Brasileiro*, primeira obra que teria este título e que trata de definir os aspectos físicos e humanos desta região; em 1925, é exibido um filme com o título *O Nordeste Brasileiro*, que pretende mostrar "o Nordeste com seus curiosos aspectos, usos e costumes"; em 1927, surge, em Maceió, um jornal com o título *O Nordeste*. Este não seria, no entanto, o primeiro periódico a ter esse título; já em 1922, surgira em Fortaleza, um jornal vinculado à Igreja Católica, que recebeu o nome de *O Nordeste*. *O Diário de Pernambuco* saúda assim seu aparecimento:<sup>19</sup>

17. VASCONCELOS, João. *Op. cit.*

18. Podemos dizer que este movimento regionalista e tradicionalista investe naquilo que podemos chamar de invenção das tradições para se contrapor às mudanças que estavam ocorrendo na sociedade brasileira neste momento. Ver: HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *Op. cit.*

19. MAGALHÃES, Agamenon. *O Nordeste Brasileiro*. 2. ed. Recife: Departamento de Cultura/ Governo do Estado, 1970; *Diário de Pernambuco*, 3 e 4/08/1925, p. 8; *Diário de*

O novo diário que se apresentou com feição material toda nova fez sua profissão de fé dizendo-se consagrado aos interesses legítimos de uma vasta região de nossa querida pátria, região escaldada de sol, em que brasileiros sofrem periodicamente, a implacável hostilidade da natureza, ainda de todo não dominada pela inteligência e pelo esforço do homem.

Nordeste propugna o levantamento moral, social, político, econômico, intelectual deste trecho importantíssimo de nosso país, a que somente tem faltado, por parte dos governos, auxílio eficaz, inspirado na compreensão nítida da necessidade humanitária e imperiosa de assegurar às nossas terras admiráveis "o elemento que, nos anos normais, faz a sua surpreendente fertilidade".<sup>20</sup>

Esta campanha regionalista procura convencer a todos de que "o Nordeste não é uma palavra inútil e vã", corresponderia a "um sentimento de profunda unidade, aproximativo da população de diversos Estados". O sentimento de nordestinidade, que esses discursos procuram criar, nasceria da certeza da unidade regional e de seus habitantes, marcados por acontecimentos históricos comuns, como o da expulsão dos holandeses, que teriam servido para sedimentar, nos nordestinos, o sentimento de brasilidade e de regionalidade. Para divulgar e sedimentar a identidade regional nordestina e definir o perfil de seus habitantes, os membros do Centro Regionalista não apenas publicam artigos e obras de "interesse regional", como promovem uma série de "eventos regionalistas", práticas discursivas e não discursivas que fixam a ideia de região, e que traçam uma fisionomia para seus habitantes, além de organizarem o que seria uma "cultura regional".<sup>21</sup>

Logo que é fundado, o Centro Regionalista nomeia uma comissão composta por Amaury Medeiros, Aníbal Fernandes e Gilberto Freyre, que se encarrega da propagação da ideia regionalista no Nordeste. "Discutiram um meio de entrar o Centro em imediato acordo com os elementos representativos dos demais estados do Nordeste. Lembrou o

*Pernambuco*, 14/07/1927, p. 4, c. 2; N/a. "O Diário no Ceará - O Nordeste aparece", *Diário de Pernambuco*, Recife, 20/07/1922, p. 3, cc. 4 e 5.

20. N/a. "O Diário no Ceará - O Nordeste aparece", *Diário de Pernambuco*, Recife, 20/07/1922, p. 3, cc. 4 e 5.

21. N/a. "O Livro do Nordeste", *Diário de Pernambuco*, Recife, 19/01/1926, p. 3, c. 2. Para as noções de prática discursiva e não discursiva, ver: FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*.

Sr. Gilberto Freyre que os organizadores do Centro escrevessem a seus amigos nordestinos, simpáticos ao programa do Centro, sugerindo a estes amigos que agitem a ideia regionalista e procurem organizar nos respectivos Estados, com elementos representativos, grupos regionalistas, formando-se por esse meio uma federação que venha a permitir uma verdadeira ação em conjunto". Enquanto esses grupos não se organizassem nos próprios Estados, era conveniente que o Centro aceitasse adesões diretas de outros Estados, o que passou a acontecer com frequência. A cada nova reunião do Centro, que ocorria na casa do Dr. Odilon Nestor, todas as sextas-feiras, acompanhada de azeites da culinária regional, anunciavam-se novas adesões vindas dos Estados vizinhos.<sup>22</sup>

O Centro passa a oferecer a personalidades que o visitam: "almooços regionais", excursões a locais "regionalmente significativos", como cidades históricas, velhos engenhos, igrejas coloniais, tudo acompanhado de uma "orquestra típica", tocando música regional. Realizam-se exposições regionais de artes plásticas. Os filiados de outros Estados são sempre recepcionados no porto pela direção do Centro. Resolve-se, por fim, promover entre os dias 3 e 9 de novembro de 1924 a "Semana da Árvore", que consistiria em durante seis dias realizar conferências sobre as árvores nos principais colégios do Recife, publicarem-se em jornais editoriais e artigos sobre as árvores e promover três concursos, com o prêmio de 50\$000 para cada um: a mais bela fotografia de árvore nordestina; o melhor poema sobre árvore nordestina; o melhor desenho ou a melhor caricatura de propaganda de culto à árvore. Nessa oportunidade a jaqueira foi escolhida como a "árvore regional".<sup>23</sup>

Era do programa um almooço regional ao distinto urbanista que ora nos visita e o ponto escolhido para esse ágape foi o engenho Monjope, uma das mais antigas propriedades agrícolas de Pernambuco e cuja casa-grande — palacete que mereceu da Providência ainda conserva um estilo puramente colonial foi o luxuoso solar do barão de Vera Cruz, autêntico Carneiro da Cunha, doutor de borla e capelo, político de prestígio (...).

22. N/a. "Centro Regionalista do Nordeste", *Diário de Pernambuco*, Recife, 11/05/1924, p. 5, c. 2.  
23. FREYRE, Gilberto. "Urbanista Alfred Agache", *Diário de Pernambuco*, Recife, 06/09/1927, p. 1, c. 3; N/a. "Centro Regionalista — A instituição da Semana da Árvore", *Diário de Pernambuco*, Recife, 17/08/1924, p. 1, c. 6; N/a. "Exposição regional de pinnares", *Diário de Pernambuco*, Recife, 20/10/1926, p. 4, c. 7.

Depois de ligeiro passeio pelo engenho, do banho de piscina em que aproveitaram parte do leite do riacho Monjope, foi servido o almooço em duas mesas que se repetiram — uma suculenta buchada de cabrito, regada a monjopina e água de coco verde, frutas regionais, canjica e tapioca à sobremesa. Durante o almooço, uma orquestra típica — bandolim, cavaquinho, violões e pandeiro — tocou sambas e maxixes e foram acompanhadas algumas modinhas. Curioso, o prof. Agache pedia explicações sobre o que via e o que comia. O Dr. Odilon viu-se abordado para dar-lhe, em francês, a palavra correspondente a cavaquinho e maiores embaraços teve o Dr. Costa Carvalho para um termo exato que significasse buchada.<sup>24</sup>

A atuação do Centro Regionalista repercutiu até no carnaval pernambucano de 1926. Um autor, que preferiu ficar no anonimato, assinando apenas C. S., compôs uma marchinha carnavalesca chamada *Cordão... regional*, que satirizava a atuação do Centro e de cada um de seus membros, o que serviu para mostrar que havia quem visse com ironia esse regionalismo militante, já no seu nascedouro:

Vai fazer grande sucesso/ este cordão regional/ constituído em Congresso/ nos dias de Carnaval.  
Bonito como uma flor/ de pé de maracujá/ Doutor Odilon Nestor/ é do cordão o papá. (...)  
Porta estandarte é o Gilberto/ que o frevo e os outros 'passos' mais/ aprendeu por ser esperto/ ali no clube das Pás.  
Quando há mesas bem servidas/ ninguém como ele, ninguém/ entre tanto nas 'comidas'/ e nas bebidas também. (...)  
Hardman tem comprovada/sua regional tradição/ sempre plantou manga espada,/ abacaxi e feijão.<sup>25</sup>

A marchinha se refere ao fato de que naquele mês de fevereiro de 1926, entre os dias 7 e 11, em pleno carnaval pernambucano, se realizava o evento que foi o ponto alto deste movimento regionalista e tradicionalista, o Congresso Regionalista, que reuniu em Recife, na secular Faculdade de Direito, intelectuais e políticos dos vários Estados que se estavam definindo

24. FREYRE, Gilberto. "Urbanista Alfred Agache", *Diário de Pernambuco*, Recife, 06/09/1927, p. 1, c. 3.  
25. C. S. "Cordão regional", *Diário de Pernambuco*, Recife, 14/02/1926, p. 8, c. 3.

como nordestinos, visando a "clarificar a ação regionalista". A programação do Congresso constava de uma sessão de abertura onde falaria o Dr. Moraes Coutinho; almoço aos congressistas no salão de conferências do Departamento de Saúde e Assistência, falando o Dr. Amary Medeiros; visitas a sítios, igrejas etc., de interesse artístico ou histórico, edifícios públicos etc.; visitas a Olinda e a outros municípios do Recife, encerrando-se com um jantar que seria "rigorosamente regionalista".<sup>26</sup>

É justamente neste período, que vai de 1924 a 1930, que se intensificam as discussões em torno do homem nordestino, da definição de suas características antropológicas, etnográficas, culturais etc. O tipo nordestino começa a se definir mais claramente a partir desta militância regionalista e tradicionalista. Este será definido, portanto, como um tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo. Um passado patriarcal, que parecia ser substituído por uma sociedade "matriarcal", efeminada. O nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histérica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava.

Parece-me, portanto, que o nordestino é inventado como um tipo regional, como uma figura que seria capaz de se contrapor às transformações históricas em curso, desde o começo do século, que eram vistas como feminizadoras da sociedade e que levavam a região ao declínio. Faltava à região o resgate de um modelo de masculinidade e virilidade que, no passado, teria garantido a predominância econômica e política desta área, no país. Era preciso resgatar o patriarcalismo, não apenas como modelo familiar e de relação entre os "sexos", mas como ordem social. O Nordeste precisava de um novo homem capaz de resgatar esta virilidade, um homem capaz de reagir a esta feminização que o mundo moderno, a cidade, a industrialização, a República haviam trazido. Era preciso militar no sentido de se constituir um novo tipo regional que, imbuído deste sentimento, fosse capaz de superar o depauperamento que as novas gerações das elites

26. N/a. "Congresso Regionalista do Nordeste", *Diário de Pernambuco*, Recife, 31/01/1926, p. 1, c. 2.

não vinham demonstrando capacidade, fibra, firmeza, potência, para sustar. Por isso, o nordestino vai ser construído como uma figura masculina, o nordestino vai ser definido como o macho por excelência, capaz de revivificar uma região que precisava reagir, região estuprada e penetrada por interesses e valores estranhos:

O Sr. Gilberto Freyre pediu a palavra para protestar contra o recente decreto do poder Executivo que vem ferir tão de perto a economia e dignidade do Nordeste:

'Salve-se ao menos nossa mocidade da pecha de passivos perante ditaduras caricaturais; salve-se ao menos nossa inteligência. A medida de exceção que aquele ucasse representa não viria somente atingir, uma vez posta em prática, os interesses particulares dos açucareiros. A medida, nas suas últimas consequências, viria a atingir todos os nordestinos.

Tanta refração de personalidade tem o Nordeste sofrido nestas três últimas presidências que é tempo de um lampejo, ao menos, de reação viril. Não devemos continuar moles provincianas lacerias. Não devemos continuar nessa política de plásticas contemporizações com os excessos do governo central - política que nos vai reduzindo a uma tão triste caricatura do que fomos!<sup>27</sup>

O urbanismo depaupera, exaur, desola, extingue a nacionalidade brasileira. A defesa dos sertões não é só uma necessidade étnico-social, como uma exigência irrecusável ao desenvolvimento econômico do país.<sup>28</sup>

A emergência histórica da identidade regional nordestina, do tipo regional nordestino parece estar ligada, portanto, às mudanças que se operavam nas relações de gênero, neste espaço, notadamente nas cidades e que eram vistas como mudança nos sexos. O nordestino emerge, pois, como uma razão conservadora às transformações que ocorriam nos lugares que eram definidos social e culturalmente para homens e mulheres. O nordestino em seu nascedouro já será uma figura reacionária em relação a qualquer mudança que pudesse ocorrer nas identidades e nos papéis que eram definidos para os gêneros. O nordestino será inventado como o macho por excelência, a encarnação do falô, para se contrapor a este

27. N/a. "Centro Regionalista - A semana de ontem", *Diário de Pernambuco*, Recife, 05/07/1924, p. 4, c. 5 e 6.  
28. MAGALHAES, Agamenon. *O Nordeste brasileiro*, p. 89.



processo visto como de feminização, pensado como ameaçador, em última instância, para a própria região. A relação entre masculinidade e poder fica assim explicitada, ou seja, a feminização do espaço regional significava, segundo estes discursos, a perda de poder em nível nacional, a impotência.<sup>29</sup>

A construção da figura do nordestino é pensada como uma "reação viril" à passividade desta região e de suas elites. Ela é feita pelo discurso das elites regionais, na defesa de seus interesses, como as próprias palavras de Freyre acima deixam bem claro. Na elaboração deste tipo regional, saberes de matrizes diferentes e distintas estratégias políticas vão confluir. Para a construção desta figura regional única devem-se agregar, em sua composição, elementos dos tipos regionais que o antecederam: o sertanejo, o prateiro, o brejeiro, ou mesmo traços de figuras sociais que não haviam chegado ainda a se constituir em tipos como: o senhor de engenho, o cangaço, o coronel, o vaqueiro, o matuto, o jagunço, o retirante, o caboclo, dissolvendo a particularidade destes em seu interior. Como várias destas identidades haviam sido forjadas ao longo do século XIX, notadamente em sua segunda metade, ou mesmo no princípio do século XX, a influência de saberes de matriz naturalista, positivista ou social-darwinista era marcante em sua composição. Ao incorporar elementos dessas figuras regionais anteriores, o nordestino será descrito, muitas vezes, a partir desses mesmos pressupostos, embora contradiatoriamente estivesse surgindo num momento em que se começava a fazer a crítica ao determinismo racial ou geográfico na definição dos traços físicos, psicológicos e sociais dos grupos humanos.

Por isso, a elaboração da figura do nordestino se dará pelo cruzamento de discursos que o pensam, ainda, a partir de conceitos, temas e enunciados vinculados à formação discursiva naturalista, com discursos que o pensam a partir de conceitos, temas e enunciados vinculados à formação discursiva nacional-popular, de matriz culturalista.<sup>30</sup> A figura do nordestino oscila, pois, entre um homem definido pela influência de um determinado tipo de composição racial, um determinado biotipo, um tipo que se discute se

29. A masculinidade e a feminilidade são pensadas neste trabalho como construções históricas de lugares de sujeito, de identidades e de papéis que são apreendidos pelos indivíduos em seu processo de socialização. Ver: BARRANCO, Dora (Org.). *História y género*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1993. Para a relação entre masculinidade e poder, ver: BORDIEU, Pierre. *A dominância masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

30. Sobre formação discursiva naturalista e formação discursiva nacional-popular, ver: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*.

é eugênico ou não, entre um homem que é definido pela influência de um meio ou natureza particular, um homem relúrico, ou entre um homem que é definido pela influência de uma história civilizacional e cultural particular. Estes pontos de vista não necessariamente se excluem e, o mais comum, é encontrarmos, num mesmo discurso, enunciados naturalistas e culturalistas, convivendo lado a lado.

Porém, quando dizemos homem nordestino, não é apenas porque estamos reproduzindo a generalização do discurso humanista, em que a palavra homem serve para se referir a toda a espécie, o que já é sintomático de que este homem em geral também é pensado no masculino, mas é porque os discursos que analisamos não deixam dúvida de que o homem nordestino é um homem, ou seja, é macho, é pensado no masculino, não há lugar para o feminino nesta figura.<sup>31</sup> No Nordeste, até as mulheres seriam masculinas, como pareciam queixar-se cada vez mais os próprios discursos masculinos na região. Seja por motivos eugênicos, relúricos ou histórico-culturais, o nordestino é definido como cabra macho, é um cabra da peste, homem de fibra, uma reserva de virilidade nacional!<sup>32</sup>

## 2) UM HOMEM EUGÊNICO

O discurso eugenista estivera na base da construção dos tipos regionais que serão incorporados à figura do nordestino. Ainda o encontramos presente em muitos dos discursos que foram elaborando o novo tipo regional, que seria uma síntese destes. Pensamentos como o de Gobinou, Lombroso, Agassiz, Gustave Le Bon, Spencer, Darwin, Taine,

31. A categoria filosófica *homem*, que emerge na modernidade para falar da transcendência das ações e pensamentos da nossa espécie, e que é a base do pensamento humanista e das ciências humanas, seria uma categoria também generalizada, ou seja, ela excluiu o feminino; ao falarmos de homem estaríamos falando do masculino. Para esta discussão, ver: KLEIN, Melanie. *Obras completas*. Buenos Aires: Paidós-Horme, 1980; BÄDINTER, Elizabeth. *XY: a identidade masculina*. ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de si*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

32. É bastante variada a produção artística e literária que reafirma e reproduz esta imagem do nordestino como cabra macho, cabra da peste, um homem rústico, viril, violento, rude, até os nossos dias, e esta imagem tem ampla circulação social em todo o país, sendo, muitas vezes, ponto de partida para uma visão preconceituosa e estigmatizante do habitante do Nordeste. Ver: SOUTO MAIOR, Mário. *Como nasce um cabra da peste*. 2. ed. Recife: Edições Grumete, 1984; MOTA, Leonardo. *No tempo de Lampião*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1967; FEITOSA, C. A. *Mulher macho, sim senhor*. São Paulo: Cortez, 1980.

Haecckel, associados a seus mais famosos divulgadores no Brasil: Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Sílvio Romero e Oliveira Vianna, aparecem, insistentemente, como referências em discursos que procuram definir o que seria a "raça" regional, seu tipo médio, suas características somáticas e psicológicas. Estes discursos buscam encontrar, no que chamam de "etnogênese" do homem nordestino, a explicação para suas atitudes, valores, hábitos e para o próprio atraso do homem regional.<sup>33</sup>

O discurso eugenista, de base evolucionista, defendia a ideia fundamental de que era a constituição biológica do homem que determinava outras características humanas, como comportamentos e valores. O homem deveria conhecer "as leis fundamentais, imutáveis e inflexíveis da Biologia, a ciência da vida," que eram a primeira condição de todo ser organizado, para que tivesse condições de uma vez nela educado, saber dirigir a sua vida de maneira a se tornar útil para a vida social. À desobediência destas leis devia a humanidade "todos os males que sofre, tendo chegado a tal grau de degeneração que provocou de Galton, sábio fundador da eugenia, este doloroso e infelizmente verdadeiro conceito: 'A degeneração da raça humana é um fato evidente que não devemos ocultar, ao qual é preciso urgentemente dar remédio, se não quisermos que, por incuria ou relaxamento, nossos filhos sejam irremediáveis, chegando ao limite extremo de depauperamento físico e mental". Todos os seres do universo estariam subordinados à lei suprema do "ritmo vital". A Natureza seria ordem, harmonia e equilíbrio, a que todos os outros seres obedeceriam. Só o homem, com a presunção de querer corrigir, emendar ou aperfeiçoar a obra divina, desobedeceria a esta ordem universal, causando todo tipo

33. Ver: GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*. Paris: Gallimard-Picade, 1983 (1 ed.: 1853); LOMBROSO, Cesare. *Uomo delinquente*. Roma: s/e, 1876; AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil (1855-1856)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: edusp, 1976; LE BONN, Gustave. *Les lois psychologiques de l'évolution des peuples*. Paris: s/e, 1902; SPENCER, Herbert. *Principles of biology*. Londres: W. Norgate, 1866; DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. São Paulo: Hemus, 1968 (1 ed.: 1859); TALINE, Hippolyte. *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: s/e, 1923; HAECKEL, Ernesto. *Histoire de la création des trois règnes, d'après les lois naturelles*. Paris: C. Reinwald, 1884; CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Cultrix, 1973 (1 ed.: 1902); RODRIGUES, Nina. *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*. Salvador: Progresso, 1957 (1 ed.: 1894); ROMERO, Sílvio. *O evolucionismo e o positivismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Avares e C., 1895; *O Brasil social*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1907; VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952 (1 ed.: 1918).

de desastres individual, familiar ou social, o que modernamente o estava levando à degradação, não apenas física, mas moral e psíquica. A evolução sociológica de um povo estava determinada por sua evolução biológica.<sup>34</sup>

Devemos todos nos compenetrar de que cada um de nós é não só um membro da família, como da raça e da humanidade, que herda dos progenitores e ascendentes qualidades e defeitos físicos e psíquicos, e transmitem a herança, melhorada ou piorada, aos descendentes. Que, ao nascer, o homem toma o que lhe dão, e ao reproduzir transmite o que herdou e adquiriu; que está nas suas mãos selecionar e apurar as qualidades e eliminar os defeitos e vícios.

As leis biológicas da hereditariedade, da evolução, do crescimento, do desenvolvimento e função oportuna dos órgãos, da autonomia de trabalho e interdependência e solidariedade de funções orgânicas, são fatais e inflexíveis. Delas decorrem naturalmente: 1) Os deveres individuais, o interesse pelo próprio desenvolvimento físico; 2) os deveres interindividuais, consistindo ao respeito pela vida e saúde do outro; 3) Os deveres do indivíduo em relação a espécie, pela preparação do casamento, tendo em vista uma hereditariedade melhorada; 4) Os deveres do indivíduo para com a sociedade, em que se incluem a moral social, a assistências social aos sãos e aos doentes, os deveres para com a pátria e a defesa contra os criminosos, os sociais e os antissociais.<sup>35</sup>

Neste discurso, portanto, o homem era determinado por sua constituição biológica e a grande controvérsia era se este teria ou não condições de vir a alterar sua condição física, psicológica ou social, a despeito das determinantes eugênicas. A eugenia, embora considerasse haver entre as raças certa hierarquia, existindo raças superiores e inferiores, apostava na possibilidade da melhoria da raça, à medida que acreditava na hereditariedade dos caracteres adquiridos. O conceito de hereditariedade sofre uma ampliação para abarcar, além da transmissão de caracteres genéticos, a transmissão de características psicológicas ou subjetivas e características culturais, histórica e socialmente aprendidas.

Estas formas de pensamento parecem buscar na natureza, pensada como regida por leis fixas e evolutivas, a garantia de um núcleo permanente e estático para a realidade, que vinha se alterando de forma

34. PENNA, Belisário. "Eugenia", *Diário de Pernambuco*, Recife, 05/09/1926, p. 3, c. 4. Ver: GALTON, Francis. *Herencia y eugenia*. Madrid: Alianza Editorial, 1988 (1 ed.: 1869).

35. Idem.

veloz na sociedade moderna e industrial. O pensamento naturalista busca a garantia da existência de uma realidade primeira, objetiva, ordenada que se contrapusesse ao fluxo, à mutabilidade e ao caos que se enxergava na nova realidade social. A ansiedade social gerada pela consciência crescente da historicidade e efemeridade de todas as coisas parece inspirar esta volta à natureza e a busca de encontrar nela elementos que expliquem de forma racional e previsível as reações humanas, seus comportamentos, valores, atitudes e reações. Procura-se dar consequência científica à própria noção de natureza humana elaborada pelos Iluministas e a partir dela traçar políticas de controle e disciplinarização do espaço urbano e das populações, observando as leis eugênicas.<sup>36</sup>

A não observância das leis eugênicas por parte dos indivíduos, das famílias e das instituições sociais era responsabilizada por tudo o que se considerava problemas sociais: "a ociosidade, a doença, o desprezo pela higiene física, mental e moral, as intoxicações voluntárias euforísticas, o suicídio, os atentados contra os bens, os direitos e a vida do próximo, o homicídio, o egoísmo, a falsa concepção de casamento, a viciação da hereditariedade, o amor ao luxo, a concupiscência, a prostituição pública e clandestina, o jogo, a imoralidade, o latrocínio, a mortalidade infantil, a degradação da família, a irreligiosidade, o desprezo pela higiene e saúde públicas, o antipatriotismo, a corrupção, o suborno, a tirania, o pavor à liberdade e à verdade e a substituição do direito e da justiça pelo uso da força".<sup>37</sup>

Esse discurso eugenista já estava presente na Faculdade de Direito do Recife, onde se formava grande parte da intelectualidade ligada às elites regionais do Norte do país, e que foram os elaboradores da ideia de Nordeste, desde a década de 70 do século XIX, em que predominava o pensamento social-darwinista de Haeckel e Spencer. Este teria dado um sentido "científico" aos estudos jurídicos e favorecido interpretações metodologicamente "modernas" da vida social. Embora ligados às elites agrárias, esses intelectuais atuavam em um contexto urbano, o que os forçava a buscar novos paradigmas de interpretação da realidade local, diferente daqueles que haviam orientado a atuação política ou intelectual

36. Foucault elabora a noção de biopoder para entender esta nova forma de exercício do poder. Ver: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder. Resumo dos cursos do Collège de France, Em defesa da sociedade*.

37. PENNA, Belisário. *Op. cit.*

de seus pais. Grande parte do que as gerações anteriores haviam produzido de explicação sobre o homem da região passa a ser vista como mera "literatura", sem embasamento da ciência, em nome da qual se passa a exercer verdadeiro sacerdócio.<sup>38</sup>

A própria literatura regionalista, do final do século XIX, que participou ativamente não só da construção das identidades provinciais, mas da construção de tipos regionais, que serão incorporados ao nordestino, também estava vazada em modelos científicos naturalistas quando não românticos. Romances como *Atos de arribação*, de Antônio Sales, que tem como subtítulo: "um romance cearense" e que participa da elaboração da figura do retirante das secas e do sertanejo; *O Cabalinho* de Franklin Távora, o primeiro romance a tornar o cangaceiro um personagem de literatura; *Luzia Homem* de Domingos Olímpio, que participa da elaboração da figura da "mulher macho" sertaneja, e *O sertanejo*, de José de Alencar, por exemplo, fornecem imagens e enunciados de cunho determinista e racial que serão incorporados à figura do nordestino.<sup>39</sup>

O grande marco dessa literatura "científica", no entanto, será *Os sertões* de Euclides da Cunha. Do livro de Euclides, que procura definir os traços físicos e psicológicos do sertanejo, muitas imagens serão agenciadas no momento em que se vai falar sobre o nordestino, em que se investe na produção de uma dizibilidade e uma visibilidade para este ser regional. A força das imagens literárias euclidianas só podemos comparar a força das imagens sociológicas de Gilberto Freyre, embora tenham, em grande medida, matrizes teóricas diversas, no momento de definirem o que é o nordestino.

Uma tese de Euclides é especialmente cara aos regionalistas nordestinos, a de que a mestiçagem das três raças formadoras de nosso povo, o branco europeu, o negro africano e o indígena, variou em dosagem

38. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 24 e ss; VEIGA, Gláucio. *História das ideias da Faculdade de Direito do Recife*. Recife: Editora Universitária, 1980-81, 2 vol.; SAIDANHA, Nelson. *A Escola do Recife*. 2. ed. São Paulo: Convênio, 1985; PEREIRA, Nilo. *A Faculdade de Direito do Recife*. Recife: Editora Universitária, 1977; BEVILÁQUA, Clóvis. *História da Faculdade de Direito do Recife*. 2. ed. Brasília: INL, 1977.

39. SALES, Antônio. *Atos de arribação*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979; TÁVORA, Franklin. *O Cabalinho*. São Paulo: Ática, 1981; OLÍMPIO, Domingos. *Luzia Homem*. São Paulo: Editora Três, 1973; ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Ática, 1980.

em cada ponto do território nacional. Teria advindo daí a formação de sub-raças regionais, não existindo um tipo antropológico brasileiro. No entanto, como no Nordeste não teria havido transusão recente de sangue exótico, a sub-raça nordestina ia se tornando a única a guardar os traços da mestiçagem que originalmente dera origem ao povo brasileiro. A imigração europeia estava desnacionalizando a população do Sul, fazendo da sub-raça nordestina a genuinamente nacional, motivo pelo qual devia receber todas as atenções do Estado.<sup>40</sup>

Só que a tese de Euclides colocava também um problema para os elaboradores de uma identidade regional para o nordestino, era o fato de também se distribuir de forma distinta por sua área, podendo-se dividir a região em duas áreas etnográficas distintas: uma composta pelo litoral, pela mata e pelo agreste, onde predominaria a sub-raça formada majoritariamente pelo cruzamento do branco com o negro, e outra representada pelo sertão, onde predominaria a sub-raça formada pelo cruzamento do branco com o indígena, sendo o mulato e o caboclo ou mameluco os tipos raciais prevalentes em cada uma dessas áreas. Como pensar um tipo regional único se o Nordeste tinha pelo menos dois tipos raciais bem definidos? Qual seria o superior entre eles, do ponto de vista físico, moral e mental? Qual o tipo que deveria servir de exemplo e ser generalizado para toda a região? Estas eram as questões que pareciam nortear esse discurso regionalista de base eugenista.<sup>41</sup>

O que se colocava como problema, então, era a própria mestiçagem. Ao se examinar a realidade do Nordeste, região formada por uma população majoritariamente de mestiços, a grande questão a ser debatida, pelo discurso regionalista de base eugenista, era o estatuto racial e civilizacional de nosso homem. Uma população, com tal composição racial, seria capaz de retomar o crescimento econômico e sair da inferioridade política em que se encontrava? Ela favorecia a civilização? A decadência econômica, as precárias condições sociais e o atraso cultural deste espaço não se deviam à composição racial de seu povo?

40. CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 30. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 63. Ver: PONTES, Nerealdo. *Modernismo e Regionalismo*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

41. MAGALHÃES, Agamenon. *O Nordeste brasileiro*, p. 31.

As estratégias prevalentes no discurso eugenista nordestino foram ora afirmar que a mestiçagem melhorava a raça, porque o mestiço tendia a herdar os caracteres da raça superior, quase sempre a raça branca, ora afirmar que, embora fosse inferior ao negro na robustez corporal e na força física, o mestiço rivalizava, muitas vezes, com o branco na inteligência e nas aptidões técnicas e artísticas, o que era comprovado pela ascensão de vários deles a altas posições na administração e na política. Porém, o mais importante era que o mestiço, por tender a herdar de forma prevalente os caracteres da raça branca, em pouco tempo tenderia a retornar a esta raça. Mesmo não tendo sido a região beneficiada com a transusão de sangue branco, o branqueamento da população estaria garantido.<sup>42</sup>

A seleção, a grande lei da concorrência vital, expungirá através dos cruzamentos os vícios das raças em fusão, corrigindo e aperfeiçoando, modificando, adaptando. A adaptação; é a lei fundamental da etnologia moderna. Não há raças fortes, há raças contingentes aos climas, como observa um etnólogo. A hereditariedade fixa, mas a adaptação modifica, dizia Raul Azevedo.<sup>43</sup> Daí a tendência que nele se observa de regresso, pelo cruzamento, ao tipo de origem cujos caracteres lhe são predominantes. Essa tendência do mestiço que o traz em desequilíbrio, em luta com as forças hereditárias diversas, procurando eliminar os caracteres inferiores, é a seleção, é a raça que se procura fixar, adaptando-se e voltando ao tipo superior.<sup>44</sup>

Para construir a imagem de "uma raça forte e homogênea", o discurso regionalista nordestino de inspiração eugenista, quase sempre, privilegia a figura do sertanejo como aquele que expressava o futuro da raça regional, aquele que daria a virilidade necessária a esta região, que fora, até então, dominada pela gente do litoral. A figura do sertanejo nunca é tratada em termos de classe social, enquanto, ao se tratar do litoral, é preciso distinguir a elite aristocrática, branca, fidalga, que implantou a civilização na região e fora a construtora de seu poderio até recentemente, das camadas populares, população majoritariamente mestiça e negra, que era considerada uma "babel de tipos inferiores", para os quais se esperava

42. N/a. "Os mestiços no Brasil", *Diário de Pernambuco*, Recife, 13/08/1911, p. 2, c. 3 e 4.

43. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 20.

44. Idem, p. 75.

um breve desaparecimento por diluição no restante da população e através da sua "natural mortalidade".<sup>45</sup>

Uma surpresa no sertão é o quase desaparecimento do Negro. Raros os negros-filos e ainda mais o retinto. Estes, não os vi nos 1.307 quilômetros viajados. Assimilado nos cruzamentos, o Negro não viverá dois decênios em massa que mereça saliência. Regiões inteiras corremos sem um herdeiro dos velhos trabalhadores escravos. A lenda da mestiçagem nordestina está pedindo uma verificação para desmentido completo. Nós tivemos sempre uma porcentagem negra inferior aos outros elementos étnicos. Em 1890, por exemplo, tínhamos 44,12 de brancos para 8,93 de negros. É expressivo. A proporção do mestiço era grande, 37,51, mas denunciava a absorção do melanodermo. Mas se vê que a preponderância é branca e esta decidirá o pigmento do produto. Por uma lei de Mendel é perfeitamente possível uma avó negra para um neto branco. Demais, como notou Roquete Pinto, a ligação já se fez entre o branco e a mulata-mestiça, clareando o rebento.<sup>46</sup>

Sem o desequilíbrio biológico do mestiço do litoral que se procura fixar, o serranejo é um tipo étnico definido. Tem amalgamando na sua psiqué os caracteres de resistência e adaptação ao meio do índio e a audácia do colono. Essas duas tendências se completam e se equilibram no serranejo.<sup>47</sup>

Vemos no discurso acima, além da quase comemoração do autor pelo desaparecimento do negro na raça nordestina — o que desmentiria os argumentos daqueles que creditavam o atraso material e moral da região à mestiçagem e deixavam de ver que esta se devia, segundo o discurso regionalista nordestino, à inércia do governo federal e ao privilégio de outras regiões do país — o aparecimento de conceitos ligados a outro saber que estará muito presente no discurso regional nordestino de base eugenista e que será fundamental para se pensar o tipo regional, que é o saber biotipológico. A biotipologia buscava definir tipos característicos utilizando métodos estatísticos e medições de grupos humanos escolhidos. Ela obedeceria, segundo seus teóricos, a um novo método de estudo,

45. MARROQUIM, Mário. "Regionalismo", *Diário de Pernambuco*, Recife, 03/04/1925, p. 4, c.

46. CASCUDO, Luiz da Câmara. *Viagando o sertão*, pp. 22-23.

47. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 81.

de "caráter concreto, em contato imediato com os fatos, valorizando o fato particular, o indivíduo". O conceito central deste saber seria o de "constituição individual", seu estudo deveria servir de base racional para todas as atividades humanas: na escola e no campo da educação física, para o estabelecimento de classes homogêneas; no escritório e na oficina, para a orientação profissional; nos tribunais e cárceres, para a individualização da pena, reeducação e tratamento do delinquente; na política, na administração e na sociedade, para que cada um tivesse o seu lugar apropriado.<sup>48</sup>

A própria ideia de definição de um tipo regional nasce da confluência deste saber biotipológico, definido como o estudo da individualidade humana nos seus caracteres físicos (anatômicos e funcionais) e psíquicos, com o saber criminológico e frenológico que, desde o final do século XIX, tentavam desenvolver formas de identificar indivíduos que seriam potencialmente perigosos para a ordem social, indivíduos que teriam uma "constituição delinquencial", que eram portadores de "taras eugênicas", que revelariam suas "tendências criminosas ou amorais" através da própria morfologia de seu corpo, aliada à sua expressão gestual e comportamentos. A ideia de que o nordestino era um tipo regional e, por isso mesmo, teria um caráter, uma índole ou uma psicologia própria que se revelariam na morfologia de seu corpo e no seu comportamento individual e social, nasce da influência deste tipo de saberes.<sup>49</sup>

Para se definir um tipo era preciso observar algumas variáveis: a cor da pele, que classificava os indivíduos em leucodermos (de cor branca), faiodermos (de cor parda ou mestiça) e melanodermos ou xantodermos (de cor negra); o formato do crânio, que os dividia em braquicéfalo (o crânio observado de cima tinha a forma de um ovo, porém mais curto e arredondado posteriormente) e dolicocefalo (apresenta um crânio pequeno e achatado); e a estatura, que os dividia em normolíneo, brevilíneo e longilíneo. Os tipos raciais tendiam, também, a apresentar comportamentos psicológicos que os podiam classificar em: esquizotímicos (tendência à apresentação de comportamentos díspares, variações bruscas de humor), ciclofímicos (tendiam a apresentar comportamentos repetitivos e com tendência a introversão) e normofímicos (apresentando comportamentos normais).

48. FERRAZ, Álvaro; LIMA JR., Andrade. *Morfologia do homem do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939, pp. 7 e 8.

49. Ver: LOMBROSO, Cesare. *Op. cit.*; DOMINGUES, Octavio. *Hereditariedade e eugenia: suas bases, suas teorias, suas aplicações práticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

Esses conceitos que foram desenvolvidos pela escola italiana de biotipologia comandada por Viola, Frassetto, Di Tullio e Pende e divulgada no Brasil por Bernardelli aparecem, constantemente, nas discussões acerca do tipo médio do nordestino e na caracterização morfológica e psicológica deste tipo.<sup>50</sup>

Nos Estados do Nordeste mudam um pouco as médias. O estudo feito por Lobo da Silva, de quem o indianoceólogo cearense Pompeu Sobrinho tirou as consequências antropológicas, oferece estímulo a meditação. A estatura média do leucodermo no Ceará (1,626m) está próxima da média geral do Nordeste (1,627m), enquanto que o leucodermo pernambucano apresenta 1,632m. De parte este tipo, a estatura mais alta das áreas cearenses vem a ser a do xantodermo, com 1,621m. Quanto ao perímetro torácico, a média, no Ceará, foi de 830, cabendo a primazia ao faiodermo com 834, inferior ao do Rio Grande do Norte (855).

O problema é, além do mais, estatístico. As duas ectípias aritméticas, segundo lição já clássica de Pende, são tipos extremos existentes em qualquer raça, distribuindo-se segundo as leis gaussianas. Tais constituições existem em qualquer raça e o problema está em determinar o tipo "standard", que deverá representar o grupo considerado.<sup>51</sup>

Definir um tipo médio, com suas características morfológicas e psíquicas advindas do tipo de composição racial que a população do Nordeste tivera, era a preocupação desses estudos, além de avaliar a capacidade de adaptação à civilização moderna, à vida intelectual e racional, bem como avaliar sua capacidade de trabalho e sua disposição para aprender novidades. Foi nesse sentido que Álvaro Ferraz e Andrade Lima Jr, formados na recém-fundada Escola de Educação Física do Exército no Rio de Janeiro, sob a orientação de Sette Ramalho, fazem, nos anos 30, um estudo biotipológico da população nordestina, tomando como "material de pesquisa" os soldados da Brigada Militar de Pernambuco. Eles chegam à conclusão de que os brevílneos predominavam no sertão e os longilíneos no litoral, talvez pela maior ação do iodo da maresia sobre a tireoide. Mas o tipo médio regional seria o brevílneo.<sup>52</sup>

50. FERRAZ, Álvaro; LIMA JR., Andrade. *Op. cit.*

51. MENEZES, Diácor. *O outro Nordeste*, pp. 69 e 71.

52. FERRAZ, Álvaro; LIMA JR., Andrade. *Op. cit.*, pp. 301-317. Ver: ALBUQUERQUE

Esse discurso regionalista nordestino de base eugenista procurava responder às constantes acusações de que seria o nordestino "uma babel de tipos variados", "um subproduto de cruzamentos raciais díspares, homem tarado, entubiado e frouxo, uma endemia andante, macilento e esquelético". Seria "um tipo nascido da degenerescência racial", do cruzamento de "sangues inferiores". "Portador de milhões de morbus, mais ou menos virulentos em seu sangue depauperado". Um tipo cujo psiquismo era caracterizado pela "indolência, alheamento e ciclofrenia". Essa população, assim constituída, seria responsável pelo atraso, declínio e desvitalização da região.<sup>53</sup>

Chamam-lhe indolente, e ele o desmente nessa luta porfada e comovedora, que há séculos vem mantendo contra a fome e a sede. O êxodo do cearense que em levas, procura abrigo nos seringaais do Acre, (...) é uma prova eloquentíssima das energias formidáveis do homem dos sertões do Nordeste. (...) são os sertanejos audazes, os descendentes de mamelucos que afirmam na Amazônia as possibilidades de resistência e trabalho da raça emergente.<sup>54</sup>

O discurso regionalista nordestino utiliza como estratégia atribuir fenômenos como o cangaço e o messianismo — que surgem nos discursos das elites de outras regiões como comprovação da inferioridade da raça nordestina, de que esta era uma sub-raça — à presença, nas populações dos sertões do Nordeste, de "elementos rebeldes à ordem e à disciplina social que compunham grupos turbulentos, compostos de elementos regressivos que por um fenômeno de atavismo" reviviam "o rebotalho das bandeiras e entradas". A organização psíquica enfermiça dos cangaaceiros demonstraria a virulência de instintos de mestiços transviados das bandeiras, aterrorizando com seus crimes os sertões do Nordeste. Ou seja, em última instância, o que chamavam de escória racial e psíquica dos sertões do Nordeste eram descendentes dos paulistas. O que, no entanto, não deixa de legitimar as explicações racistas que, ainda hoje, povoam o imaginário nacional quando

JR., Durval Muniz. "Breve, lento, mas compensador: a construção do sujeito nordestino no discurso sócio-antropológico e biotipológico da década de trinta", *Afro-Ásia*, Salvador, n° 19-20, pp. 95-108.

53. MONTEIRO, Fleury. "À margem dos Carris". Apud GUERRA, Felipe. *Atirada o Nordeste*, 3. ed. Mossoró: ESAU, 1987 (Coleção Mossoroense, vol. cccii). Artigos publicados em *A República*, Natal, 1926.

54. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 82.

se trata de falar do nordestino. Este ainda é visto, muitas vezes, como uma raça inferior e foram, em grande parte, intelectuais nordestinos, membros de suas elites, que o construíram assim.<sup>55</sup>

Outra estratégia, muito utilizada pelo discurso regionalista nordestino de base eugênista, foi articulá-lo com outra forma de discurso determinista que era aquele fornecido pela antropogeografia alemã, que tinha na influência do meio a principal determinante para se entender a forma de organização das sociedades e os comportamentos, valores e atividades individuais e coletivas. A ideia era que a ação do meio corrigia os possíveis defeitos raciais. Determinadas características de clima, solo, vegetação, hidrografia, relevo agiam como corretivos de certos caracteres inferiores que determinado contingente humano e racial pudesse ter. A adaptação agiria corrigindo as tendências hereditárias, transmitindo-se para as futuras gerações as correções feitas neste processo adaptativo.

### 3) UM HOMEM TELÚRICO

O discurso antropogeográfico ou biogeográfico inspirado na geografia determinista alemã do final do século XIX, que tem como grandes nomes Humboldt, Ratzel e Ritter, aliados a autores franceses como Reclus, procura no meio natural os determinantes que explicariam as formas de organização social e até a constituição física e psicológica dos indivíduos.

Reclus assentou de maneira eloquente e profunda a influência das condições físicas na história dos povos, concluindo que cada período da vida da humanidade corresponde a uma mudança de meio; ensinou como os climas determinaram a distribuição das raças e fizeram as diferenciações étnicas; expôs os contrastes da terra; e afinal apresentou o homem como a própria natureza tomando consciência de si mesma.<sup>56</sup>

55. MENÉZES, Diacr. *Op. cit.*

56. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, pp. 32-33. Ver: CLAVAL, Paul. *La pensée géographique, introduction à son histoire*. Paris: sepeis, 1972; MORAES, Antônio Carlos Robert. *Geografia, pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1982; RATZEL. *geografia*. São Paulo: Ática, 1990; OLAINI, Massimo. *A construção da geografia humana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983; RECLUS, Elisée. *Estados Unidos do Brasil: geografia, etnografia, estatística*. São Paulo: Magalhães, 1899; RITTER, Gerhard. *La formazione dell'Europa moderna*. Roma: Bari: Laterza, 1985.

As raças já não seriam o fator determinante da vida social, mas seriam produto do longo processo de adaptação do homem à natureza, sendo esta capaz de modificar as características primitivas de um determinado grupo étnico, fortalecendo-o ou degradando-o, levando-o a ter tendências psicológicas construtivas ou destrutivas para a ordem social. "Só conhecendo o meio físico o homem" poderia "evoluir pela adaptação", conceito central nesse discurso, de marcada influência social-darwinista. Ratzel afirmava que: "não há raças superiores — há raças contingentes aos climas (...). A adaptação é a grande lei do progresso, da civilização, da vida, enfim. Não se pode viver isolado do meio, segregado do ambiente, alheio às condições mesológicas. A vida é essa troca com o meio externo, dizem-nos os biólogos. (...) A humanidade pode ter a fronte assegurada na pureza do éter, mas os seus pés estão na terra".<sup>57</sup>

As condições físicas é que vão determinando diferenciações, que se acentuam em habitats distantes. O mestiço do sul — o paulista, o gaúcho, são tipos que contrastam dos do norte. Mesmo aqui, verificamos que o tipo da mata, formado no meio rural, se diferencia do tipo do sertão, formado no meio pastoril. O Nordeste é um habitat distinto, caracterizado no rigor de suas condições mesológicas. A natureza reflete-se no homem, imprime-lhe os seus aspectos, talha-lhe a forma, forma-lhe o espírito. É o determinismo harmonioso da vida natural de que nos fala Lespagnol.<sup>58</sup>

Coerentes com este saber, várias obras e discursos sobre o nordestino procuram explicar tanto as suas características físicas, como os seus traços subjetivos e seus códigos culturais, como produto da natureza particular da região. O Nordeste, que em sua definição como espaço regional autônomo no país, teve como um dos traços distintivos, exatamente, a sua natureza, que no discurso regionalista é homogeneizada a partir da imagem da seca e da aridez, teria um homem particular, teria um tipo étnico, um homem de uma índole ou caráter distinto, apresentando tradições culturais particulares, por ser marcado pela convivência com uma natureza áspere, árida, bruta, difícil, exigindo deste uma constante batalha pela vida. O nordestino seria, nesses discursos de base biogeográfica, um homem telúrico, homem

57. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 33. Ver: RATZEL. *Le razzes umane*. Nápole: Unione Tipografica, Editora Tourinense, 1909.

58. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 77.

especial por ser fruto da adaptação a uma natureza, a um meio especial, um homem forjado na luta contra o meio, contra a seca e a aridez:

A mesologia física oferece interessantíssimos aspectos. De início, convém diferenciar as diversas zonas do ecúmeno: a área propriamente das caatingas; a área das terras férteis, úmidas, das matas; a área das serras frescas, — tudo procurei gizarr baseado em conhecedores honestos da biogeografia cearense, paraibana, rio-grandense-do-norte e sertão pernambucano. Neste quadro cósmico, o material humano vai adaptando-se, em simetriações características e motivando toda a série de fenômenos que tecem a história de nosso povo. Surge então o problema antropológico em toda a sua intrincada complexidade: o melting-pot das caatingas, as condições de vida determinadas pelo meio, a civilização dos vaqueiros, dos currais, alguns centros agrícolas regulares cuja atividade os flagelos entrecortam, a má fixação do homem ao meio, a formação de uma plebe rural de onde repontam os místicos e os bandidos.

Essa mentalidade está duplamente preparada pela série de fatores telúricos e sociais discriminados: reclama Conselheiros, padres Ciceros ou José Lourenços.<sup>59</sup>

No discurso regionalista nordestino, o descaso do governo federal e o privilégio a outras regiões eram o que explicava a decadência da região e a pobreza de sua população, não era o homem nordestino que seria inferior racialmente ou mesmo indolente, preguiçoso, sem atividade. Como acusar de indolente um homem que travava uma batalha secular com a natureza e que nessa batalha se tornou, acima de tudo, um forte e capaz, embora endurecido e áspero. A elite regional, além de naturalizar os problemas sociais e econômicos deste espaço, ao falar de um nordestino genérico, que a incluíria, busca defender a própria natureza regional acusada de ser inviável para a vida humana. No Congresso Nacional, por várias vezes, parlamentares do Sul propunham a evacuação da região semiárida, alegando não ser prudente continuar-se gastando vultosas quantias de recursos federais para manter uma população vivendo num meio onde não era possível o desenvolvimento das atividades produtivas. A elite nordestina, que em vários momentos usava a imagem do deserto para falar de sua natureza, momentos em que precisava impressionar por sua retórica

59. MENEZES, Djacir. *Op. cit.*, pp. 10-11.

os representantes de outras áreas, para que votassem favoravelmente ao envio de recursos, nestas ocasiões modificavam seu discurso e recuavam e, mudando de estratégia, avaliavam positivamente a natureza da região e seu próprio habitante, que passava a ser dito como vítima apenas da inclinação das autoridades.<sup>60</sup>

A angústia do Nordeste eterniza-se, como se fôramos miseráveis párias, sem outro direito que a esmola hipócrita dos poderosos. Uma população forte e capaz, experimentada pela mais rude batalha que pode um homem travar contra a natureza, uma população aparentemente fraca, mas possuidora das maiores e mais soberbas qualidades de resistência orgânica, de extraordinária robustez intelectual e de tenacidade insuperável, uma população assim esvaindo-se, morrendo pelo descaso dos que lhes deveria zelar a existência. Continua o Nordeste abandonado, esquecido, sacrificado, absorvendo energias do seu povo nesses anos terríveis, em que a natureza se compraz com o martírio dos homens.

E neste jogo ela só encontra um inimigo, inimigo terrível, impertinente, denodado, que se não acovarda, que não descorroga em face do martírio oferecido, mas que abre a luta. Uma luta titânica, gigantesca, uma luta de epopeia, de despertar a inspiração dos épicos, e cujo remate é a queda de um dos contendores.

Ou vence a natureza, matando o adversário isolado, ou vence este.

Quase sempre dá-se o último resultado. A vitória é do homem do Nordeste, herói anônimo, que assim trabalha o progresso de sua terra, que aduba com seu suor e com seu sangue e (quantas vezes!) com o seu cadáver o próprio rogado, que, mais tarde, quando as primeiras bagas de chuvas ensoparem o solo, se cobrirá de verde folhagem, para depois florir e fortificar.<sup>61</sup>

Os "improvisados" críticos do homem nordestino duvidavam da sua energia, da sua atividade e da sua resistência porque não conheciam

60. Ver, por exemplo, ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. Paraíba: Imprensa Oficial, 1923, pp. 540-544; Discurso do deputado Otacilio Albuquerque — *Atas da Câmara*, sessão de 26 de maio de 1915, p. 366; Discurso do deputado Barbosa Lima — *Atas da Câmara*, sessão de 19 de novembro de 1915, p. 215; Discurso do deputado Alberto Maranhão — *Atas da Câmara*, sessão de 20 de maio de 1919; Debate entre os deputados Estácio Coimbra (ps), Francisco Valadares (sm) e Ildefonso Albano (cs) — *Atas da Câmara*, sessão de 04 de novembro de 1919, p. 169.

61. Na "A angústia do Nordeste", *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/11/1925, p. 22, cc. 1-5.



a realidade regional de abandono, julgando-o pelas lendas sobre a vida e os costumes na região, sendo impiedosos com um homem que levaria vantagem, em certos aspectos, sobre as populações de outras partes do país, comparando-se o meio onde viviam e as condições que os cercavam. O homem do Nordeste só poderia passar por um retardatário, inativo, incapaz de contribuir para o surto progressista, que foi sempre evidente em algumas regiões sulistas, para quem não havia observado, ainda, a luta tremenda em que ele se empenhava contra os agentes naturais. O que faltava era o estímulo e o apoio de medidas que despertassem a iniciativa do nordestino, o seu aperfeiçoamento e o progresso material e moral da região.<sup>62</sup>

Agora mesmo os jornais do Rio publicam a entrevista de uma testemunha ocular de nossa afanosa vida nordestina.

'Fui do Recife à Paraíba de automóvel, percorri o Rio Grande do Norte, Bahia e Alagoas. Não encontrei nenhum sertanejo de côcoras... Pelo contrário, em uma atividade febril, eles me deram a impressão de uma raça forte, enérgica, varonil...'<sup>63</sup>

Mesmo as revoltas das camadas populares passaram a ser explicadas, nesse discurso regionalista, como um reflexo da natureza regional ou como uma má adaptação de certos indivíduos a este meio. Fenômenos como o cangaço e o messianismo seriam produto da psicologia particular de uma plebe rural à qual faltava o auxílio dos governantes no sentido de se civilizar, ou seja, de ter as condições técnicas de dominar e vencer a natureza, dispor de educação suficiente para compreender racionalmente os mistérios da natureza, abandonando as explicações místicas, que levaram "aos surtos de delírios coletivos". A estratégia do discurso das elites nordestinas é sempre a de não se colocar entre os governantes e os poderosos, eles estão sempre do lado do povo que sofre, do povo martirizado pela natureza. Eles também são vítimas da inculca dos governantes, até mesmo no momento em que veem a ordem social ameaçada por "fachinoras" e "monstros humanos", gerados na luta contra a natureza cruel, homens que eram em sua ferocidade, em sua selvageria, em seu barbarismo, em seu delírio, em sua loucura, espelhos da terra em que viviam.<sup>64</sup>

62. FILHO, Loreto. "O homem do Nordeste". *Revista de Pernambuco*, Recife, Ano 2, n.º 13, p. 3.

63. Idem.

64. Ver: Discurso do deputado Gustavo Barroso - *Annuaire da Câmara*, sessão de 18 de setembro

(...) o Nordeste brasileiro sempre foi o ambiente propício para a origem e desenvolvimento de hordas de bandidos que tão gravemente têm flagelado e infelicitado os filhos destas paragens adustas e tostadas do rimão pátrio. (...) Seja como for, o fato é que os nordestinos têm sofrido, por isso, as consequências dolorosas destas tragédias psicológicas ou mesológicas, que vão gerando o bandoleirismo com um celerado Lampião, Corisco e tantos outros que lhes seguirão pela estrada negregada do crime.<sup>65</sup>

Espelhando a feição da terra adusta e selvagem, Lampião se constituiria no terror dos sertões do Nordeste. Por vinte anos o algoano Virgúlio Ferreira da Silva lançou a morte e a destruição, à semelhança de um 'Átila' branco, através dos Estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco. O seu instinto destruidor corria paralelo com o dos mais horripilantes heróis da faca e da garrucha (...). No seu feroz egotismo desaguavam os impulsos do canibalismo primitivo e da sanha mais vil e sanguinária. Era, no sentido amplo do termo, um monstro com feições humanas.<sup>66</sup>

Ainda quase completamente mergulhado na natureza, o homem nordestino não teria com esta nenhuma relação de fruição, nenhuma relação estética, apenas uma luta utilitária, um embate visando à sobrevivência. "Eis porque os melhores poetas sertanejos, contadores ou poetas literalizados não cantam nem sentem a natureza que os cerca. Não há um só canto popular descrevendo paisagens. Só lhes interessa como nas gestas francesas e nas sagas nórdicas, a ação, o movimento, a luta, o homem". Buscando vencer a seca, a fêra e a solidão e plantar a civilização nos araxás das serras, nas lombadas suaves dos sertões, nos limpos, nas várzeas e tabuleiros, este homem não teria tempo para a contemplação subjeiva desta natureza. Mesmo os filhos de troncos seculares replantados de Portugal, homens-bons pertencentes à fidalguia, haviam se embutecido no combate áspero com a selvageria do homem aqui encontrado e com a natureza sem adaptações às exigências do homem europeu, lutando até contra maneiras

de 1915, p. 875.

65. ROCHA, Adauto. "Caçador de cabeças". *Voz da Borborema*, Campina Grande, 06/08/1938, p. 4, c. 1 e 2.

66. N/á. "Lampião - desapareceu o rei do cangaço", *Voz da Borborema*, Campina Grande, 03/08/1938, p. 2, cc. 3, 4 e 5.

de alimentação, indumento e viagem, dando origem a uma raça própria, a uma civilização autônoma, nacional.<sup>67</sup>

Bandigo o acaso que me proporcionou o convívio com o sertanejo em seu habitat, com essa legião de compatriotas que conserva intactos os mais nobres característicos de nossa raça, esses brasileiros, pacientes, sóbrios, trabalhadores, intrépidos e ativos, tão identificáveis, no seu físico e no seu moral, com a rude natureza que os cerca que dela parecem parte integrante, encarando com a mesma calma e tenacidade as torrentes destruidoras de seu trabalho e dos seus lares, nas invernasdas rigorosas, ou o sol abrasador das secas periódicas transformando em deserto os prados, em inferno as caatingas abrasadas, e a quem nem a sede nem a fome, nem a miséria física e nem a moral, consegue abater o ânimo e que, como a Fenix da fábula, passado os fenômenos, renasce mais forte, mais ativa e mais tenaz para recomençar a luta logo que os elementos permittem, esquecida do passado numa invejável resignação e numa adorável ingenuidade, cheia de mais e maior fé no futuro.<sup>68</sup>

O discurso da seca, que desde o século anterior, tomava este fenômeno como argumento para solicitar recursos, investimentos e obras neste espaço do país, é, muitas vezes, apanhado em sua própria armadilha. Em 1920, Florentino Barbosa – após repetir as imagens e enunciados tradicionais deste discurso, de que a seca estava flagelando o Nordeste mais do que supunha, que eram precisos melhoramentos e socorros permanentes e eficazes aos flagelados, que desde a seca de 1877, quando o problema ganhara visibilidade, já se passara tempo suficiente para providências terem sido tomadas, que o fenômeno que sempre atingira as “classes proletárias” agora ia mais além escorregando as “classes abastadas” – teve que responder ao argumento do que ele chama de “um filho desta grande pátria”, que afirmara “que o governo não deve extinguir as secas, para que estas façam homens fortes”. Era a retórica naturalista e regionalista nordestina colocada em xeque. Se a natureza regional criava este homem tão superior que era o nordestino, para que modificá-la?, argumentava o discurso em questão.<sup>69</sup>

67. CASCUO, Luiz da Câmara. *Viagemdo o sertão*, pp. 30, 32 e 33.

68. CASTRO, Eduardo Lima. *Pelas sertões, Diário de Pernambuco*, Recife, 07/11/1925, p. 18, c.

69. BARBOSA, Florentino. “A seca – continua o terrível flagelo ameaçando exterminar por completo o Nordeste brasileiro”, *Diário de Pernambuco*, Recife, 15/02/1920, p. 3, c. 4.

O homem nordestino se era um mestiço, isso não o inferiorizava, mas, ao contrário, na natureza nordestina só o mestiço se adaptava perfeitamente. Em vez de produzir um ser degenerado, os cruzamentos raciais que compuseram nossa população produziram uma raça adaptada ao meio em que vivia. Uma região feroz precisava de homens rústicos, resistentes, viris, fortes, hispídos, membrudos como os ancestrais indígenas; ativos, fortes, independentes e às vezes autoritários, cruéis e impiedosos com “as classes humilhadas” como os ancestrais portugueses; resistentes e trabalhadores como os ancestrais africanos:

Silvio Romero, na *História da Literatura*, depois de um brilhante estudo sobre o nosso caldeamento étnico, diz que ‘o incorporamento direto do índio e do negro entre nós foi conveniente para garantir o trabalho indispensável a economia do país que ia se formando; e o mestiçamento dele com o europeu foi vantajoso: a) para constituir uma população aclimatada ao nosso meio; b) para favorecer a civilização de duas raças menos avançadas; c) para preparar a possível unidade da geração futura.’<sup>70</sup>

Fica patente que no momento de pensar o nordestino como um homem forte e resistente, um homem heróico na sua luta contra a natureza, o discurso regionalista nordestino privilegia a área do sertão e o sertanejo como exemplos deste embate entre o homem e a natureza e da formação de um tipo regional adaptado a esta vida difícil. Tipo nacional, tanto no físico, produto do cruzamento das três raças, com influência predominante do grupo mais nacional, o indígena, quanto na psicologia, já que suas atitudes e valores teriam nascido de uma convivência e adaptação a este meio e cultura, porque estivera afastado do litoral e das influências externas. Este homem era feito do mesmo material que a natureza à sua volta, por isto passa a ser descrito como um homem de fibra, aquela mesma do algodão, vegetal que fazia a riqueza desta região. Homem tão resistente quanto a fibra do algodão mocó que, como ele, era nativo daquelas paragens. Homem capaz de enfrentar as mais terríveis dificuldades, como as pestes, também tão comuns nos sertões em época de estiagens, sem se intimidar; por isto, era um cabra da peste. E era um cabra por ser como este animal, tão bem adaptado a esta natureza de pedra, seca, capaz de sobreviver comendo o

70. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, pp. 76-77.

que estivesse disponível. Anguloso como a cabra, o cabra nordestino quase vivia, também, em chiqueiros, mas com certeza fazia parte de currais, eleitorais ou não:

Campina Grande é a capital algodoeira dos dois Estados, e é, pelas suas largas avenidas, que o algodão da melhor qualidade e da mais resistente fibra de todas as Américas passa em busca dos grandes mercados consumidores.

Da mesma resistência é feita a fibra da gente nordestina, indomável na defesa de seus direitos e suas liberdades.<sup>71</sup>

É esta natureza que também explicaria uma característica decisiva no nordestino, a de ser másculo, viril, macho. Só um macho poderia defrontar-se com uma natureza tão hostil, só com uma exagerada dose de virilidade se conseguiria sobreviver numa natureza adusta, ressequida, áspere, árida, rude; traços que se identificariam com a própria masculinidade. Por isso, até a mulher sertaneja seria masculinizada, pelo contato embrutecedor com um mundo hostil, que exigia valentia, destemor e resistência. Só os fortes venciam em terra assim. A masculinidade nordestina se forjara na luta incessante contra um meio em que apenas os mais potentes, os mais "membrudos", os mais rijos, homens que nunca se vergavam, nunca amoleciam diante de qualquer dificuldade, conseguiam vencer. Os homens fracos, débeis, delicados, impotentes, frágeis, afeminados não teriam lugar numa terra assim, não sobreviveriam. Ser macho era, pois, a própria natureza do nordestino. Seria no espelhamento do mundo natural que estes machos hiperbólicos se haviam formado. Se a masculinidade representa o espírito guerreiro, da luta, o nordestino surgira de uma luta muito particular, uma luta que o singularizava, a luta contra as intempéries da natureza, a luta contra a natureza feroz. Afirmações também repetidas, *ad nauseum*, pela historiografia nordestina.<sup>72</sup>

71. N/a. "Fibra de nordestino", *A Voz da Manhã*, Campina Grande, 01/05/1935, p. 1, c. 2 e 3.  
 72. Sobre a relação entre masculinidade e violência, agressividade, luta, ver: ALMEIDA, Miguel Vale. *Op. cit.*; BADINTER, Elizabeth. *Op. cit.*; NOLASCO, Socrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995; ARIËHA, Margareth; RIDENTE, Sandra Unhebaum; MEDRADO, Benedito (Orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/ED, 34, 1998; CONNELL, R. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995; "La organización social de la masculinidad", *Estudios de las mujeres, IISA Internacional*, Santiago, n. 24, 1997; FULLER, N. *Identidades masculinas*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica Del Peru, 1997; VALDÉS,

O sertão é o sertão da seca, do sofrimento; o sertão de muito trabalho, do trabalho duro, cansativo, árduo, trabalho, sobretudo, da figura masculina.<sup>73</sup>

O leitor deve ter observado, até agora, que os mesmos autores que trabalham com enunciados, temas e conceitos do saber eugenista, agenciam também conceitos, temas e enunciados do saber antropogeográfico, fazendo uma curiosa articulação. Mas o caráter de miscelânea teórica desses estudos e artigos não fica por aí. Vivendo e escrevendo num período em que esses saberes deterministas estavam sendo questionados, esses autores, muitas vezes, aliam a esse aparato conceitual, temático e enunciativo de base naturalista, enunciados, temas e conceitos veiculados pelo discurso da sociologia e da antropologia culturalista, da etnografia e da história, que faziam a crítica a esses paradigmas. Surgem, numa verdadeira confusão conceitual, textos em que o tipo regional nordestino é, ao mesmo tempo, definido como um tipo eugênico, racial, um tipo nascido da determinação do meio e um tipo sociológico, antropológico, etnográfico ou mesmo histórico. Ocorre uma verdadeira sobreposição de imagens e enunciados extraídos de discursos de matrizes teóricas diversas para compor o tipo regional nordestino, que aglutina desde percepções de bases racistas, passando por imagens de fundo mesológico, até imagens de tipos sociológica e historicamente definidos.

#### 4) UM HOMEM RÚSTICO

O discurso regionalista nordestino parece, às vezes, bizarro, por seus ecletismos teóricos. Conceitos de matriz naturalista são usados para explicar aspectos culturais e vice-versa. Podemos flagrar enunciados curiosos como: "o europeu é o micróbio que vai corrosivamente desfazer os nexos de solidariedade orgânica das culturas indígenas, pela destruição de seus valores vitais, praticando a destruição invisível das tramas sociológicas e psicológicas hereditárias e estabilizadoras que dão unidade ao grupo", ou como: "uma raça é um subtipo físico de formação cultural", ou ainda: "E a

- Teresa; OLAVARRÍA, José (Orgs.). *Masculinidades y equidad de género en América Latina*. Santiago: FLACSO-Chile, 1998; LAURIÈRE, François et al. "Masculinities". Paris: *Recherches*, n. 35, 1978.  
 73. VIEIRA, Sulamita. "Metáforas do sertão: linguagens da cultura na música de Luiz Gonzaga", *Revista de Ciências Sociais*, Recife, vol. 23/24, n.º 1 e 2, 1992/93, p. 142.

nova cultura que se desenvolveria à sua volta, oferecia outros estilos de vida. Tornaram-se estranhos, **desfeitos os liames ecológicos**". Estranhos diante de um curioso discurso em que se quer contestar as explicações raciais e mesológicas para se entenderem fenômenos como o cangaceirismo e o fanatismo, que só se explicariam por motivações sociológicas e históricas, não sendo produtos da má formação somática do homem nordestino, nem da influência selvática de sua terra, e, no entanto, seriam produto de uma surpreendente perda do "sentido vital da realidade" por parte dos indivíduos que aí habitavam, pela imposição de outra cultura, estranha, que "escamoteava-lhe o resultado de uma longa hereditariedade cultural"<sup>74</sup>.

O nordestino, portanto, seria fruto de uma "hereditariedade cultural", mais do que racial. Para entender sua constituição física, sua particular psicologia e suas formas de comportamento, valores e atitudes, era preciso remontar à formação de sua cultura recorrendo à história do povoamento e do processo civilizatório, neste espaço, marcado por um clima de constantes conflitos entre o colono europeu e os indígenas, entre o português e os invasores estrangeiros de outras nações, entre o homem e as feras do interior, entre o homem e a natureza hostil e pelo caldeamento das três raças formadoras, que deram feições físicas e psicológicas ao homem nordestino, à medida que se adaptava aos diferentes habitats proporcionados pelo meio:

(...) Com as informações sobre as terras favoráveis à criação, às margens dos rios ou riachos, nas caatingas, a indústria do pastoreio penetrou essas zonas sertanejas. Nas regiões litorâneas, desenvolveu-se então a lavoura, como assinalamos, sobretudo de Pernambuco para o sul. Para o norte, menos úmida, litorais desabrigados, de praias planas e abertas, com fraca pluviosidade, incrementando-se a pesca. Em fraca escala, mandioca, cereais e algodão. A penetração foi difícil — e até 1678 o vale do Jaguaribe era dominado quase inteiramente pelo tapuia. O povoamento subiu, no século XVIII, da orla marítima, com as datras de sesmarias, através de reféguas contínuas contra os paiaçus, icós, jucás, cariris, que resistiam. Quando se constituíram os sítios — fazendas de criação — e as famílias se radicaram, ulteriormente, os grupos indígenas se incorporaram aos conflitos de famílias. Deste modo — pondera Pompeu Sobrinho — distinguimos três áreas etnográficas no Nordeste do Brasil: a dos vaqueiros, dominando a caatinga; a dos engenhos, dominando

74. MENEZES, Djacir. *Op. cit.*, p. 58.

o litoral e vales úmidos da costa para o ocidente da Serra do Mar; a dos pescadores, dominando as praias baixas, arenosas, cheias de dunas.<sup>75</sup>

A violência, a luta, o derramamento de sangue teriam sido a tônica deste processo de colonização e de constituição do homem nordestino. O Nordeste fora, no passado, uma terra para quem não tinha medo de morrer nem remissos de matar. A família nordestina, muitas vezes, teria se formado do encontro do fazendeiro dominador com a cabocla caçada a patas de cavalo para os haréns. A casa-grande, seja no litoral, seja no interior, surgiu como o centro polarizador. A necessidade da defesa imediata contra o índio implacável, trucidando brancos, teria criado o uso indispensável das armas, o emprego do desforço pessoal, a confiança em seus próprios elementos de defesa, o orgulho das portarias seguras e das armas brancas, manejadas agilmente.<sup>76</sup>

A luta contra o índio era a luta pela conquista da terra, de propriedades, que serão posteriormente defendidas de outras ameaças de invasão, inclusive, por parte de outros brancos. As famílias se agrupavam na defesa daquilo que haviam conquistado, na defesa de suas fortunas e, com o advento do Estado Nacional, na defesa dos cargos que conseguiram galgar na esfera pública. Isto explicaria os conflitos de parentelas, famílias inteiras a se matar, contratando pessoas da mais baixa condição social como matador a mando de seu chefe, matador que de jarguço se transmutou no cangaceiro, matador independente, que não mais aceitava ordens de coronéis, mas que faz com estes, eventualmente, acordos e até realiza "serviços" previamente encomendados. A história do Nordeste seria capitaneada por estes coronéis e suas famílias, homens que, como membros da Guarda Nacional, se responsabilizaram pela manutenção da ordem em suas áreas de domínio.

75. SOBRINHO, Tomás Pompeu. "O homem do Nordeste". Apud MENEZES, Djacir. *Op. cit.*, p. 33.

76. CASCUDO, Luiz da Câmara. *Op. cit.*, pp. 31-32. Ver: ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. 2. ed. João Pessoa. Ed. da UFPB, 1978. 2 vols.; ANDRADE, Manoel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973; FAORO, Raimundo. *Os donos do poder*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1975. 2 vols.; MENEZES, Djacir. *Op. cit.*; BARROSO, Gustavo. *Terra do sol (natureza e costumes do Norte)*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956; BUDSZTYN, Marcel. *O poder dos donos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985; FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983; GIRÃO, Raimundo. *Pegureira história do Ceará*. 4. ed. Fortaleza: Ed. da UFC, 1984; LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

Domínio privado, autônomo, desassombrado de ameaças de governo, fazendo justiça e sendo a polícia em seus territórios:<sup>77</sup>

Proprietários ou aventureiros que se tornavam proprietários em desertos sertões tinham necessidade urgente de defesa contra outros aventureiros, contra selvagens bravios ou superficialmente domesticados que ferozmente reagiam à ferocidade dos civilizados invasores, opondo matacaça contra matacaça. Nessas condições não seria possível selecionar colonos, agregados, moradores, defensores. Toda qualidade de gente era aceita.

E o meio, moral e materialmente inculco, hostil e selvagem, de um rude viver, exigia pessoal capaz de todas as empresas. (...) Os mais destemerosos, mais corajosos, os mais insensíveis às desgraças e sofrimentos próprios ou alheios eram elementos de grande valia para a luta, instrumento cego dos patrões, anos, nem sempre dotados de sentimentos e instintos melhores.

Patrões e sequazes davam expansão às mesmas taras criminosas, à mesma indisciplina moral e social.<sup>78</sup>

O nordestino, portanto, fruto de uma história e uma sociedade violenta, teria como uma de suas mais destacadas características subjetivas a valentia, a coragem pessoal, o destemor diante das mais difíceis situações. A literatura de cordel e outras manifestações literárias da região, a partir dos anos 20, não cansam de decantar homens valentes que conseguem resolver as mais difíceis situações por uma atuação pessoal e individual. Coragem e um apurado sentido de honra seriam características constituintes destes homens, que não levariam desaforo para casa. Homens que prefeririam perder a vida do que perder a honra, serem desfeiteados publicamente. Entregar-se à prisão seria o supremo opróbrio para homens que preferiam morrer lutando. A própria posse da arma era uma questão de honra, símbolo máximo de sua liberdade pessoal, e só a morte o fazia entregar as armas para quem viesse tomá-las:<sup>79</sup>

Assim, pois, pela manhazinha, quando os primeiros raios de sol começavam a redobrar ali pr'o nascente, Luiz Padre e Sinhô Pereira, rife à altura dos olhos,

77. N/a. "A tragédia de Acarape", *Diário de Pernambuco*, Recife, 20/01/1921, p. 1, c. 7.

78. GUERRA, Felipe. *Op. cit.*, pp. 76-77.

79. CASCUDO, Luiz da Câmara. *Op. cit.*, p. 33.

de um serrote próximo, bem defendidos e municiados, rompiam cerrado fogo sobre o asilo de Antônio Uburana.

Não treneu o situado com o inopinado da surpresa; correu à cartucheira, pegou do rifle reluzente e gritou, com voz atrozadora, para o companheiro adormecido ainda:

— Eita compade Tonho! Temos a Pereirada pelo focinho! Ganha a caatinga! O negócio é comigo!...

E pinoteando e cantando, o cigarro amolecido ao canto do beijo sensual, o caboclo preparou-se para a resistência. Uburana cantava, Uburana fumava, Uburana tiroteava...

Luiz Padre, porém, queria pegá-lo vivo.

— Você está perdido; renda-se!

— Quall seu capitão Lula! Gritava o cabra do outro lado. Caboclo macho como eu, vai até o último cartucho.<sup>80</sup>

Este discurso literário vai desenhando o nordestino como aquele que gozava da superioridade dos fortes, do que é temido por ser capaz de tudo, de não recuar diante de nada, que não treme vendo o sangue correr de uma ferida, enquanto limpa a faca com uma folha de mató. Esta literatura parece oferecer as imagens e enunciados com que muitos homens e mulheres da região vão, em suas memórias, desenhlar a figura de seus pais ou mesmo a figura de irmãos, maridos, esposas ou a sua própria. A valentia, a coragem, o destemor, inclusive por parte das mulheres, a resistência até pelas armas, se necessário, a todas as afrontas, parisssem elas de vizinhos, opositores políticos, representantes do governo e até de membros da família, serão uma temática recorrente das memórias escritas por nordestinos. Parece não ter havido pais ou mães covardes, frágeis, medrosos nesta terra.<sup>81</sup>

80. CALDAS, Osiris. "Contos de domingo: Na tocaia", *Diário de Pernambuco*, Recife, 25/07/1920, p. 2, c. 3. Ver: ATHAYDE, João Martins de. *História do valente Vitália*. Juazeiro do Norte: Editora Popular, 1928. *A entrada de Lampião acompanhado de 50 cangaceiros na cidade do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte: Editora Popular, 1926; BARROS, Leandro *tatamento*, 2 vols., s/l, s/c, s/d. Ver ainda: ARANTES, Antônio Augusto. *O trabalho e a fala*. São Paulo: Katóiz/funcamp, 1982; ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. "Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino". *Projeto História*. São Paulo, n. 19, educc, 1999, pp. 173-188.

81. DOMINGUES, Aurélio. "Contos de domingo - Azulão". *Diário de Pernambuco*, Recife, 03/04/1921, p. 2, c. 2. Ver: RÉGO, José Lins do. *Manito de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1931; *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942; *Cangaceiros*. 2. ed. Rio

Meu pai era pernambucano de Tacaratu. Os Cavalcanti daquele sertão constituíam uma família muito humilde de lavradores. O velho José Francisco teve sempre um comportamento morigerado. Mas era homem de verdade. Não levava afrontas para casa; e a mulher era uma sertaneja valente, que não justificaria nenhuma fraqueza do marido. (...)

Na luta pereceram muitos e, entre eles, o velho José Francisco. Mas não foi uma morte fácil. Resistiu, enquanto teve vida, a casa cercada pelos inimigos. E, quando mortalmente atingido, a mulher, de rifle à mão, e mais a parentela, ofereceram combate, que abateu uns e dispersou os restantes agressores.<sup>82</sup>

Parece haver, tanto no discurso do cordel, como nos discursos literário e memorialístico, uma legitimação da violência nesta região. O tema da valentia, central no discurso regionalista que desenhou a figura do nordestino, está perpassado por uma clara legitimação da violência, inclusive da violência entre os gêneros. Violência que, podemos constatar nesta pesquisa, sempre foi assustadora. Percorrendo as páginas do *Diário de Pernambuco*, contabilizamos uma média de sessenta casos de crimes por ano envolvendo questões de gênero e mais de duzentos casos de violência envolvendo homens e mulheres. Se atentarmos para o fato de que a maior parte dos casos que eram noticiados tinham registros policiais e ocorriam em Pernambuco, principalmente em Recife e imediações, podemos ter

de Janeiro: José Olympio, 1970; RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984; *Videntes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, 1984. Ver ainda: TELLES, Gilberto Mendonça. *A crítica e o romance de 30 do Nordeste*. Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990; GOMES, Heloisa Toller. *O poder rural na ficção*. São Paulo: Ática, 1981; FREYRE, Gilberto. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. São Paulo: Cultura/EDUSP, 1979; ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. "Engenho de meninos: literatura e história de gênero em José Lins do Rego". *Léguas*, Juiz de Fora, v. 5, Ed. da UFJF, 1999, pp. 113-126.

82. CAVALLCANTI, Povina. *Volta à infância - Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, p. 20. Ver: CASCUDO, Luis da Câmara. *O tempo e eu*. Natal: Imprensa Universitária, 1967; BELLO, Júlio. *Op. cit.*; ALMEIDA, José Américo de. *Antes que me esqueça: memórias*. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo/CRPq, 1986; CARVALHO, Tancredo de. *Memórias de um brejeiro*. João Pessoa: s/e, 1975; MONTEIRO, Frederico Mindello Carneiro. *Depoimentos biográficos*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1977; SALES, Joaquin. *Se não me falha a memória*. Rio de Janeiro: Livraria São José, s/d; CARVALHO, Daniel de. *De outros tempos*. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d; AMADO, Genolino. *Um menino sergipano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

a dimensão do que deveria ser o cotidiano das relações entre homens e mulheres neste espaço:<sup>83</sup>

No Espinho ontem às 17 horas as mulheres Antônia Maria da Conceição e Izabel Maria da Conceição agrediram a pancadas o vendedor de frutas Manoel Lourenço.

No dia onze do corrente, no lugar Barra de Tiurma, o indivíduo Manoel Nunes espancou a cacete a mulher Felismina Maria da Conceição.<sup>84</sup>

As sogras sempre foram o pesadelo dos genros.

O indivíduo Manoel Lourenço de Almeida, por antonomásia Ioiô Careca, possui uma sogra.

Alquebrada pelos anos, a senhora Maria Barbosa tem impertinências que não agradam a seu genro.

Ontem houve entre a sogra e o genro um rompimento de hostilidades.

Numa pequena escaramuça o Careca foi resolutamente à orelha direita de sua sogra e deu forte dentada.<sup>85</sup>

Tal violência parece estar ligada a outro tema constante no discurso regionalista nordestino, ao traçar as características do homem da região, que é o do valor que este confere à honra pessoal, em nome da qual é legítimo até matar. A honra não podia ser atacada nem por outro homem, nem por sua mulher. Um homem sem honra não existia mais, era considerado um pária na sociedade. O adultério feminino, por exemplo, tinha que ser duramente punido pelo marido sob pena de ficar desonrado. Nestes casos, a morte do amante e da esposa era o que faria este homem ser novamente aceito no convívio social. Este sentido de honra era um elemento da tradição cultural vinda desde os tempos coloniais. Sem autoridade judiciária ou policial para resolver os atentados à honra dos potentados da colônia, estes tinham de recuperá-la com as próprias mãos.<sup>86</sup>

83. Sobre a legitimidade da violência no Nordeste e sua participação como traço definidor da nordestinidade, ver: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Quem é frango não se mata*.

84. N/a. "Espancamento", *Diário de Pernambuco*, Recife, 15/10/1914, pp. 3, 4.

85. N/a. "Pelo lar adentro - Um genro que morde a sogra", *Diário de Pernambuco*, Recife, 15/10/1914, p. 5.

86. MACALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 85. Para a relação entre masculinidade e honra, ver: BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*; MATOS, Maria Izilda; FARIAS, Fernando. *Melodia e sintonia em Lupércio Rodrigues*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996;

Não há maior injúria que o desprezo e é porque o desprezo todo se dirige e ofende a vaidade, por isso a perda da honra aflige mais do que a fortuna, não porque esta deixe de ter um objeto mais certo e mais visível, mas porque aquela toda se compõe de vaidade, que é em nós a parte mais sensível.

Poucas vezes se expõe a honra por amor da vida e quase sempre se sacrifica a vida por amor à honra. Com a honra, que adquirir, se consola o que perde a vida, porém, a que perde a honra, não lhe serve de alívio a vida, que conserva: como se os homens mais nascessem para terem honra que para terem vida.<sup>87</sup>

Por ter vivido durante muito tempo sem a presença mais imediata da autoridade do Estado, o nordestino teria desenvolvido um enorme espírito de liberdade, que teria sido, inclusive, o propulsor do povoamento dos sertões. Ao contrário do bandeirante paulista que entrava para o sertão já em busca do interesse, do metal precioso e do índio para a venda, o que já prenunciava o espírito utilitário e comercial dos paulistas do século XX, a sua sede de lucros, o homem que foi para o sertão do Nordeste o fez em busca da liberdade, muitos deles cristãos-novos a fugir das garras da Inquisição, outros criminosos degradados que viam no interior a chance de fugir à prisão. Homens dispostos a não se submeterem nunca, homens rudes, embrutecidos nas lutas em que garantiam a própria vida. Por isso, a cultura do nordestino era rústica, assim como ele próprio, cultura que garantia, no entanto, sua sobrevivência, nascida da adaptação do homem às condições naturais e sociais de seu espaço, fruto de uma história que precisava ser lembrada, uma cultura tradicional, vinda do passado, e que se via agora ameaçada pela invasão de uma cultura estranha trazida pela cidade.<sup>88</sup>

ALMEIDA, Miguel Vale. *Op. cit.*: NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade.*

87. AYRES, Mathias. "Por que a honra vale mais do que a fortuna e a vida", *Diário de Pernambuco*, Recife, 19/12/1926, p. 7, c. 2.

88. MENEZES, Diácr. *Op. cit.*, p. 37. Ver: DANTAS, Manoel. *Homens de outorora*. Rio de Janeiro: Ponguetti, 1941; LAMARTINE, Juvenal. *Velhos costumes do meu sertão*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1965; CASCUDO, Luis da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, Rio de Janeiro: Achiané, 1984; DANTAS, José Acelino. *Homens e fatos do Sertão antigo*. Garanhuns: Monitor, s/d. Ver ainda: MACEDO, Murikryan Kennedy de. *A penúltima versão do Sertão*. Natal: UFRN, 1998 (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais).

Naquele tempo patrão! / as coisa era diferente / que os home nem simportava / praque não taxa descente / fosse na festa ou na feira / era uma roupa grosseira / de um tecido bem grosso / cumo cativo ou liberto / mais o coipo era cuberto / do mocoró ao pescoco.

Apragata de rabicho/ai vez de couro cru / mas sendo de boi criôlo / que num havia zibu / e tinha sempre um estoque / de ateuifço e currimboque / in casa e indo prn campo / qui o ferro da pedra a isca / tirava cada fâisca / que paricia um relâmpo.

Jogava bola de mão / que num tinha fitbó / nos domingo os hôme ia / pega peixe de anzó / matá mocó nas pedreira / tumá bõe nas cachoeira / dipois deitá-se na areia / fumando no seu pacaia / fazê cigarro de paia / e butá putraz da urcia.<sup>89</sup>

A própria linguagem em que é vazado esse folheto de cordel remeteria a duas outras características do nordestino: ele seria um homem iletrado ou com um acesso precário à alfabetização e usaria constantemente uma língua portuguesa que viria do século XVI. Ele não falaria errado, falaria diferente do homem das cidades que estavam perdendo o contato com a tradição cultural nordestina. Sua prosódia e construção gramatical não seriam nem atuais, nem faltos de lógica. Enquadrado durante séculos naquelas regiões do interior, "ele manteve o idioma velho, rijo e sonoro, dos antigos colonizadores", falam como falavam Gil Vicente e Luís de Camões. A rodovia estava levando até o interior uma linguagem que não era a nordestina, amolecida pelos galicismos e arrefesada pelos anglicanismos. Os jornais, as escolas, as visitas, as viagens completariam a obra de destruição da linguagem própria do Nordeste, que poderia ser a base da construção de uma poética e de uma literatura só dele.<sup>90</sup>

89. LIMA, João Severo. *Nosso sertão foi assim, s/l, s/e, s/d.*

90. CASCUDO, Luis da Câmara. *Viagando o sertão*, p. 39. Ver: BARROSO, Gustavo. *Arrevelés das Falc-lorés*. São Paulo: Melhoramentos, 1927; *Ao som da viola*. Rio de Janeiro: Livr. Ed. Leite Ribeiro, 1921; CASCUDO, Luis da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968; MOTÁ, Leonardo. *Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense*. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1961; *Sertão algeir: poesia e linguagem do sertão nordestino*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1965; *Violinos do norte: poesia e linguagem do sertão nordestino*. 2. ed. Rio de Janeiro: A Noite, 1955; GOMES NETO, José. *O aspecto verbal na literatura de cordel*. Florianópolis: EDURSC, 1976.

O doutíssimo poeta Doutor Antônio Ferreira (1528-1569) utilizava vocabulário imãgo, de pai e mãe, do nosso sertanejo. Trouve (pretérito do verbo trazer), reposta, (resposta, mezinhas, (remédio,.) pide, (pede), minino, minina, piqueno (com i em vez de e) supito (súbito), malconcoia (melancolia), escornado, (perseguido) (...) são vistos em cada página da obra teatral do grande clássico da língua portuguesa.

Um ponto sensível é o sertanejo não conhecer o plural. Sabemos o número apenas pelo determinativo. O boi, os boi, a vaca, as vaca, o bicho, os bicho.<sup>91</sup>

O cordel representava a resistência desta cultura que era a expressão do homem nordestino, que lhe dava perfil, que o delimitava e definia. Por isso, uma das principais atividades a que se dedicarão os regionalistas e tradicionalistas é tentar "preservar a cultura popular nordestina", já que a cultura das elites há muito vinha sendo corrompida. No começo do século XX, diante do avanço da urbanização e da modernização, restavam, no seio das camadas populares e entre os habitantes de áreas menos contaminadas pelas influências urbanas e cosmopolitas, as genuínas expressões do homem nordestino. Perdendo-se este patrimônio cultural, o espírito regional, a índole e o caráter do povo do Nordeste estariam definitivamente perdidos.

Se as tradições da sociedade da casa-grande e da senzala estavam se perdendo, se as tradições do sertão estavam ameaçadas pela modernização, cabia intensificar os estudos de folclore, já iniciados por Sívio Romero, no século anterior. Num investimento que Michel de Certeau chamará de descoberta da beleza do morto, esses intelectuais tradicionalistas, folcloristas, ao tentarem preservar a cultura popular, investirão, na verdade, em sua decodificação e tradução para códigos e gêneros eruditos de cultura. O popular será resgatado, ou seja, retirado do seu lugar, deslocado, posto para funcionar em outra estratégia, a de constituir uma cultura regional e ser a expressão genuína da alma de um ser regional, o nordestino.<sup>92</sup>

O sertão perdeu seus cantadores. A vida transformou-se. As rodovias levam facilmente as charangas de um para outro povoado. As vitrolas clangoraram os fons de Donalson e de Youmans. As meninas, que conheci espalhando os 'home'

91. CASCU DO, Luis da Câmara. *Viagando o sertão*, pp. 40-41.

92. CERTEAU, Michel de. "A beleza do morto". In: *A cultura no plural*. São Paulo: Papirus, 1995, pp. 55-86. Ver: ROMERO, Sívio. *Contos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, 2 v.; *Estudos da poesia popular do Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

por detrás das fixas das portas, reclusas nas camarinhas, dançando a meia légua de distância do par, hoje usam o cabelinho cortado, a boca em bico-de-lacre, o mesmo palavreado das tango-girls do Aero Clube e Natal Clube (...). O sertão descaracteriza-se. É natural que o cantor vá morrendo também.<sup>93</sup>

A partir da década de 20 são publicados, de uma forma frequente, livros que abordam o "folclore regional", que tratam "de coisas e cenas do sertão, do sertão nordestino, com a visão de seus tipos singulares e de sua extraordinária natureza", livros que, ao tratarem destas manifestações culturais, contribuiriam para "fixar mais ou menos a psiquê do homem que habita certas zonas do Nordeste", tratando de "crimes, secas, substituições, ingenuidade", tudo que caracteriza o ambiente "moral e físico de nosso povo". Palestras são feitas sobre assuntos nordestinos, sobre expressões do gênio do povo do Nordeste como os cantadores. Eloy de Souza, Leonardo Mota, Luiz da Câmara Cascudo passam a falar, em sucessivas palestras e nos vários estados da região, sobre esta "cultura que estava morrendo". O livro do folclorista cearense, Leonardo Mota, com o título *Violinos do Norte*, é saudado de forma efusiva por Câmara Cascudo, em artigo no *Diário de Pernambuco*, em que define, de forma clara, o próprio trabalho que também estava compreendendo.<sup>94</sup>

O senhor Leonardo Mota entendeu que o verso do povo (real e metaforicamente livre de escolas) é a fisionomia moral da temperamento coletivo. E por mais ressonante que a frase seja ou pareça, a verdade vai seguindo todos os diagramas do percurso.

O labor desta maneira é mais formidável porque é de seleção, de escolha, de avilamento. Depois desta pedraria retirada do bruto e cinzento cascalho é que os Max Millers ou Lehmann Nietzsche tra-la-ão, reluzente e cara, para a vitrina comidíssima das citações.<sup>95</sup>

Deste cascalho bruto, que eram as manifestações culturais populares, os intelectuais regionalistas e tradicionalistas querem arrancar os brilhantes

93. CASCU DO, Luis da Câmara. *Viagando o sertão*, p. 46.

94. Mota, "Livros e folhetos - Abolidos", *Diário de Pernambuco*, Recife, 25/11/1925, p. 3, c. 7; Mota, "Centro Regionalista", *Diário de Pernambuco*, Recife, 13/07/1924, p. 3, c. 1.

95. CASCU DO, Luis da Câmara. "In terra aliena... (Leonardo Mota)", *Diário de Pernambuco*, Recife, 16/09/1924, p. 2, c. 1.



da cultura regional, fazendo como Leonardo Motra com os cantadores, eludindo, cotejando, explicando a cultura popular, dando a esta uma atitude positiva e própria, num esforço romântico de tornar eruditos os versos populares, sem achatá-los entre o grego e o latim. O verso chega "naturalmente toco, bravo, impulsivo, irregular e lindo como uma grande ode"; versos dos "aédos de gíbio e guarda-peito", que nascem pelo "fragor das cavalgadas no arrojo delirante das derrubadas, (...) em derredor a campina, o acude, a feira, o dia claro, a serra faiscante, a água cantante no inverno, a caatinga revolta na seca". Versos cantados por "ferda e arrastada voz de negro, etnicamente exilado de todas as pátrias, um fio trêmulo de cantiga humilde".<sup>96</sup>

A vaquejada de apartação era outra manifestação da cultura popular nordestina que ia desaparecendo. A produção de algodão, com seu valor comercial, substituíra a pecuária. Aos poucos, o gado estrangeiro invadia os pastos. Os reprodutores multiplicavam-se. Todo este gado já não atendia à magia melódica do aboio, a trilha sonora, que outrora os vaqueiros desenhavam no ar, suggestionando a boiada vagarosa. Touro Zebu, Caracu, Heresford não entendiam aboio nem serviam para serem puxados. "A vaquejada, velha escola de agilidade, de afortezza, de arrojo, de valentia, de presença de espírito e decisão pessoal" estava desaparecendo. Para substituir junto aos moços essa tradição de bravura, estabelecia-se "melancolicamente" o futebol.<sup>97</sup>

A cultura popular nordestina ia sendo inventada, assim, a partir de uma lista de manifestações que estariam desaparecendo. Seria uma cultura natimorta, que já surge nas páginas dos estudos folclóricos como relíquias

96. CASCUDO, Luís da Câmara. "In terra aliena... (Leonardo Motra)". Ver ainda: MOTTA, Leonardo. *Sertão alegre; Cantadores*. CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Antes desta geração dos anos 1920, no final do século XIX, movidos por um regionalismo ainda provinciano temos também a produção de trabalhos sobre o folclore que serão retomados por esta geração; ver, por exemplo: GALENO, Juvenal. *Lençóis e cânticos populares*. Fortaleza: R. Silva, 1892; *Sertão populares, s/l, s/c, s/d*; TEOFILLO, Rodolfo. *Lyras rústicas (serais da vida sertaneja)*. Lisboa: A Editora, 1913; *Sertão e tipos*. Fortaleza: Typographia Minerva, 1919.

97. CASCUDO, Luís da Câmara. "In terra aliena... (Leonardo Motra)", p. 46; Ver: CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores; Tradições populares da pecuária nordestina*. Rio de Janeiro: s/r, 1956; *Dicionário do folclore brasileiro*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998; MENEZES, Raimundo. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza: Edésio, 1938; MIRANDA, Manoel. Coisas que acontecem (contos regionais). *Gazeta da Serra*, Ubaíara, 1926; SALES, Antônio. *Retratos e lembranças*. Fortaleza: Waldemar de Castro e Silva, 1938.

que passariam a viver apenas por causa do esforço das penas e pesquisas dos folcloristas. A cultura nordestina, que caracterizaria os comportamentos, atitudes, hábitos, manifestações artísticas de sua população, era aquela cultura tradicional, rural, ainda não marcada pela delicadeza das culturas civilizadas. Era uma cultura rústica, nascida de uma história de conflitos e lutas entre os patriarcas brancos e a extraordinária bravura dos indígenas:

A extraordinária bravura desses incoltas, escrevendo as páginas mais sangrentas de resistência à colonização, que esfacelará as estruturas tribais para oprimitos, exclui o quadro de indolência, amolecimento e degenerescência, que se compraz em descrever-nos (...). Os instintos de agressividade e luta são profundamente machos. Marañon já mostrou luminosamente como o trabalho e a luta, dependem de fortes instintos relacionados com o sexo. O trabalho está ligado ao instinto de conservação individual e não se opõe ao sexo, como não se opõe o indivíduo à espécie. Intenso esforço vital exprime e exige forças instintivas e sexuais. A forma mais robusta e expressiva da masculinidade é a luta. A imensa energia desenvolvida pelos turbulentos abortígenes, na resistência porfiada que ofereceram, é o traço mais vigorosamente macho que poderiam por em relevo.<sup>98</sup>

O nordestino seria macho pela própria história da região, que teria exigido a sobrevivência dos mais fortes, dos mais valentes e corajosos. Nesta descrição do nordestino, percebemos que, embora os intelectuais que elaboravam este tipo regional estivessem ligados às elites, é no homem das camadas populares, principalmente do campo e do sertão, que se vai buscar um modelo típico de masculinidade para ser generalizado para todo ser regional. Os homens das elites decadentes, moles e impotentes, das novas elites burguesas, homens delicados e de punhos de renda, ou mesmo o morador pobre da cidade, efeminado por uma vida sem exercícios físicos duros, por uma vida que não era rústica, não serviam como modelo para este novo homem que se pretendia criar, capaz de significar uma resistência viril contra esta cultura moderna e delicada, que ameaçava descaracterizar a região e submetê-la definitivamente às outras áreas do país. Por isso, é

98. MENEZES, Djaçir. *Op. cit.*, p. 53.

nos tipos rurais tradicionais e em suas manifestações culturais que se vai procurar o tipo regional e a cultura regional.<sup>99</sup>

### 5) TIPOS CONSTITUTIVOS DO HOMEM NORDESTINO

O nordestino é construído através do agenciamento de uma série de imagens e enunciados que constituíam tipos regionais anteriores. Para esta construção confluem os tipos regionais que corresponderiam às chamadas áreas etnográficas em que estaria dividida a região, áreas demarcadas por diferenças naturais, pela formação racial particular de sua população ou, mesmo, por um processo histórico de colonização, ocupação e exploração econômica distintas, que seriam: o sertanejo, habitante do sertão das caatingas, do clima semiárido, produto do caldeamento do branco com o índio, ligado à ocupação do interior e à atividade pecuária; o brejeiro, habitante da zona intermediária entre o sertão e o litoral, áreas úmidas, de relevo mais elevado, produto do cruzamento entre brancos e negros, dedicando-se às atividades de subsistência ou trabalhando na produção da cana-de-açúcar; e o prateiro, que habita as praias largas e arenosas do litoral, produto dos mais variados cruzamentos raciais, dedicando-se à atividade pesqueira.

Mas também serão agenciados os tipos muito mais sociológicos, definidos por se dedicarem a determinadas atividades ou exercerem determinados papéis sociais, seriam eles: o vaqueiro, morador do sertão, responsável pelas atividades pastoris; o senhor de engenho ou o coronel, grandes proprietários de terras, exercendo o poder político e o mando em vastas áreas rurais, dedicando-se à produção da cana ou à pecuária e produção de algodão; o caboclo, nome genérico dado a todo descendente de indígenas e pertencente às camadas populares, independente das atividades que exercesse; o matuto, nome genérico dado a todo e qualquer homem do campo em relação de contraste com o homem citadino; o cangaço ou

99. É interessante notar que este processo de invenção de uma cultura popular e nacional que se contrapusesse à civilização, que ameaçava descaracterizar a nação ou mesmo a região, não é particular do Nordeste ou do Brasil; ocorreu em vários países naquele momento, e particularmente em Portugal, onde regionalistas e integralistas tentavam reporturguesar Portugal. Estes intelectuais exerceram profunda influência sobre intelectuais brasileiros como Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Ver: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *Op. cit.*; RAMOS, Rui. A invenção de Portugal. In: MATTOSO, José (Dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990, vol. 6.

o jagunço, tipos populares de homens dedicados a atividades consideradas criminosas, o matador independente ou o matador profissional a soldo dos coronéis; o beato, tipo de líder carismático e religioso popular, e o retirante, o homem pobre que migrava à procura de socorro, durante as secas.

Destes tipos, aquele que será tomado como o protótipo para a construção do nordestino será o sertanejo, quase sempre contraposto ao brejeiro, ao prateiro e ao citadino, tipos considerados decadentes e que, por isso, não serviam para representar o homem viril de que a região precisava. O sertanejo é mostrado como "a vanguarda invencível desse exército civilizador" enfrentando a rudeza da natureza do sertão. Seria um homem sóbrio, enxuto de carnes, desconhado e supersticioso, raras vezes agressivo, súbito nos seus arremessos, calado como as imensas planícies em que nasceu, calmo no gesto e na fala descansada e, sobretudo, e antes de tudo, forrado de intraduzível melancolia, que lhe fluiria dos olhos, da face carrancuda, do sorriso esquivo, de toda a sua expressão, de todas as curvas ríspidas do seu corpo ágil, feito de aço flexível.<sup>100</sup>

Na composição da imagem do nordestino os enunciados do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, sobre o sertanejo são permanentemente agenciados e atualizados:

Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações artísticas, refere-se Euclides da Cunha, em um dos baixos-relevos da sua epopeia famosa dos Sertões. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasimodo, reflete no aspecto a fealdade tímida dos fracos. O andar sem firmeza, sem apurmo, quase gíngame e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abaixada num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente a um umbral, ou parede que encontra; a cavalo, se sofreja o animal, para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a esplanada da sela. Carninhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que

100. CASTRO, Eduardo de Lima. "Pelos sertões", *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/11/1925, p. 18, c. 6; CARVALHO, Ronald de. "O caráter brasileiro". *Diário de Pernambuco*, Recife, 02/09/1923, p. 6, c. 1. Desde o século XIX e início do XX a figura do sertanejo vinha sendo construída por obras como: ALENCAR, José de. *O sertanejo*; CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*; CHAVEIRO, Newton. *Quem é o sertanejo*. Fortaleza: Irmãos Jaryhy, 1916.

parece ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. Esse na marcha, estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater um isqueiro, ou travar uma ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhars, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fadigado.<sup>101</sup>

Entretanto, toda essa aparência de cansaço seria só ilusão. Nada seria mais surpreendente “do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear de energias adormecidas. O homem transfigura-se, empertiga-se, estradeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e a figura do vulgar tabaréu canhestro reponta inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobraimento surpreendente de força e agilidade extraordinárias”.<sup>102</sup>

O sertanejo era acima de tudo um forte, que desmentia a pecha caluniosa de indolente. “Essa indolência antes aparente que real, com mais justiça se deveria chamar de estoicismo. Em reação constante contra o meio físico, ora inóspito, ora dadivoso, o sertanejo faz, como que periodicamente, também, as reservas e energias com que, a despeito de tudo, vai se afirmando e multiplicando. E nos períodos de reconquista dessa energia exaurida, nas fases oscilatórias de uma atividade surpreendente que talvez se lhe confunda o repouso fisiológico com apatia e indolência”. O sertanejo participaria da construção do caráter nacional com as suas qualidades de “calma, persistência e simplicidade de alma”. A sua resistência orgânica, por um fenômeno natural de adaptação ativa, seria medida na razão direta da agrutura do meio.<sup>103</sup>

101. CUNHA, Euclides da. *Ors sertões*. Apud CARVALHO, Ronald de. *Op. cit.*

102. Idem.

103. RÊGO, M. A. de Moraes. “O Nordeste brasileiro”, *Diário de Pernambuco*, Recife, 23/08/1921, p. 2, cc. 2 e 3.

O tipo popular do sertão nordestino, por ser inculto, teria costumes e psicologia muito particulares, marcados pela “profundeza de caráter de homens rústicos”, pela “valentia, alegria, e ironia”. Seriam eles “despreocupados e voluntariosos, ingênuos e sentimentais, cuja inteligência teria, às vezes, lampejos de genialidade, na sua beleza nua, natural, desprevenida e no pitoresco de sua inspiração prodigiosa e selvagem”. O sertanejo seria da mesma natureza do juazeiro, única árvore a resistir às prolongadas estiagens, com os seus predicados “primaciais de resistência, sobriedade, desinteresse e franqueza”.<sup>104</sup>

Numa mistura de caracteres físicos, psicológicos e culturais, o tipo do sertanejo vai sendo delineado como aquele que “sem o desequilíbrio biológico do mestiço do litoral que se procura fixar, era um tipo étnico definido.” Tendo “amalgamado em sua psiquê os caracteres de resistência e adaptação ao meio do índio e a audácia do colono”.

Não é um nômade, não é um errante, como o deveria ser, dada a inclinação das estações e os descampados das caatingas. É o vaqueiro que não deixa os campos de pastagens do seu gado, nem as estacas de seu curral. Se a seca impiedosa estanca as fontes, se os últimos cardos se queimam, se nos derradeiros estertores de resistência e vida nem mais o couro existe, ele, de rede nas costas, procura o litoral ou os seringais do Acre.

Mas onde souber que as chuvas ressuscitariam a natureza morta, volta às caatingas que a seca devastou. Não emigra: erra, vagueia até que os campos reverdeçam. Esse homem forte, tendo nas suas faces descarnadas o estoicismo de todas as vicissitudes e a resignação de todas as agruras, é o obreiro tenaz da conquista da Amazônia.<sup>105</sup>

O sertanejo seria o cerne da nossa nacionalidade, pois, isolado no interior seria aquele elemento que não foi modificado pelas influências cosmopolitas. Fora do contato com a civilização do litoral, sem vias de comunicação, nem meios fáceis de transporte, segregado na muralha das condições físicas mais hostis, se diferenciou em tipo étnico vigoroso. “É o sertanejo, o homem heroico, flagelado pelas fatalidades climáticas e

104. RÊGO, M. A. Moraes. *Op. cit.*; HARDMAN, Samuel. “Nossas árvores”, citado por N/a. “A Semana das Árvores - Será hoje a sexta conferência”, *Diário de Pernambuco*, Recife, 11/11/1924, p. 1, c. 5.

105. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, pp. 81-82.

sociais, que nos longínquos rincões adustos, obscuro e grande, resiste à natureza ingrata, retemperando as energias da nossa raça histórica em formação".<sup>106</sup>

Do estudo que vimos de fazer se conclui que no Nordeste brasileiro estão as mais vigorosas possibilidades de desenvolvimento e de grandeza do país. A população diferenciada que ali mouveja em lida sem réguas contra a natureza áspera é uma afirmação eloquentíssima das energias da raça brasileira que se vai fixando.

A sua proeminência na civilização futura será iniludível, se os governos ampararem o homem forte dos sertões com o concurso de iniciativas, que o trabalho individual não pode realizar. Modificado o habitat, com o empreendimento de obras que atenuem os rigores das condições físicas, desenvolvidas as linhas férreas, difundida a instrução, o Nordeste será o títil das resistências nacionais. O tipo étnico diferenciado do sertanejo, pelas suas qualidades de adaptação, constituirá o elemento propulsor da raça brasileira.<sup>107</sup>

As esperanças das elites nordestinas pareciam deslocar-se todas para a possibilidade de o sertanejo vir a se tornar o tipo regional capaz de responder aos desafios que este espaço enfrentava. Falavam a este homem do interior os benefícios da civilização que deveriam chegar até ele, para que — aliados às suas "qualidades naturais", desenvolvidas na luta com um meio particular —, sendo um tipo étnico superior, que possuía qualidades morais superiores aos homens da cidade e do litoral, pudesse o sertanejo assumir as rédeas políticas da região e reagir a seu processo de declínio. Esta ênfase na figura do sertanejo, nos anos 20 e 30, parece denunciar a própria mudança nas relações de poder no interior dos Estados, quando grupos políticos ligados à atividade algodoeira começavam a substituir as elites dos engenhos, a elite açucareira, no comando do governo destes Estados. Podemos examinar este fenômeno no Rio Grande do Norte quando as elites da região do Seridó se tornam predominantes sobre aquelas do vale do Açu; na Paraíba, quando o grupo Pessoa se sobrepõe à oligarquia Leal, os epíticistas derrotam os valfredistas; assim como a própria ascensão em

106. Idem, p. 81. Ver: ALBUQUERQUE, Ulisses Lins de. *Um sertanejo e o sertão*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: INL, 1976.

107. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 91.

Pernambuco, no pós-30, de Agamenon Magalhães, um homem do sertão, contrapondo-se aos grupos ligados ao açúcar.<sup>108</sup>

Enquanto o discurso tradicionalista lamentava a perda dos valores tipicamente sertanejos e saudava este como uma reserva das tradições morais, intelectuais modernizadores defendiam a necessidade de se aparelhar o sertanejo com as conquistas da técnica, da educação, da higiene, da eugenia, defendendo que este não era um retrógrado: ele aceitava e assimilava qualquer melhoramento que lhe fosse ensinado, e de cuja utilidade ele se convencesse. Quando estes intelectuais falam do sertanejo, muitas vezes, deixam transparecer que estão falando da elite proprietária que precisava de investimentos e melhoramentos técnicos que viessem viabilizar, do ponto de vista do mercado, a economia sertaneja. Entre a tradição e a modernidade, o sertanejo era, acima de tudo, uma reserva de virilidade, macheza, bravura, capacidade de luta, de enfrentamento, de energia para as batalhas que o espaço regional parecia carecer, o sertanejo era um valente, um brígão, em defesa da honra e do bem, como sempre decanta o cordel:

Eis uma história de luta /acontecida no Norte/ Nela ver-se um sertanejo/ corajoso, bravo e forte/ Em defesa de uma moça/ Enfrentar a própria morte. Rosalvo era um moço forte/ Que nunca temeu nada/ Residia no sertão/ na fazenda Anunciada/ Enfrentava todo azar/ Topava qualquer parada.

Era filho de um vaqueiro/ que também foi valentão/ Nasceu igualzinho ao pai/ nunca enjeitou confusão/ Detestava duas classes/desonrador e ladrão.<sup>109</sup>

Figura associada umbilicalmente ao sertanejo, o vaqueiro seria o criador nordestino, a face singela e boa do sertanejo. De forma muito distinta desta é abordada a figura do brejeiro, quase sempre contraposta negativamente em relação à figura do sertanejo. O brejeiro, além de ser

108. CASCUDO, Luis da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*; TAKEYA, Denise; LIMA, Hermanno Machado. *História político-administrativa da agricultura do Rio Grande do Norte (1892-1930)*. Natal: rev.-cepa-creda, 1979; SILVA, Eliete Queiroz Guíção. *Op. cit.*; LEVINE, Robert. *A velha usina: Pernambuco na federação brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; PANDOLFI, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política*. Recife: Massangana, 1984.

109. CABRAL, João Firmino. *O heroísmo do sertanejo*. Bezerros: Foheteria Borges, s/d. Ver: CRISTÓVÃO, José Severino. *O sertão e o sertanejo*. s/l, s/e, s/d; SILVA, José João da. *A cingança de um sertanejo no engenho Piripama*. s/l, s/e, s/d.

produto de um cruzamento racial que produziria um tipo étnico inferior, o mulato ou mestiço negroide, era o símbolo do homem pobre aviltado pela escravidão, acostumado à indolência, ao não trabalho. Bastava observar a forma como cada um carregava a enxada para notar-se a diferença entre o sertanejo e o brejeiro. Um a empunhava como se fosse uma espada, o outro a carregava sobre os ombros como se fosse uma cruz: 110

Patias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas.

A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram mal vistos nos brejos. E o nome de brejeiro cruelmente pejorativo.

Lúcia responsabilizava a fisiografia paraibana por estes choques rivais. A cada zona correspondia tipos e costumes marcados. 111

O brejeiro aparece como o antípoda do sertanejo, homem depauperado física e moralmente por séculos de escravidão, homem servil, obediente, passivo, de cabeça baixa, incapaz de fazer a região retomar sua antiga altivez. Homens que aprenderam durante séculos a ser submissos, homens que haviam perdido toda iniciativa e a disposição para o trabalho autônomo, conformados com suas condições de miséria. Homens que, para um intelectual modernizador como José Américo, não estavam dispostos a acabar com a rotina. O sertanejo não se deixava domar nem quando precisava fugir para o brejo, onde ia trabalhar no cito para sobreviver durante a seca. O sertão era como homem malvado para mulher: quanto mais maltratava, mais se queria bem. Aperteira, bota para fora e, na primeira fuga, se volta em cima dos pés. Para o sertanejo, o brejo significa o cativeiro, lugar de uma gente covarde e acanhada e de senhores prepotentes e discriminatórios, mal acostumados pela escravidão a tratar os trabalhadores como se não fossem gente mas um rebanho. Do brejo nada se podia esperar para a região, a escravidão havia degenerado tanto o homem branco e rico, como o homem do povo. 112

110. ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988, p. 13.

111. *Idem*, p. 4.

112. ALMEIDA, José Américo de. *Op. cit.*, p. 22.

O brejeiro, às vezes, é confundido com outro tipo regional que teria sido agrupado na figura do nordestino, às vezes é chamado de matuto, outras vezes de praireiro, embora em outros autores estes tipos apareçam como distintos. Este homem do litoral é descrito como "nervoso, de sensibilidade aguda, sabendo sorrir e sabendo rir, tem a imaginação brilhante e o pensamento travesso, é artista, prefere as imagens coloridas, as ideias abstratas, é esbelto, bem proporcionado de linhas, fala melhor quando improvisa, volta sobre os assuntos com desembaraço, às vezes com atrevimento, não respeita, em geral, senão as suas opiniões, e é quase sempre orgulhoso e audaz". 113

Haveria, no entanto, algo comum entre o praireiro e o sertanejo, um fundo comum de melancólico e voluptuoso fatalismo. As criações populares da região, nos campos da música e da poesia, seriam essencialmente elegíacas. A saudade, o terror e a resignação misturar-se-iam às suas vozes lastimosas, na toada plangente de seus cantares:

A sorte, nós bem sabemos/ É tal qual uma mulher/ Que quer, quando não queremos/ Quando queremos não quer.  
Alma no corpo não tenho,/ Minha existência é fingida./ Sou como o tronco quebrado./ Que dá sombra sem ter vida. 114

Assim como o sertanejo, o praireiro seria talhado na luta contra a natureza, desde sua pele requestada pelo sol e curtida pelo sal, até o seu espírito humilde e cheio de bravura seriam formados na luta constante com o mar pelas necessidades da existência, encontrando muitos sofrimentos, mas muitos prazeres nesta vida quase sempre muito pobre, mas com uma grande liberdade. O praireiro, ao contrário do brejeiro, nunca fora escravo, não sabia obedecer a ninguém, homens pobres e livres que viveram nas fimbrias da escravidão e que, por isso, eram quase desconhecidos. Era preciso estudar seus costumes e sua vida simples, porque era mais uma face desconhecida dos habitantes do Nordeste. 115

113. CARVALHO, Ronald de. *Op. cit.*

114. *Idem*.

115. N/a. "Livros e folhetos", *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/03/1924, p. 2, c. 6. Ver: MENEZES, Djair. *Op. cit.*; CASCUDO, Luis da Câmara. *Jangada. Uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1957.

O homem das praias confundir-se-ia com o dos brejos: seria "baixo, moreno de olhos e cabelos pretos, cabeça e nariz, às vezes, ligeiramente achatados, ombros largos, andar vagaroso, gestos lentos, voz arrastada". Descendentes do cruzamento do branco português com os pretos africanos, não seriam indolentes como se costumava acusá-los, apenas trabalhavam dependendo dos ritmos da natureza, combinando períodos de intensas atividades com longos períodos de descanso, de pouca faina, quando se dedicariam a realizar suas variadas manifestações artísticas populares e suas devotas atividades religiosas.<sup>116</sup>

Este homem típico das praias do Nordeste aparece em alguns autores sob a denominação de matuto, estando incluída aí toda a população que habitaria o litoral, compreendendo o homem que, em outros autores, aparece denominado como brejeiro ou como homem da mata, tipo contrastante com o do sertanejo, que habitaria nosso interior:

As condições físico-geográficas do nordeste imprimiram ao caldeamento étnico dos três elementos em fusão diferenciações acentuadas: Encontramos no nordeste dois habitats distintos. O litoral com a região das matas exuberantes, cortadas de rios que runcam ao Atlântico, o solo feracíssimo, onde se estendem os canaviais em ondulações imensas.

É a região que desde os tempos coloniais fixou o negro e o colono, na cultura da cana. Aí uma vasta população se caldeou, diferenciando-se um tipo rural característico. Surgiu o matuto.

(...) Essa rica aristocracia, os negros das senzalas, o índio domado e os cruzados constituíram até 1888 a população rural do nordeste. Do amálgama dessa população, dividida em duas castas: senhores e escravos, se originou o tipo diferenciado do matuto.

Sobre este incidiu sempre a pecha de indolente, preguiçoso e descuidado. Mas quem percorre a zona agrícola do nordeste, onde fumegam as chaminés das grandes usinas de açúcar e silvam as locomotivas que arrastam a cana do eito, verifica-se o trabalho de elaboração do progresso do matuto. É ele o mecânico que nas oficinas das fábricas foja o ferro, carpinta a madeira, dirige as locomotivas e lava a terra. Os pregoeiros sinistros da incapacidade do mestiço veriam, então, as transformação imprevisita do indolente, que se

116. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 29.

espreguicava no derrengue sensual dos sambas, no matuto erigindo sobre os destroços dos banguês as potentes máquinas das usinas modernas.<sup>117</sup>

Ao contrário de Gilberto Freyre, Agamenon Magalhães, como representante das oligarquias rurais do sertão, não parece nem um pouco saudosos do fim dos banguês, decantando o matuto que trabalha na usina, como aquele trabalhador novo, moderno, que ia se formando no litoral. Talvez, por isso, evite usar as denominações de brejeiro ou de praieiro para definir este homem, tipos muito marcados por uma imagem depreciativa, tipos indolentes saídos dos males da escravidão. Agamenon parece estar interessado principalmente no sertanejo, de quem espera a redenção da região, mas não deixa de ver no matuto do litoral um coadjuvante deste, na missão de tirar do atraso econômico a região.

É interessante perceber, ainda, que todos os tipos regionais que se converteram posteriormente no nordestino são definidos como tipos masculinos e rurais. Pela descrição que se faz do tipo de atividades que exercutam percebe-se que, ao se falar em homem, não é propriamente num homem representante da espécie, mas num homem representante de um gênero específico de que se está falando, as mulheres estão sistematicamente excluídas. Além disto, a própria designação matuto, empregada por Agamenon para definir o tipo do litoral, aparece, em outros discursos, como o nome dado para o habitante de toda a região, deixando claro que o contraponto é aí o habitante da cidade, tão sistematicamente excluído da figura destes tipos e do nordestino quanto as mulheres. Quanto à definição de classe social estes discursos são bastante ambíguos, ao definirem um tipo regional parece, às vezes, que se está falando apenas das elites dominantes neste espaço, às vezes parece estar-se falando apenas da classe trabalhadora, o que deixa impressão, na verdade, de que estes tipos regionais procuraram, em sua definição, borrar as fronteiras de classe, apresentando todas as classes subsumidas nestes tipos genéricos.

O matuto aparece no discurso do jornalista Dioclécio Duarte, por exemplo, como aquele habitante da região que ainda não se modernizara e que vinha sendo rapidamente substituído por um homem do campo modificado pelos avanços civilizatórios e técnicos. O matuto, aqui, não é um tipo étnico, a rocha viva da região, mas um tipo social que deveria ficar

117. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. Cit.*, p. 79.

para trás à medida que a modernização viesse modificar a face da região. O próprio sertanejo, que aqui aparece subsumido sob esta denominação de matuto, não é visto positivamente, como no discurso tradicionalista, por não ter se deixado contaminar pelo litoral, ao contrário é por ser modificado pelos influxos de modernidade vindos do litoral que se tornava um novo homem, aquele que a região precisava:

O tipo matuto, desengonçado e bronco, tendo à cabeça o largo chapéu de couro e no peito a camisa de pelo de bezerro, servindo de armadura contra os espinhos, durante as correrias desenfreadas através do matagal espesso, cedera lugar ao homem bem vestido, gentil com o sentimento primitivo de hospitalidade mas sabendo discutir os problemas e analisar os fatos que ferem a sua curiosidade.

Não se ajusta agora a perfeita fotografia de Euclides, cujo profundo talento psicológico descrevera o perfil do sertanejo, apontando as cores externas e pondo à mostra, um traço brilhante de pintor inimitável, o próprio aspecto moral do indivíduo.

As influências modernas transformaram a face da estrutura social e imprimiram um colorido diferente aos métodos tímidos da vida do interior, que recebe, a plenos pulmões, o sopro entusiástico dos avanços vertiginosos.

(...)

O matuto tímido, cheio de preconceitos, acorrentado ao obscurantismo das superstições creoulas, passou a ser uma ilusão. Ele desapareceu guardando-se da sua passagem simples reminiscência.<sup>118</sup>

Este discurso mostra que a elite nordestina não era tão monolítica assim, que ao lado do discurso regionalista e tradicionalista existia outra versão do discurso regionalista nordestino, que defendia a modernização tecnológica da região como a saída para seus problemas econômicos e, principalmente, para o seu problema maior, as secas. Aquele matuto do passado seria agora apenas um bom tema para os estudos de folclore, para que especialistas em suas matutices fizessem as plateias urbanas darem sonoritas gargalhadas, ao focalizarem seus costumes e suas alegres histórias. O matuto, embora continue sendo visto em contraponto ao mundo

118. DUARTE, Dioclético. "O sertão transformado", *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/10/1926, p. 1, c. 5.

urbano, nestes discursos da modernização é do ponto de vista da cidade que são descritos e julgados. Se para os tradicionalistas a cidade era vista de forma negativa quando olhada desde aquela sociedade rural idílica que descreviam, agora era a vida no campo que, se não seguisse os padrões urbanos, era motivo de reprovações e de riso.<sup>119</sup>

Tão genérica quanto a denominação matuto é a de caboclo, que aparece usada indiscriminadamente, tanto para definir racialmente o habitante do sertão, como o habitante do litoral, notadamente, aqueles que também eram chamados de piazeiros. Esta denominação aparece com destaque na imprensa brasileira quando da viagem dos jangadeiros do Nordeste à baía de Guanabara, como parte dos festejos do centenário da Independência do Brasil, em 1922. Essa viagem serve não só para definir e fixar o que seria o caboclo, como tipo étnico, mas o jangadeiro como tipo social e regional específico. Repercussão igual só teria a viagem de outro grupo de jangadeiros, durante o Estado Novo, para pedirem a Vargas a extensão da Legislação Trabalhista à sua categoria. O caboclo brasileiro teria demonstrado, ao fazer este vitorioso "raid" pelo litoral, "a sua valentia, a sua resistência e fibra, em cujas almas intrépidas e destreza consumada a pátria poderia confiar tranquilamente se em qualquer emergência, exigisse sua defesa armada".<sup>120</sup>

O caboclo também é apresentado como o sertanejo e como aquele capaz de prodígios modernizadores. Em visita ao Norte do Brasil, em 1919, o arcebispo de São Paulo, D. Sebastião Leme, fica maravilhado com Paulo Afonso, que considera verdadeiro centro de civilização, "obra do caboclo brasileiro". Paulo Afonso seria a própria civilização no coração sertanejo. Ao visitar as dependências da fábrica da Pedra, pareceu-lhe achar-se em um grande centro industrial como São Paulo. Não concorda que o nosso caboclo fosse o Jeca Tatu de Monteiro Lobato, até porque este não seria uma questão de regionalismo, existiria em toda parte. Se Monteiro Lobato, escrevendo *Urupês*, quis mostrar os defeitos, as mazelas, as fraquezas do caboclo brasileiro em geral, do caboclo doente, não seria o Mané Chiquechique, imaginado pelo deputado Ildefonso Albano, para caracterizar o caboclo nordestino e se contrapor à descrição lobatiana, que deveria ser generalizado para o Brasil. O que se precisava, segundo o

119. N/A. "Mantútes e matutagens", *Diário de Pernambuco*, Recife, 30/11/1927, p. 1, c. 2.

120. N/A. "Os jangadeiros do Nordeste", *Diário de Pernambuco*, Recife, 13/09/1922, p. 1, cc. 2 e 3.

arcebispo, era curar o Jeca e retirar os espinhos de Mané através da cultura e da educação. Um cacto bem cultivado não teria espinhos; o nosso caboclo poderia ser transformado nesta planta moderna e civilizada, se os governos tivessem estes cuidados.<sup>121</sup>

O caboclo, embora "magro, chupado, cor de bronze", teria um coração e um espírito que bem utilizados o fariam um bastião da pátria, longe de ser aquele homem de cócoras, sempre "manginando", descrito por Lobato. Era preciso, no entanto, canalizar corretamente suas energias, sob pena de termos o caboclo transformado em figuras como o do jagunço e do cangaceiro. Fenômenos sociais e psicológicos que revelariam a própria constituição biológica do caboclo. Para Djacir Menezes, por exemplo:

Não desapareceu, assim, a fisionomia mental do índio no jagunço resabiado. Bem ao contrário, muitas vezes. O contraste violento, que Euclides pintou a vivos traços, de um temperamento que oscila dos extremos de apatia à alta vibratidade, da postura cansada ao retesamento inopinado das energias, reflete bem a ciclotmia característica do caboclo, que levou Pompeu Sobrinho a incluí-lo entre os brevílneos estênicos de Pende.<sup>122</sup>

Na definição destes tipos regionais notamos, mais uma vez, uma característica de grande parte dos discursos das elites nordestinas, no período que vai dos anos 20 aos anos 30, o uso eclético de vários modelos teóricos para a explicação da sociabilidade humana e mesmo para explicar os comportamentos e atitudes dos grupos sociais ou dos indivíduos. Misturam-se em um só texto conceitos, enunciados, temas e imagens de tendências teóricas às vezes antagônicas, mas que são harmonizadas naquilo que seria uma característica do pensamento brasileiro, ou seja, não ter amor pelas oposições e pelas dissidências e sim pelo amalgamento e a harmonização dos contrários. Na descrição do caboclo, por exemplo, somam-se enunciados eugenistas e naturalistas, com enunciados biogeográficos e enunciados sociológicos e psicológicos. E quando este aparece sob a face do cangaceiro, um tipo criminoso, antissocial, as explicações para que o caboclo tenha gerado estes "tipos monstruosos" tendem a misturar diferentes matrizes teóricas; mesmo quando se pretende

121. N/a. "O Arcebispo de São Paulo fala ao Distrito", *Diário de Pernambuco*, Recife, 11/10/1919, p. 3, c. 2. Ver ALBANO, Ildeltonso, *Jeca Tatu e Mané Chiquetique*. s/l, s/c, s/d.

122. MENEZES, Djacir. *Op. cit.*, p. 98.

criticar qualquer determinismo, conceitos com ele comprometidos afforam na argumentação:<sup>123</sup>

As exceções monstruosas do cangaço não caíram do céu. Elas saíram do inferno das injustiças sociais e são explicadas intra societatem. Atitude contrária repugnaria ao espírito científico. Buscar outras causas é postular a insolubilidade do problema. As formas sociais exprimem as forças do grupo, agregado biológico de indivíduos relacionados entre si em formas orgânicas de atividade que lhe garantam a base material de existência. Os casos de cangaço são formas de desajustamento ao meio social, sob forma de reação violenta: reação do caboclo forte, que pega do rifle. Mas há a reação do débil, que pega do rosário: reação do fraco, que protesta misticamente.<sup>124</sup>

Cangaceiros e beatos, tipos polares e complementares, seriam outras figuras sociais incorporadas à figura do nordestino, dando a este sua dupla face de violência e misticismo, quase sempre vividos de forma inseparável. O cangaceiro era uma espécie de entidade semifantástica, mistura de gente e de lenda que abalaria o sertão ainda não domado pela civilização. O cangaceiro seria um elemento rebelde à ordem e a qualquer disciplina social. "São bandos turbulentos, compostos de tipos regressivos que, por um fenômeno de atavismo, revivem o rebotalho das bandeiras e entradas de Francisco Caldas, Garcia d'Ávila e Domingos Sertão, que assalariaram, nas suas hostes de caça ao índio, os cruzados dissolventes, os cabras afetos à desordem e ao crime". Os cangaceiros seriam, pois, organizações psíquicas enfermizas onde despontaria a virulência de instintos de mestiços transviados das bandeiras, aterrorizando com os seus crimes os sertões do Nordeste. Mas isto só se daria por terem estes elementos dispersivos e maus encontrado um ambiente social propício a seu desenvolvimento.<sup>125</sup>

A ausência de comunicações prontas, a falta de um policiamento cuidado, a justiça mal distribuída, a instrução rudimentar e inexistente em muitas regiões, todas estas circunstâncias originaram os bandoleiros que infestam o

123. Sobre o ecleisismo como uma característica do pensamento brasileiro, ver: DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira*. Passo Fundo: EDUEFS, 1998.

124. MENEZES, Djacir. *Op. cit.*, pp. 80-81.

125. N/a. "Um criminoso perverso", *Diário de Pernambuco*, Recife, 22/08/1922, p. 1, c. 4, MAGALHÃES, Agamenon, *Op. cit.*, p. 86.



hinterland brasileiro. Acresce, ainda, como causa agravadora dessa anomalia social, os costumes políticos de aldeia, o mandonismo que se traduz no amparo dos chefes locais àquele elemento deletério.<sup>126</sup>

O cangaceiro poderia ser levado a esta vida de extremos por vários motivos: Um deles se devia à "eclosão destruidora de latentes instintos de ferocidade sangüinária conduzindo ao primeiro assassinato, elo inicial de uma cadeia maldita que se acrescerá até o final da vida". Dessa forma surgiria na história do cangaço a mais "perigosa e perversa camada da classe". Seriam os seus componentes "criminosos-natos", "indivíduos degenerados a quem o momento sobrevingo aproveitam gostosamente a ensancha de encarreirarem no crime". Outro grupo, "esquerdo e apagado", exerceria a contragosto a singular profissão com um "fatalismo melancólico e resignado", seria formado pelos criminosos ocasionais, de diferentes matizes, os que por uma circunstância fortuita, inesperada, uma fatalidade, enfim, bruscamente se incluíram nas disposições punitivas do Código e sem coragem para enfrentar a perda da liberdade, dos azares do júri, abrigar-se-iam à impunidade do cangaço. E, por último, os revoltados, os que torturados pela fome e pela sede de justiça se arvorariam contra a sociedade.<sup>127</sup>

As explicações para o surgimento do cangaceiro pareciam ser tão cheias de contradições como as próprias figuras desses personagens. Como entender um Antônio Silvino, que "vivia como um selvagem, dormia ao relento, andava vinte léguas por noite, tinha gestos cavalheirescos de permeio às suas proezas de facínora, defendia o pobrezinho e a viúva, cejava-se nos chefes políticos, e com ares de campador instaurava-se em protetor dos humildes e desgraçados." Sua existência, pois, "acidentada e doída" era cheia de "contrastes bizarras". Uma vez preso, dedicava-se a ler Alan Kardec e decorava versículos da Bíblia. Como um "bolchevique" culpava a sociedade por tudo que tinha feito, dizendo, ainda, que não queria ser brasileiro, pois não queria ser cidadão de um país sem moral, sem justiça, sem direito e sem liberdade. O mais surpreendente era que essa fera tinha rosto de criança, não havendo nada nele que indicasse perversidade.<sup>128</sup>

126. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 86.

127. N/a. "A magistratura e a proflixia do cangaceirismo", *Diário de Pernambuco*, Recife, 16/06/1927, p. 2, c. 5.

128. FERNANDES, A. "Antônio Silvino", *Diário de Pernambuco*, Recife, 03/01/1923, p. 1, c. 5.

Na história do cangaceirismo, Antônio Silvino costuma ser contraposto à figura de Lampião, pois o primeiro representaria o momento romântico deste tipo de atividade, um homem que agia, muitas vezes, sozinho, que se mantinha afastado da exploração política, que tirava de quem tinha para dar para quem não tinha, vingando aqueles atingidos por prepotências de poderosos; já o segundo representava a perda de qualquer valor ou espírito romântico, era uma figura perversa, capaz de cometer sem motivações os mais torpes crimes, se locupletava desta atividade, negociando seus préstimos a poderosos. Silvino teria sido preso por lhe faltar a proteção dos "cangaceiros encasacados". Enquanto a polícia de Dantas Barreto prendia Silvino, no Estrado vizinho do Ceará, Padre Cícero e seus bandidos assaltavam o poder do Estrado e recebiam honras oficiais. Já Lampião seguia fazendo todo tipo de tropélias, mesmo não tendo sequer o garbo e o aspecto de "cavalheiro renascentista" de Silvino. Era um tipo moreno, franzino e bravo, cego de um olho, por onde lacrimejava constantemente e de uma perversidade insólita.<sup>129</sup>

Lampião reina incontestavelmente na imaginação sertaneja. Devemos um grande bem ao hediondo bandido. Desmoralizou o tipo romântico do cangaceiro. Outora todos os valentões, chefes de quadrilha, tinham atitudes simpáticas, gestos cativantes, ações generosas. Poupavam as crianças, respeitavam os lares, veneravam os velhos, faziam casamentos, cobravam dívidas a que os ricos se recusavam pagamento, rasgavam processos forjados pelo mandonismo político. Lampião acabou com a tradição de Jesuino Brilhante, Adolfo Meia Noite, Antônio Silvino. É malvado, ladrão, esturpador, incendiário, espalhando uma onda de perversidade inútil e de malvadeza congênita onde passa.<sup>130</sup>

A derrocada do mundo tradicional vinha representada pelo novo tipo de cangaceiro, que já não respeitava sequer os santos e os oratórios que protegiam a entrada dos lares. Homem moderno, Lampião evoluiu de supersticioso, que não entrava em casas onde via retrato do Padre Cícero e ficava parado, descoberto, silencioso diante dos velhos altares domésticos,

129. N/a. "Antônio Silvino. Sua chegada ao Recife. Peripécias da viagem. Impressões", *Diário de Pernambuco*, Recife, 01/12/1914, p. 1; N/a. "Antônio Silvino", *Diário de Pernambuco*, Recife, 11/12/1914, p. 2.

130. CASCUDO, Luiz da Câmara. *Op. cit.*, p. 37.

era "seguidor de Lênin, para quem a religião era o ópio do povo". Essa mutação que Lampião representava no perfil do cangaceiro só foi saudada com satisfação pelos poetas populares, que, já em 1927, proclamavam o heroísmo do novo mito do sertão e narravam com admiração suas peripécias. Nas páginas do cordel, o cangaceiro tornou-se ao lado do coronel, seu inimigo e contraponto, modelos de ser homem no Nordeste. Homens caracterizados pela valentia, pela defesa a todo custo da honra, o homem pobre rebelado, que vingava simbolicamente a todos os desvalorizados das atitudes discriminárias dos poderosos:

Vou tratar de Lampião/ Esse grande cangaceiro/ Afirmando que ele é/  
Campeão do mundo inteiro/ Embora que Lampião/ Seja assassino e ladrão/  
Nos honra em ser brasileiro.  
Sabe-se que Antônio Silvino/ Foi cangaceiro valente/ Brigou uns poucos de  
anos/ Feriu, matou muita gente/ Mas tinha que encadear/ Render as armas,  
chorar/ Vendo um Lampião de frente.  
Os que seguem Lampião/ Com ninguém fazem brinquedo/ Lampião nunca  
aitrou/ Pra assustar, nem fazer medo/ Diz que a bala de seu rifle/ É capaz de  
fazer bife/ De duro e grosso penedo.<sup>131</sup>

A figura de Lampião, tantas vezes descrita pelo discurso do cordel, tanto em seus atributos físicos, morais, quanto em seus feitos e peripécias, ficaria definitivamente gravada como uma das formas de aparecer o nordestino. Em uma de suas principais façanhas, Lampião chega a Juazeiro do Norte, terra do Padre Cícero, e se comporta como um perfeito cavaleiro: distribui moedas para os habitantes do lugar, concede entrevista a um jornalista, visita o Padre Cícero, aparece com ele na janela de seu casarão, para delírio dos curiosos. Firmava-se ali uma imagem que será várias vezes utilizada para se falar do nordestino e de sua bravura e valentia:<sup>132</sup>

131. NOGUEIRA, José Pinheiro. *O Lampião e seu heroísmo*, s/l, s/e, 1927.

132. Ver: BARROSO, Gustavo. *Heróis e bandidos*. Rio de Janeiro: s/e, 1917; NOTA, Leonardo. *No tempo de Lampião*. Rio de Janeiro: s/e, 1930; CHANDLER, B. J. *Lampião - o rei dos cangaceiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; FÁCIO, Rui. *Op. cit.*; FERNANDES, Raul. *A marcha de Lampião: assalto à Mossoró*. Natal: Editora Universitária, 1980; GOIS, Joaquim. *Lampião: o último cangaceiro*. Serpipe: 1966; MACIEL, Frederico Bezerra. *Lampião - seu tempo e seu reinado*. Petrópolis: Vozes, 1978; PRATA, Raulão. *Lampião*. Rio de Janeiro: Arnel, 1934; ROCHA M. Bandidos das caatingas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1940; PEREIRA, Auricélia Lopes. *Rei do Cangaço e os vários Lampiões*. Recife, UPPE, 2000 (Dissertação de Mestrado em História).

O repórter na conversa/ Prestava toda atenção/ Gravou na mente o retrato/  
Bem fiel de Lampião/ O seu perfil natural/ De um modo original/ Com a  
maior perfeição.  
Estatura mediana/ O corpo bem comedido/ O rosto bastante oval/ E queixo  
muito comprido/ Eis os traços principais/ Dese que entre os mortais/  
Tornou-se tão conhecido.  
Ele traz o seu cabelo/ Americano corado/ Traz a nuca descoberta/ Usa o  
pescoço raspado/ Os dedos cheios de anéis/ Boa alpercata nos pés/ Pra lhe  
ajudar no serrado.

Tinha a calça de bom pano/ Paletó de brim escuro/ No pescoço um lenço  
verde/ De xadrez e bem seguro/ Por um anel de brilhante/ Que se via  
fascicante/ Por ter um metal mais escuro.

Usava óculos também/ Pra encobrir um defeito/ Moléstia que Lampião/ Sofre  
no olho direito/ Mesmo assim enxerga tudo/ Pois no sertão tem estudo/ Faz  
o que quer a seu jeito.

O repórter perguntou/ A Lampião sua idade/ Tenho vinte e sete anos/ Com  
toda serenidade/ Sinto-me bastante forte/ Não tenho medo da morte/ Nem  
fui de autoridade.<sup>133</sup>

Para as elites nordestinas, Padre Cícero, que recebera Lampião sem resistência, era bem o exemplo de outro tipo social que adigia o Nordeste, e era produto da falta de instrução e cultura de seu povo: o beato, líder de hordas de fanáticos, mostrava a face supersticiosa e mística do povo nordestino. Quem percorria os sertões do Ceará, Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Piauí encontrava, invariavelmente, o forniçueiro deromeiros que, em bandos maltrapilhos, esfomeados, com as mulheres e os filhos, iam a Juazeiro tomar a bênção ao Padre Cícero. Um espetáculo que conflagra, consolava e apavorava. Nada os detinha de seu fanatismo, nada os demovia de sua romaria anual aos redutos do Juazeiro, que se desenvolvia cada vez mais. Eram produto de uma civilização que tardava a chegar aos sertões e que ameaçava, como em Canudos, acabar em derramamento de sangue:<sup>134</sup>

133. ATHAYDE, João Martins de. *A entrada de Lampião acompanhado de 50 cangaceiros na cidade do Padre Cícero*, s/l, s/e, 03/1926; *Os projetos de Lampião*, s/l, s/e, s/d; CORDEIRO, José. *Visita de Lampião a Juazeiro*, Juazeiro, s/e, 1926; MARIANO, Ranchinho. *O assalto de Lampião a Mossoró onde foi derrotado*. Mossoró: s/e, 1927.

134. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 87. Ver: COSTA, Florio Bartholomeu da. *Juazeiro e Padre Cícero (Depoimento para a história)*. Rio de Janeiro: s/e, 1923; LORENÇO FILHO, Manoel. *Joazeiro do Padre Cícero (Sertão e quadros do fanatismo do Nordeste)*.

O fanatismo é ali uma diátese que se torna imprescindível combater. O sertanejo sem instrução nem cultura, chumbado a um meio social e físico caracteristicamente hostil, na ignorância absoluta dos fenômenos naturais, é um supersticioso e, por vezes, um fanático. A história das populações do Nordeste está entremeadada desses movimentos apavorantes do fanatismo que imolou crianças na Pedra Bonita, em Pernambuco, que subverteu a ordem e destruiu exércitos em Canudos, na Bahia.<sup>135</sup>

Oromeiro fanático, pobre e andrajoso, percorrendo os sertões a pé em busca de sua "Meça", atualizava um aspecto que também serviria para definir o nordestino, o da sua disposição para o nomadismo, para percorrer longas distâncias a pé, fato que se extremava no momento das longas estiagens, quando surgia pelas estradas outra figura que marcava, com sua presença atterradora, as páginas sociais da região: o retirante. Descrito pela literatura regionalista, desde o século XIX, no romance pioneiro de Antônio Salles, *Asas de arribação*, o retirante e seu êxodo serão temas de copiosa produção artística e literária, tornando-se um dos maiores símbolos da miséria e das lamentáveis condições sociais da região Nordeste.<sup>136</sup>

(...) o pobre sertanejo em sua casa baixa e estreita medindo seu último litro de farinha, matando sua última cabra, vendo desaparecer do fundo das cacimbas a água que bebem ele e sua família e da qual dava a seus bichos quando os tinha. É preciso emigrar!

Aí! senhores, pensai nos grandes preparativos para as nossas viagens, que provisão, que conforto, que luxol Vai o nosso sertanejo emigrar com toda a

2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1926; MONTENEGRO, Abelardo. *História do fanatismo religioso no Ceará*. Fortaleza: Editora Batista Fontenelle, 1939; PINHEIRO, Itneu. *O Jazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1938; THEOPHILLO, Rodolfo. *A redenção do Jazeiro*. São Paulo: s/e, 1922.

135. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 86.

136. SALES, Antônio. *Op. cit.*; RAMOS, Gaúliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 1984; ALMEIDA, José Américo de. *A bagacaria*; QUEIROZ, Rachel de. *O quinto*. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

Tão importantes quanto as imagens literárias trazidas por estes romances regionalistas para a construção de um rosto e um corpo para o nordestino são as ilustrações que estes trazem, feitas por artistas como Percy Lau, Manoel Bandeira, Pory, Di Cavalcanti, Aldemir Martins, Santa Rosa, que constroem uma visibilidade para o tipo nordestino calcada, principalmente, na figura do retirante. Essas imagens serão tema, posteriormente, tanto da pintura quanto do cinema de temática nordestina.

família levando, contai bem, os filhinhos pequenos, seus farrapos de roupas, suas redes, a provisão de boca que pode ajuntar e água para beber, tudo isso nas costas dele desfalecido, acabrunhado pela luta contra a natureza, morrendo de fome e com a alma corada pela adversidade.<sup>137</sup>

Homens anônimos, sem rosto, nômades desterritorializados, os retirantes aparecem no discurso da seca como o nordestino, independente de condição social. Todos seriam retirantes, todos sofreriam os efeitos das secas periódicas. Estratégia discursiva para trazer para os cofres dos abastados recursos vindos da União e para dar aos filhos das elites novos postos de trabalho, sincuras no serviço público. Mas a figura do retirante construída pelo discurso regionalista nordestino será incorporada à do nordestino em geral, construindo para este um rosto de miséria e dor e um corpo flagelado, desfile de esqueletos andrajosos:

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos – esqueletos redívivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres.

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas. Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em decaminhos, no arrastado dos maus fados. Fugiam do sol e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo.

Adelgaçados na magreza cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.

Vinham escoteiros. Menos os hidrópicos – doentes da alimentação tóxica – com os fardos na barriga alarmantes.

Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.<sup>138</sup>

Homens sem identidade, mas tão fundamentais na criação de uma identidade para o nordestino. Só não tão importante quanto aquela outra figura que ficava na Mata a esperar que os salvados das retiradas chegassem às suas terras, para usá-los como mão de obra: o senhor de engenho. Visto,

137. FREITAS, Pio. "A seca no Ceará". *Diário de Pernambuco*, Recife, 23/01/1920, p. 3, c. 4.

138. ALMEIDA, José Américo de. *A bagacaria*, p. 4.

nos anos 20, por alguns discursos, como uma figura obsoleta, representante do atraso técnico, do arcaísmo econômico, da prepotência política e dissolução moral, é construído pelo discurso tradicionalista como a figura basilar de toda a história e civilização desta região. Figura de aristocrata dos trópicos, de chapéu de abas largas, botas e esporas de prata ou de chambre de chita e chibata, responsável pela prosperidade e poder de toda esta área do país, que agora se via entregue às mãos dos usineiros e em debatele acentuada.<sup>139</sup>

Um senhor de engenho era um homem! De um lado da casa da vivenda, numa longa ala de edifício, como numa imensa colmeia, cinquenta, sessenta, às vezes mais, portas rústicas determinavam tantas habitações de homens negros que eram como as muitas sombras de homem branco da casa-grande. Fortes, resistentes, sóbrios, sadios, resignados aqueles cinquenta ou sessenta homens moviam-se a um aceno do 'senhor'. O 'senhor pensava e resolvia: as sessenta sombras agiam acionadas por aquela vontade dominadora e única. Tanto manejavam uma enxada ou uma foice nos citos como um arcabuz nos recontros.

E a maior força do senhor de engenho e das fazendas daqueles tempos remotos residia na certeza de que de cada lado de sua propriedade, com igual valor e prestígio, outro senhor de engenho seu vizinho e amigo, estaria ao seu lado contra os Chichorros para resistir com dignidade a imprevidéz e a prepotência dos governos (...).

Tanto valor e respeito próprio, a hospitalidade generosa, a largueza, o cumprimento escrupuloso da palavra empenhada davam a cada um daqueles homens uma tamanha força moral que nem juntos todos os ricos usineiros de hoje, apesar de muito respeitáveis, possuirão talvez.<sup>140</sup>

139. N/a. "Impressões de Pernambuco", *Diário de Pernambuco*, Recife, 20/06/1926, p. 3, c. 2.

O senhor de engenho ou o coronel são figuras centrais em toda a produção literária e artística identificada como nordestina, ver: RÊGO, José Lins do. *Memória de engenho*; ALMEIDA, José Américo de. *Coitivos (Novela)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979; FONTES, Armando. *Corumbá*. Rio de Janeiro: Livraria Schmidt, 1933; QUEIROZ, Rachel de. *Jão Miguel (Três romances)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948; RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

140. BELLO, Júlio. "Senhores de engenho", *Diário de Pernambuco*, Recife, 30/08/1924, p. 3, c. 2.

Essas figuras representativas de um passado de glória deveriam ser eternizadas através da escritura de memórias e de romances e servir de motivação para uma pintura nordestina. Deveria perpetuar a figura desse homem por excelência, senhor de engenho de duras barbas medievais e da senhora de engenho, gorda, e com um molho de chaves na mão, fazendo com acútar de casa as primeiras geleias de arazás, como também a figura de seus escravos, homens debruçados sobre os tachos de cobre onde se cozia o mel, a se agitarem com as enormes colheres, ao baldearem com as gingas e ante as fomalhas, onde ardia a lenha para alumiar o fogo cor de sangue. E esses corpos meio nus em movimento, dorsos pardos e roxos, oleosos de suor, todos se douravam ou se avermelhavam, à luz das fomalhas que ensanguentavam as próprias sombras, assumindo na tensão de algumas atitudes, relevos estatuescos.<sup>141</sup>

Freyre achava que um regionalismo criador, como chamava suas ideias, devia se inspirar no que este tipo social havia produzido em várias áreas, para desenvolver uma cultura que se modernizasse sem perder, no entanto, seus valores e tradições. Inspirar-se no tipo de casa-grande de engenho na arquitetura, nos coccos, reis de congo e maracatus de cabras e mulatas de engenho na dança, nas marchas de carnaval, na música. A cozinha do senhor de engenho, com as suas comidas de coco, os seus adubos, a sua doçaria rica, tudo isso deveria compor a cultura nordestina, ser resgatado por quem queria ver esta região de pé novamente.<sup>142</sup>

Assim, a figura do nordestino ao ser gestada, nos anos 20, agenciara toda essa galeria de tipos regionais ou tipos sociais, todos marcados por uma vida rural, por uma sociabilidade tradicional e, acima de tudo, desenhados com atributos masculinos. São todas figuras de homens, heroicos ou não. Seja o sertanejo, o brejeiro ou o praieiro, seja o vaqueiro, o jagunço, o coronel, o cangaceiro, o beato, o retirante, o matuto, o caboclo ou o senhor de engenho, todos esses tipos se relacionam com as atividades econômicas e sociais atribuídas pelos códigos sociais, daquela época, aos homens. Aristocráticos ou rudes, pobres, andrajosos, covardes

141. FREYRE, Gilberto. "Que é dos pintores... que não vêm pintar", *Diário de Pernambuco*, Recife, 22/03/1925, p. 3. As artes plásticas de temática nordestina tomam estas figuras como um dos seus ícones principais; ver, por exemplo, uma boa parte da produção do pintor Aldemir Martins, notadamente os quadros.

142. Ver FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941; *Manifesto regionalista*. 4. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/MEC, 1967.

ou valentes, são todas expressões de uma sociedade onde a história, a ação, parecia pertencer apenas aos homens. Figuras que ficaram no passado, destruídas pela modernização, pela emergência da sociedade urbano-industrial. Figuras de um mundo ainda não dominado por valores burgueses, agentes de um capitalismo incipiente. Figuras vindas do mundo da escravidão que serão resgatadas para construir o novo homem da região, capaz de reafirmar as qualidades que essas figuras possuíam e capaz de superar as suas deficiências. O nordestino deveria preservar o que de melhor nelas havia, principalmente o fato de serem viris, potentes, capazes de intervir na realidade. Eram machos, e isso era o que mais a região precisava. O nordestino, homem novo, nasceria do resgate de alguns desses tipos e da superação de outros, mas preservaria sempre a coragem, a valentia, o destemor, a macheza como atributo principal.

## 6) NORDESTINO: UMA INVENÇÃO DO "FALSO"

O nordestino é um tipo regional que surge por volta dos anos 20, do século passado. Surge nos discursos das elites da região, que também estava elaborando sua identidade desde a década anterior, levando algumas décadas para ser introjetado como um elemento definidor de identidade para toda a população desta área do país. Ainda hoje, em outras regiões, convive, lado a lado, com outra identidade, a de nordesta ou com estereótipos como o do baiano em São Paulo e do paraba, no Rio de Janeiro, que também servem para identificar os habitantes do Nordeste. Nos anos 20, encontramos outra variação para essa identidade regional, a de nordestano, demonstrando que esta era ainda uma identidade em elaboração. Construído a partir de temas, imagens e enunciados que definiram outros tipos regionais anteriores, o nordestino será descrito de diferentes formas, mas terá alguns traços definidores que se encontrarão em todas as versões: será um tipo rural, que não se identifica com o mundo moderno, reativo ao processo de transformações que, desde o século XIX, implantava uma sociedade tipicamente capitalista e burguesa no país; reativo ao processo de implantação de uma sociedade urbano-industrial. Ele representará uma tradição agrária e patriarcal, quando não escravista. Será o bastião de uma sociedade artesanal e folclórica, que estaria desaparecendo. Será definido, acima de tudo, como uma reserva de virilidade, um tipo masculino, um

macho exacerbado, que luta contra as mudanças sociais que estariam levando à feminização da sociedade.<sup>143</sup>

Contemporâneo da emergência, nos Estados Unidos, da figura do cowboy, o nordestino é uma reação à crise da masculinidade que Elizabeth Badinter localizará entre o final do século XIX e os anos 30 do século XX, no mundo ocidental. Penso ter deixado claro, na primeira parte deste trabalho, que esta crise também é vivenciada com muita angústia pelos homens das elites brasileiras, notadamente, no Nordeste, região em declínio econômico e político. Neste espaço, esta crise de um padrão de masculinidade, trazida pelas mudanças aceleradas proporcionadas pelo mundo moderno, sobretudo pela alteração do lugar ocupado pelas mulheres, pelos filhos e pela própria família, é vivida como uma crise mais aguda, pois abarcaria todos os aspectos da sociedade. É nítido como as figuras de gênero são usadas para falar da crise econômica, política e social vivida pelo Nordeste. Esta região é vista como se feminilizando, se passivizando, precisando, pois, de um novo homem, um novo habitante, que significasse uma reação viril a este processo de horizontalização e declínio, que se anunciava mortal para uma elite agrária tradicional que a dominara até então. Se nos Estados Unidos foram buscar no vaqueiro americano, no desbravador do Oeste, esta reação viril ao mundo que se feminizava, aqui será o sertanejo a base de criação do nordestino, este homem de novo tipo, pois militante pelos interesses de sua região, ou seja, pelos interesses de suas elites.<sup>144</sup>

O nordestino surge definido como uma reserva de brasilidade, um tipo mais homogêneo, nascido do caldeamento das três raças formadoras da nacionalidade, mais autóctone, mais nativo, por não ter sido transformado pela infusão recente de sangue estrangeiro. O nordestino seria "um homem incubado, um homem explosivo, aparentemente morno e sombrio, porém, com reservas enormes de talento e imaginação". Esse homem "rústico e desconhecido" seria capaz, no entanto, de dirigir um automóvel e consertá-lo

143. Para a expressão *nordestano*, ver: GUERRA, Felipe. *Ainda o Nordeste*, p. 7 e 11.

144. BADINTER, Elizabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. Sobre a crise da masculinidade entre o final do século XIX e o começo do XX, ver ainda: SHOWALTER, Elaine. *Angústia sexual: sexo e cultura no fim de século*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993; PAGLIA, Camille. "Decadentistas americanos: Poe, Hawthorne, Melville, Emerson, Whitman, James". In: *Personas sensuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

depois de duas lições, "sonolento e de sorriso esfingico, torna-se de repente uma maravilha de coragem e desprendimento". Homem tradicional, mas aberto à modernização:

A nossa mentalidade, o espírito forte do nordestino já não merece dúvida.

Em toda parte, espalhado pelo Brasil inteiro, está o nordestino, o heróico desbravador, com uma reserva admirável de talento e de firme caráter impondo a sua característica forte.

Tudo que possuímos é nosso, é de nosso esforço, de nossa tenacidade.

Sem os grandes fatores centrais, entontecido pelo escasso apoio econômico-financeiro, com tudo vamos como grandes magos, abrindo horizontes e possibilidade raras, nessa admirável terra, uma das mais jovens do mundo.

O Nordeste foi e será sempre o tronco firme e inviolável da nação, a árvore magnífica que tem dado e dará sempre ao país os frutos mais opimos.<sup>145</sup>

Neste discurso, além de aparecer, ainda, certa indefinição entre a designação de nordestino e a de nordestino para nomear o habitante da região, vemos este ter seu perfil traçado, em grande medida, através de imagens que lembram o sertanejo de Euclides. Nota-se, ainda, a veiculação da reivindicação de atenção do governo central para com este homem que, como reserva de brasilidade, o melhor filho que o país teria, devia ser mais bem tratado, dando-se condições a ele de deixar de ser um rústico e se apropriar das conquistas do mundo moderno. Filho de uma natureza rude e de uma civilização que tardava a chegar, o nordestino, calcado na imagem do sertanejo, era a reserva de valores tradicionais que estavam sendo solapados pelo mundo urbano:

O homem, singelo, abrupto e forte, é a grandeza moral do ambiente.

Ingressou na vida civilizada com um passo tardo e incipiente. Ficou a meio caminho mantendo, integrais, a espontaneidade, a firmeza e a simplicidade rústicas de caráter.

A aspereza indômita do sertão exigiu-lhe a operação de energias sobre-humanas.

Na labuta dos restritos mistérios agrícolas à inclemência periódica das secas arruinantes, nas correrias, em campos abertos, ou em trechos perigosos,

145. CAVALCANTI, Adalberto. "A mentalidade do Nordeste", *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/11/1925, p. 51, c. 4.

bordados de valores, despenhadelros e carrascas selvagens, montando cavalos ádregos e bravos, o nordestino é a coragem sobreposta a todos os perigos.

A simplicidade primitiva dos rígidos hábitos domésticos plasma-lhe a organização serena da honestidade inútil.

Amã com uma singeleza feroz, seu campo, seu gado, sua casa, totalizando-lhe a magnitude da existência.

Essa mesma simplicidade cria-lhe na grosseria inculca do instinto um fundo permanente de superstição hereditária.<sup>146</sup>

Calcado na figura do sertanejo, o nordestino é descrito como um homem centrado na vida familiar, um homem apegado à terra, contra a qual luta insistentemente. Inculco e supersticioso, capaz de acreditar em assombrações e manifestações do sobrenatural, era, acima de tudo, o homem honesto e hospitaleiro. Povo filho do "requeime acre de um sol abrasador" que, se dá a este certo ar lânguido de tocador de violão, "comunica ao sangue alguma coisa de sua flama; e desde a guerra holandesa, toda vez que o Brasil tem precisado do sangue de sacrifício tem sido sempre a contribuição do Nordeste a maior e a melhor". Ao menor incidente a energia do homem do Nordeste era despertada:

E realmente assim tem sido. É todo um romance ao sabor dos russos, a conquista dos seringais pelos cearenses, e a resistência do cearense e do paraibano aos horrores das secas, quando as últimas raízes da vida, são as raízes venenosas do umbuzeiro.

Teve razão Arthur Orlando e tem razão o arguto José Américo de Almeida em considerar o homem do nordeste o verdadeiro consolidador dessa massa bruta de gente que é o Brasil. Desse Brasil que se parece nas primeiras provas tipográficas dum livro: primeiras provas ainda sujas e difíceis de ler. Primeiras provas ainda plásticas à ação do lápis azul.

O homem do Nordeste mais do que qualquer outro vai consolidando a pátria. Tem o parecer retórico acrescentando: vai nos consolidando a pátria pelo sangue.<sup>147</sup>

146. SILVA, Severino. "Banditismo e miséria", *Diário de Pernambuco*, Recife, 22/12/1924, p. 1, c. 4.

147. FREYRE, Gilberto. "69" (Artigo Numerado), *Diário de Pernambuco*, Recife, 10/08/1924, p. 3, c. 3.

Além de ser heroico, o nordestino é definido, neste texto de Freyre, como o homem da ordem, o defensor da pátria, sempre que esta se vê ameaçada por grupos subversivos internos ou forças externas. Um homem conservador, sempre acusado de indolente, mas sempre requisitado quando se precisa derramar sangue em defesa da manutenção do status quo e da nacionalidade brasileira:

Depois a luta contra o invasor estrangeiro, como a reação dos Independentes de Pernambuco contra os holandeses, reação que é a página mais forte de nativismo da nossa história, fez com que os colonos portugueses com o africano e o indígena recusassem para o interior, organizando a resistência ao batavo, aparelhado e inteligente. Nessa luta em que surgem imitados o branco, o negro e o silvícola, os três elementos da nossa formação histórica, a população do nordeste afirma-se asentando, como observa Reclus, as bases da nacionalidade brasileira.<sup>148</sup>

Em 1926, numa série de artigos escritos para o jornal *A República*, de Natal, Felipe Guerra rebaterá críticas feitas pelo engenheiro Zenon Fleury, após uma permanência na região como engenheiro da Inspeção de Obras Contra as Secas, num opusculo intitulado *À margem do Carriri*, ao que chamava de nordestano. Nesses artigos ele vai delineando a figura do nordestino, aquilo que considerava serem suas qualidades e suas deficiências. Enquanto afirmava Fleury: "A eficiência do nordestano no concreto desse nosso glorioso e rico Brasil é completamente contraproducente, prejudicial e desconcertante: 26 milhões de habitantes não podem continuar a ser esbultados na sua riqueza e no seu trabalho e na sua boa fé, para péssimo proveito de 4 milhões de parasitas acantonados nos rincões do nordeste brasileiro. É duro mas é verdade que assim se diga. O mata-pau de Monteiro Lobato é bem o emblema que melhor simboliza a psiquê daquele povo", Felipe Guerra afirmava, após perfilar números do Ministério da Agricultura sobre as exportações do país, o não parasitismo do Nordeste:

Eis aí o parasitismo do Nordeste. Com uma área igual a 3,03 do território nacional, teve o valor de sua exportação igual à de cinco Estados, possuidores de uma área que representa 76,58 do território nacional, isto é, mais de três

148. MAGALHÃES, Agamenon. *Op. cit.*, p. 66.

quartos da superfície do Brasil, e superior a dois pujantes e progressistas Estados do sul, com área superior, equivalente a 4,48 do território brasileiro.<sup>149</sup>

Fleury acusa o nordestano de ser baírista, de ter ódio pelo Sul, já Felipe Guerra afirma que, pelo contrário, seriam conhecidas as qualidades de hospitalidade, cordialidade e sinceridade dos nordestinos. O engenheiro paulista se contradissera ao afirmar a falta de pundonor e brio do nordestano e ao mesmo tempo dizer que "suas discussões são curtas, breves, precipites, seguem às vias de fato. À casa não levam afrontas, não sofrem injúrias impunemente; liquidam-nas de pronto, num abrir e fechar de olhos". Mas contradição maior teria cometido ao dizer ser o nordestino "um subproduto, um homem tarado, entibiado e frouxo, uma endemia andante, macilento e esqualido. É sempre o portador de milhões de morbos, mais ou menos virulentos em seu sangue depauperado", para em páginas seguintes reconhecer: "Não obstante estas observações que aqui registramos, o homem é forte e relativamente resistente. Exceções há e muitas que são capazes de esforços inacreditáveis, o que nos empolgou de entusiasmo pelo muito que produziam, em semanas consecutivas de trabalhos estafantes".<sup>150</sup>

Para Guerra, na verdade, o próprio engenheiro dá razão para se pensar que o trabalhador nordestino, quando tem acesso a informações de técnicas mais modernas de produção, as assimilaria com facilidade. Os cassacos que chegavam às obras contra as secas, em levas, "brabos", "completamente alheados dos serviços", em poucos meses se assenhoreavam do manjão de maquinismos e substituíam os mestres. Para Guerra, o operário do Nordeste era inteligente, esforçado, corajoso e capaz de se adaptar a qualquer tipo de trabalho. Embora rudes e pouco civilizados já teriam sido considerados, pelo engenheiro americano Roderic Crandall, mais valiosos para o país do que determinadas espécies de imigrantes estrangeiros que estavam vindo para o Brasil.<sup>151</sup>

Surge, neste passo, outro argumento importante na constituição da figura do nordestino, a de que este seria o trabalhador nacional, desvalorizado pelas elites e pelo governo do país, mas que se bem assistido, educado e preparado tecnologicamente substituiria, com sucesso, os

149. GUERRA, Felipe. *Op. cit.*, p. 13.

150. Idem, pp. 16-17.

151. Idem, p. 18-19.

imigrantes, que vinham trazendo sérios problemas políticos para o país. Aliçadas do processo de importação de mão de obra estrangeira, as elites do Nordeste procuraram, no elogio ao nordestino, garantir investimentos em mão de obra para suas atividades econômicas:

Os Estados do Nordeste são os únicos que fornecem correntes migratórias a outros estados, especialmente em anos de secas.

Não podem, porém, estes emigrados mostrar o valimento de que são capazes: são desamparados.

É curioso salientar as condições em que têm sido recebidos os estrangeiros e os nacionais.

Aqueles todo amparo, aos nacionais, nordestinos, é negada qualquer assistência.<sup>152</sup>

O nordestino abandonado teria feito, com sua coragem, com sua energia, com a sua iniciativa, com suas desgraças e sofrimentos, a obra de colonização e de trabalho no Norte. Não fossem os nordestinos, a Amazônia permaneceria em completo abandono, impotentes que eram as forças da União para ampará-la. A fecundidade da família sertaneja parecia tê-la predestinado a exercer importante papel no povoamento e desbravamento das extensas regiões do Norte. Seriam os nordestinos os novos bandeirantes, os novos pioneiros da grande pátria, mas abandonados por ela.<sup>153</sup>

Os novos bandeirantes do Norte seguiam depauperados, exangues. Atirados, perdidos, abandonados na imensidão de uma região inexplorada, lutaram contra tudo e contra todos. Com espantosa faculdade de assimilação, com perspicaz e inculca inteligência, venciam a natureza, abriam clareiras na floresta, sangravam as árvores, abatiam feras, conquistavam territórios, habituados a receber e aguentar o choque a destruição das mortíferas forças da natureza amazônica com a mesma resignação e coragem com que encaram e recebem as furiosas cargas de nossas devastadoras secas.<sup>154</sup>

152. GUERRA, Felipe. *Op. Cit.*, p. 20.

153. Ver: GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da selva: História da migração nordestina para a Amazônia*, Campinas, UNICAMP, 1999 (Tese de Doutorado em História).

154. GUERRA, Felipe. *Op. cit.*, pp. 67-68.

Neste passo do discurso de Felipe Guerra, aparecem outros dois temas que são agenciados no momento de se construir o nordestino: a migração para a Amazônia, no período do chamado ciclo da borracha e a conquista do Acre, que fazia do desprezado e mal falado nordestino, principalmente pelos paulistas, o nosso novo bandeirante, aquele que colocara mais uma estrela na bandeira do Brasil, uma estrela vermelha, porque tingida com o sangue do paraíso nordestino. O engenheiro paulista reagia indignado com a comparação: "era uma blasfêmia lembrar os bandeirantes coloniais pela ação dos nordestinos, humilhados, vexados, esfomeados, maltrapilhos. Nunca bandeirantes do Norte às gibosas levas que deixam o Nordeste, em demanda da vastíssima Amazônia ou do antipático sul. A auxese é muitíssimo infeliz".<sup>155</sup>

Na tentativa de desqualificar o nordestino, o engenheiro Fleury teria transferido para esta região todos os males que se costumavam atribuir à população rural do país. Todos os jecas de Lobato pareciam estar aí localizados, quando, lembra Guerra, Lobato quis figurar em seu personagem o caipira paulista e o rococo de Minas. Nem mesmo a exagerada afirmação do Dr. Belisário Pena de que o Brasil seria um vasto hospital foi esquecida, sendo transferida para o Nordeste, pelo engenheiro. Diz Guerra que, no entanto, nunca haviam derramado sangue contra uma simples campanha de vacinação, se isto por ventura tivesse ocorrido teriam taxado o nordestino de selvagem e sua população de inapta para a civilização. Embora se pudesse reconhecer que a população do Nordeste apreciava o álcool, sendo o mata-bicho pela manhã um de seus hábitos, sendo a cachaca um fator de alegria em suas festas, este funesto vício não era uma exclusividade da população nordestina, era uma praga nacional a ser combatida por vigorosa campanha.<sup>156</sup>

Nem mesmo o jagunço, o cangaceiro, o capanga, guarda-costas e outras denominações aplicadas ao assassino, ao bandido, que tantos males causavam às populações que esforçadamente trabalhavam e lutavam honestamente pela vida, não seriam uma entidade peculiar ao Nordeste. Das fronteiras do Rio Grande do Sul às fronteiras do extremo Norte poder-se-ia ficar em frente de "um homem que já fez trabalhos". O cangaceirismo

155. GUERRA, Felipe. *Op. Cit.*, p. 68.

156. Idem, pp. 72-73. Há uma referência no texto à Revolta da Vacina, ocorrida no Rio de Janeiro no ano de 1904, ver: SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina*. São Paulo: Brasiliense, 1984.



seria, para Guerra, uma criação artificial da maldade aliada à ignorância de potentados locais. Nos distritos onde as influências eram contrárias, por sentimentos e cultura, o cangaço não existiria como praga aceita pelos costumes. Bastava haver em certos locais homens dignos e honestos para esta praga não se proliferar. E conclui como membro da elite nordestino-grandense: "No Rio Grande do Norte essa é a regra geral".<sup>157</sup>

O nordestino é construído no discurso das elites da região como um homem eternamente injustiçado, pelas outras regiões e pelo governo federal. A energia, a atividade e a resistência do homem do Nordeste seriam sempre colocadas em dúvida. Esses críticos, quase sempre, não conheciam o Nordeste, apenas repetiam lendas sobre os costumes e a vida na região. O nordestino, sempre apresentado como um retardatário, inativo, incapaz de contribuir para o desenvolvimento de uma economia moderna no país, era vítima daqueles que não comparavam a situação em que vivia e as condições que eram oferecidas aos brasileiros de outras regiões do país. A luta tremenda que tinha de empreender com a natureza, faltando a ele assistência do governo, que parecia não acreditar em sua capacidade, fazia do nordestino uma vítima da falta de incentivo para o progresso, quer do ponto de vista moral, quer material.<sup>158</sup>

Desse erro devem ser acusados, antes, os que não souberam perceber-se de nossas necessidades, ou não procuraram partilhar de nossas vicissitudes, ajudar-nos na luta contra as secas periódicas, a falta de transportes, exiguidade de braços, escassez de meios e tantas outras causas culpadas de nosso estacionamento; e não o homem do campo nosso operário rural que ainda assim não cruzou os braços a espera que a piedade de seus irmãos lhes viesse matar a fome.<sup>159</sup>

Fica claro, neste discurso, que o nordestino de que se está falando, ao enumerar os seus interesses e ao falar em seguida do trabalhador da região como braços para o trabalho numa nova organização econômica, é aquele identificado à camada proprietária rural, que estava enfrentando estes problemas aos quais atribuía sua decadência econômica. Mas,

157. GUERRA, Felipe. *Op. cit.*, p. 79.

158. FILHO, Loreto. "O homem do Nordeste". *Revista de Pernambuco*, Recife, nº 13, julho/1925, p. 1.

159. FILHO, Loreto. *Op. cit.*, p. 2.

embora enfrentasse todas estas dificuldades e fosse malinado com tantas inverdades e calúnias, o nordestino teria um traço que o distinguiria dos demais brasileiros e que o tornava apto para soerguer sua região, ele era capaz sempre de uma reação viril. Ele, embora parecesse, às vezes, apático, indolente, frouxo, entibiado, à menor mudança de situação se estradeava num homem valente, numa descarga de energia, retesando todas as suas fibras, se tornava o macho rude e duro, rústico, que não aceitava desonras, nem covardias, que não levava afrontas para casa. Essa cicloclomia de suas atitudes era um espelho da própria cicloclomia da natureza regional, feita de ciclos de abundância e de escassez de recursos. O nordestino era, pois, esse ser surpreendente, cuja aparência não revelava a sua essência varonil.<sup>160</sup>

Portém, os estudiosos da antropologia nordestina teriam explicações para este traço masculino da população, que se acentuava no sertão. A formação histórica da raça regional, feita em condições adversas, exigindo a luta feroz contra a natureza e os indígenas, seria um primeiro fator, aliada às próprias características sexuais das raças que participaram desta formação, uma raça guerreira como o branco português, na sua maioria sendo homens, se defrontou com "duas raças inferiores" em estágio primitivo de civilização, onde a diferenciação sexual seria a marca, predominando nestas os traços masculinos:

Impressionou a Agassiz a maior semelhança entre os sexos: a mulher índia, vista de costas, exibia um aspecto inteiramente masculino. Vem à mente aquela passagem de Gandavo sobre certas mulheres aborígenes que 'determinam ser castas, as quais não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, ainda que as matem'. Abandonam as atividades comuns às companheiras e 'imitam homens e seguem seus ofícios, como se não fossem suas fêmeas'. Cortam os cabelos, vão à guerra, caçam, pescam, mantendo outra companheira, com quem se comunicam e conversam como marido e mulher.<sup>1</sup>

O grande observador notara ainda que não havia nelas a delicadeza feminina peculiar ao tipo civilizados. Essa similitude entre os sexos, verificável entre povos selvagens, sugerem algumas observações interessantes. Marañon menciona a poligamia como sexualidade indiferenciada — e é sempre encontrada nessas

160. Esta relação entre nordestino e masculinidade, nordestino e uma cultura fálica, está muito presente também nas artes e literatura de temáticas nordestinas; ver, por exemplo, toda a série de esculturas fálicas do artista plástico pernambucano Francisco Brennand ou todas as imagens fálicas que aparecem nos textos teatrais ou literários de Adriano Suassuna.

fases culturais. A diferenciação interna cresce de sociedades inferiores para superiores. Lembra a história evolucionária da família. Só as sociedades que ingressaram na barbárie ou já vão atingindo as fases civilizadas marcham para a completa diferenciação monogâmica. (...) É o sexo que determina a primeira divisão histórica do trabalho (...). Aliás, o que os etnólogos mostram foi a tendência masculinizante das mulheres, ditada, em certo grau, pelas condições de vida selvagem.<sup>161</sup>

Essa tendência à "bissexualidade" dos antepassados primitivos do nordestino se expressaria também num ritual como o da couvade, em que o pai da criança guardava resguardo no momento em que esta nascia e não a mãe. Sociologicamente ela representaria o reconhecimento da importância do pai na geração, uma fase de afirmação do patriarcado sobre o matriarcado, de fases anteriores. Esta afirmação do sexo masculino seria fundamental para que este ocupasse uma posição de destaque dentro da organização política do grupo.

A combatividade é instinto sexual secundário e caracteriza os machos mais vigorosos da comunidade. Enquanto na mulher predominam instintos de passividade e submissão, que se ligam a determinadas fórmulas hormonais – no homem se pronunciam tendências de agressividade e lutas. O ato sexual é efêmero: a manutenção da prole absorve a mulher no aleitamento enquanto arrasta o homem ao contato social.<sup>162</sup>

Este discurso vai naturalizando os papéis de gênero e justificando a dominação masculina no mundo civilizado como um processo de evolução que leva à diferenciação entre os "sexos", destinando a mulher aos afazeres domésticos e aos cuidados com as crianças, enquanto o homem, liberado por um ato sexual efêmero, tendo uma enorme reserva de agressividade e energia para descartar, irá fazê-lo no espaço público, dominando o mundo político. Porém, o mais curioso é que este discurso naturalista não diferencia o ser homem do ser macho, o comportamento social masculino é deduzido de sua natureza, que seria agressiva e voltada para a luta. O nordestino, antes de ser um homem, tal como definido pelo pensamento

161. MENEZES, Djacir. *Op. cit.*, p. 55.

162. *Idem*, p. 59.

moderno, iluminista, era um macho, que surgiu de uma reação contra a mulher, que seria muito mais importante à medida que se sai do nomadismo e se passa à agricultura; o parir filhos, para que estes deem sustentação a esta atividade, se torna uma tarefa muito importante.<sup>163</sup>

Esta necessidade de afirmar o poder masculino, que Djacir Menezes localiza entre os indígenas, seria extensiva a toda a plebe rural que daí se formou. Daí nasceria a tradição de violência e desmandos no sertão, homens em constante choques entre si e com os agentes do poder, tudo para provarem ser machos, não suportando qualquer tipo de humilhação. A simples ação de desarmar um "cabra" na feira podia resultar em confusão e até mortes. Fazer um "maturo passar o pano", ou seja, colocar a fralda da camisa para dentro da calça, deixando à mostra a arma que trazia na cintura era provocação que podia resultar em soldados mortos<sup>164</sup>:

A tropa, espalhada pelo meio do povo, manda os cabras passar o pano e vai lhes tomando as facas e os cacetes. Aqueles que resistem vão presos debaixo de facão até a cadeia. Vestidos de camisa e ciroula de algodão grosso, tecido nos teares da terra, ciroula de fundo curto de um só botão, passando o pano, adquirem uma aparência ridícula, provocando vaia da garotada. Daí o motivo das brigas, resistência e matança de soldados a facadas.<sup>164</sup>

Esta forma de ser nordestino teria sido transmitida pela própria educação que era dada pelas famílias a seus filhos. Família em que a autoridade absoluta era do pai: em torno de seu poder, vontades e expectativas tudo girava. Pai, que para ser respeitado, para ser visto como homem de verdade, não podia voltar para casa afrontado. Nem mesmo a esposa aceitaria uma fraqueza do marido. Uma família que definia rigorosos e polares papéis para homens e mulheres, munidos que já começavam a se separar na mais tenra infância. Desde cedo, quando estava chorando, o menino ouvia que aquilo não era coisa de homem, passando a ter vergonha de chorar em público, como se estivesse fazendo algo feio. Menino era criado solto, menina era criada presa dentro de casa. O menino podia, em companhia de companheiros de sua idade, se aventurar para além do terreiro e ficar na companhia dos homens adultos, onde começava a

163. MENEZES, Djacir. *Op. Cit.*, p. 59-60.

164. MENEZES, Paulo Eljido de. Crato de meu tempo. Apud MENEZES, Djacir. *Op. cit.*, p. 61.

sua formação para o mundo, as meninas não, sempre presas ao mundo doméstico até em suas brincadeiras.<sup>165</sup>

Naquela nossa idade havia uma natural e espontânea separação: menina brincava com bonecas, enquanto nós montávamos em carretos, empenhávamo-nos em lutas, desafiávamos para quebrar-de-bracos, fingíamos ciganos. Alguns jogavam pião, empinavam arraia, fumavam às escondidas cigarros de palha, tão do gosto dos operários da fábrica.<sup>166</sup>

Os códigos de gênero são internalizados como se fossem coisas "naturais". Neles, a masculinidade é, desde cedo, definida pela competição, pela disputa em que se pretende derrotar outro homem, pela força ou pela astúcia. A masculinidade é agônica, é como se não pudesse pertencer a todos, tendo que ser tomada de outro desafeto. Povina Cavalcanti fala que era comum o uso de uma arma, no bolso, pelos rapazes do sertão, no começo do século. "Punhal na cava do colete, quando não na cintura, era a coisa mais natural do mundo. No banho de rio os homens tiravam a roupa sumária, sob a qual o punhal mal se escondia. Em plena rua empunhavam-se armas e faziam-se trocas. Não havia proibição legal para seu uso. Era como se as armas fosse um complemento do vestuário. Tão logo o menino se enfeitava de rapazote achava que para ser homem precisava andar armado. Cedo conseguia permissão dos pais para caçar passarinhos de espingarda".<sup>167</sup>

Os que estavam na primeira infância atenzavam os vizinhos; os maiores procuravam, mais distante, campo de ação para suas façanhas. Vinham a casa comer, resingar. Principiavam descompondo-se, passando das palavras aos murros, saindo para se engalinharem no meio da rua, confirmando cada sopapo, cada murro, cada bote recebido, com um epíteto pesado.<sup>168</sup>

165. Claro que esta descrição é calcada em grande medida nas práticas das famílias das elites, sendo pouco válida para o que acontecia nas famílias das camadas populares, embora este seja o modelo validado socialmente.

166. CAVALCANTI, Povina. *Véila à infância - Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, p. 39.

167. Idem, p. 45.

168. MEDEIROS, Coriolando de. *O Tambá da minha infância*. João Pessoa: A União, 1994, p. 94.

Mas já havia famílias em que estes códigos, se não eram frontalmente contestados, pareciam estar embaralhados, como parecia ser a sensação mais geral na sociedade. Na infância de C. A. Feitosa, o sustento da casa era garantido pela mãe, uma exímia costureira, que tinha de aguentar as andanças e o jogo de cartas do marido. A mãe vivia a se queixar de ter nascido mulher, isto era quase "um ultraje biológico para ela".

Queria ter nascido homem, nem que fosse para ser cega de um olho ou manca de uma perna, blasfemava ela contra a sua sorte (...). Cada vez que meu pai desaparecia, metendo-se numa casa de jogo, escutávamos o mesmo discurso pouco cristão sobre o desgraçado papel da fêmea na sociedade dos homens.<sup>169</sup>

Curiosamente, a menina gostava dos brinquedos do menino e este não largava a calunga que esta ganhara de um tio. Quando lhe trouxeram um filhote de pintassilgo numa gaiola, se a irmã não toma conta este havia morrido, dado o desprezo do menino por ele. Só o irmão tinha paciência para aguentar os dengues de uma menina vizinha. Ela preferia brincar com o Flávio, seu irmão, mesmo tendo que ouvir a reprimenda: - Menino brinca com menino, menina brinca com menina.

Não concordava. Sentia curiosidade em saber onde ela aprendeu estas histórias que repetia sem muita consciência para a gente. Histórias muito bestas para serem citadas por adultos.

- Menino que brinca de bonecas vira mulher, cai o pintinho - falava maliciosamente quando via o Bitá segurando a boneca da Vera Lúcia. Intrigava-me: quem definiu os papéis de macho e da fêmea na espécie humana? Queria saber para dizer a esta pessoa que eu não concordava com esta divisão. Era injusta e preconceituosa. Eu tinha que brincar só de boneca, como se o único destino reservado para mim fosse partir, assaer, varrer, lavar... Coisas chatas que dão às mulheres aras de perfeita idiova do lar. Esta cara que minha mãe estava ganhando de tanto ficar no fôlego e na máquina de costura".<sup>170</sup>

169. FEITOSA, C. A. *Mulher macho sim, senhor*. São Paulo: Corazz, 1980, pp. 11, 14 e 15.

170. FEITOSA, C. A. *Op. cit.*, p. 28.

Embora possa ser um discurso da mulher adulta projetado para a criança, este discurso memorialístico fala de certo descontentamento com esta divisão que seria natural entre homens e mulheres, já no começo deste século. Este discurso nos fala também da importância e da centralidade que o falo terá, desde cedo, na vida do menino. Seu irmão, ao brincar com boneca, era ameaçado de virar mulher, de perder o pinto, o que era mostrado como sendo uma tragédia. Esta centralidade do pênis, na definição da masculinidade, só tende a se acentuar à medida que surgem as primeiras notícias sobre o sexo e os rigores da separação de conduta entre homens e mulheres pareciam acentuar-se. O nordestino é uma figura, um corpo construído por discursos em que a fala encarna o falo.<sup>171</sup>

O Quinzinho apareceu com uma novidade. Era possível a gente exercitar o órgão genital, utilizando as ovelhas e as cabras soltas nos cercados da vizinhança e até nos nossos quintais, onde pastavam o dia inteiro. Foi um deus-nos-acuda daí por diante. O grupo todo perseguia as ovelhinhas, como sãitos precoces.<sup>172</sup>

O homem, criado solto no mundo, estará sempre "pulando as cercas". Desde cedo, as mulheres deveriam aprender que não se pode confiar em homem, que é de sua "natureza" trair a mulher. Feitosa diz que: "trair para o homem daria uma certa forma de prazer, de se sentir esperto, um prazer estranho que nasceria não da alegria de se fazer alguém feliz, mas que vem na intensidade dos desgostos que é capaz de possibilitar". Por isso, as relações entre homens e mulheres que conheceu eram muito tensas, com raros instantes de expansão de afetividade em público, homens e mulheres muito duros, pouco românticos, cada um, de certa forma, autoritários, masculinos em sua forma de se comportar, cujas relações eram muitas

171. A maior parte das produções culturais populares que são identificadas como nordestinas também valorizam o ser macho e abusam das imagens fêlicas: ver a literatura de cordel, por exemplo, em que vários títulos estão marcados pela ênfase na virilidade: BRITO, Joaquim Nogueira, *As fagulhas de "Zé Duro"*, s/l, s/d, 1954; CARLOS Severino Francisco, *A nega do penteadado e a trouxa misteriosa*, s/l, s/e, s/d; CAVALCANTE, Rodolfo Coelho, *Marta Mata-Homem, a valente da Paraíba*, s/l, s/e, 1977; LEITE, José Costa, *Seu Mané da ponta grande ou o corvo ganancioso*, s/l, s/e, s/d; *A vóia de baixo da cama e a perna cabeluda*, s/l, s/e, s/d; PARAFUSO, João, *O encontro da velha que vendia tabaco com o menino que vendia fumo*, s/l, s/e, s/d; SILVA, Gonçalo Ferreira da, *O capador de covardas*, s/l, s/e, s/d.

172. CAVALCANTI, Povina. *Op. cit.*, p. 57.

vezes entremeadas de desaforos e de violência física, em que as mulheres quase sempre levavam a pior.<sup>173</sup>

Os homens podiam se aventurar porque em "homem nada pegava". É como se o corpo masculino fosse fechado, não só à penetração de um membro viril, mas a qualquer mal que lhe pudesse acontecer, mesmo a qualquer pecha moral que fosse assacada contra ele. As memórias falam de homens que se colocavam em situações de extremo perigo, cômicos de uma espécie de invulnerabilidade. A onipotência masculina se expressava em atitudes que punham constantemente em risco a sua vida e a vida de outras pessoas, isso não importava, se era necessário provar que era macho.<sup>174</sup> O furar o outro com o punhal ou com a faca, ao se assemelhar a uma atitude de virilidade e dominação, substituiria, talvez, imaginariamente o falo. A faca fazia o estrago no outro, deixando "seus bofes para fora", expondo a vulnerabilidade de um corpo masculino derrotado, furado:

Dizia-se que ele tinha o corpo fechado. Sempre se saiu incólume dos entrevos de que participava. A propósito, recordo que ouvi algumas vezes referência a uma sorte de oração, de que os serranejos eram portadores, conservada como amuleto. Havia mesmo jagunços que usavam este espécie de talismã costurado num saquinho e trazido ao pescoço ou no forro do paletó.(...) O André, a quem recorri, curioso afirmou-me com convicção:

— Não falta a oração, se rezando com fé.  
E na sua linguagem serraneja explicou-me que o inimigo ficava cego. Uma escuridão baixava à sua frente, inutilizando-lhe as ações. (...) Daí a fama de valentia que possuíam os cabras do sertão.<sup>175</sup>

173. FEITOSA, C. A. *Op. cit.*, p. 15.

174. Este traço que define a masculinidade em nossa sociedade tem sido insistentemente abordado por toda uma bibliografia que, nos últimos anos, se debruça sobre o comportamento sexual masculino e como este expõe os homens constantemente a riscos como o de contrair o vírus HIV ou alguma DST. Ver: PARKER, Richard; TERTO JR., Váriano (Orgs.), *Entre homens: homossexualidade e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA, 1998; PARKER, Richard. "A AIDS no Brasil: a construção de uma epidemia". In: *A construção da solidariedade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ABIA, IMS/USRJ, 1994, pp. 23-48; PARKER, Richard et al. *A AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA, IMS/USRJ, Dumará, 1994; DANIEL, Hebert; PARKER, Richard. *AIDS: a terceira epidemia*. São Paulo: Iglu, 1991; ALMEIDA, Vagner. *Cadarnê preservado*. Rio de Janeiro: ABIA, 1997.

175. CAVALCANTI, Povina. *Op. cit.*, p. 126.

O mundo masculino parecia bastar-se a si mesmo, ser um mundo fechado, do qual não deveriam fazer parte as mulheres, a não ser em momentos e espaços específicos e quando fossem requisitadas. Entretanto, numa sociedade rústica e agressiva como a do Nordeste tradicional, as mulheres pareciam ter que se masculinizar também. No Nordeste, não era apenas o mundo masculino que estava fechado às mulheres, mas a própria região parecia excluir o feminino. A mulher-macho era aí uma exigência da natureza hostil e da sociedade marcada pela necessidade de coragem e destemor constante. Portanto, o discurso regionalista nordestino vai criando não só o homem nordestino, mas a própria mulher nordestina, como caracterizados por traços masculinos, traços herdados do meio rural, das atividades agrícolas e pecuárias, em grande medida, traços da sertaneja.<sup>176</sup>

Lutadeira, resistente, honesta, é a mulher sertaneja, seja abastada, seja pobre; cheia de filhos, deles cuida com amor e carinho; provê as necessidades domésticas, trabalha nas pequenas indústrias caseiras, e é poderosa auxiliar nos serviços do marido, compatíveis com o sexo, substituindo-o em caso de necessidade, na direção dos negócios e nos trabalhos reclamados. Essa verdade não pode ser obscurecida pelo senhor engenheiro Fleury. Entretanto, com o mau intuito de tudo denegrir e deturpar, em relação ao Nordeste, procurou ao menos uma expressão pejorativa para escrever: 'Vivem constantemente em viagem e deixam às mulheres a direção da casa, formando assim, nesta classe, mulheres viragos que, como os maridos, são capazes de árduos labores'. Não é assim: Em qualquer classe a mulher do Nordeste é sempre esforçada, dedicada, e, na direção do lar, trabalha em excesso, nunca se poupa, chega mesmo nos mais rudes labores.<sup>177</sup>

Neste texto ficam explícitas algumas estratégias deste discurso regionalista que constrói a imagem do nordestino e, no caso, da mulher

176. Esta imagem masculinizada da mulher sertaneja, inicialmente, e da mulher nordestina, posteriormente, também vai ser presença constante na literatura de temática nordestina e também na literatura de cordel. Ver, por exemplo: OLÍMPIO, Domingos. *Luzia Homem*. São Paulo: Editora três, 1973; QUEIROZ, Rachel de. *A Bela Maria do Egito (Onda reventada)*, vol. 5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989; *Memorial de Maria Moura*, CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Maria Mata-Homem, a valente da Paraíba*, s/l, s/c, s/d; CAMPOS, Francisco de Souza. *As aventuras de Maria Jararaca*, s/l, s/c, s/d.
177. GUERRA, Felipe. *Op. cit.*, pp. 70-71.

nordestina: imagens e enunciados ligados a um tipo anterior como o sertanejo são agora atribuídos ao nordestino, o texto começa falando das qualidades da mulher sertaneja e termina falando da mulher do Nordeste, fazendo uma quase imperceptível passagem de um tipo para outro, como se fossem sinônimos. O texto constrói um lugar para a mulher que é o do trabalho doméstico e da ajuda ao marido, ou seja, ela trabalha quando este está ausente, mas apenas a ajuda quando este está em sua companhia.<sup>178</sup> O texto remete para um elemento que explicaria a masculinização da mulher do Nordeste, a seca e a ausência dos maridos que migram nesta ocasião, obrigando as mulheres a assumirem suas tarefas e o seu lugar na família. As chamadas "viúvas das secas" teriam que saber circular pelo universo masculino se quisessem sobreviver na ausência de seu homem, ausência às vezes muito prolongada e até definitiva. O embrutecimento das mulheres durante os períodos de seca e a necessidade de se masculinizarem é um tema presente na literatura regionalista, desde pelo menos o final do século XIX, quando Domingos Olímpio escreveu o clássico *Luzia Homem* e será uma constante até o recente *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz.

Nesse momento em que a distância entre os gêneros parecia encurtar-se e as fronteiras tendiam a ser ultrapassadas, até a criminalidade, que antes era quase um monopólio masculino, vinha crescendo assustadoramente entre as mulheres, até chagarmos "ao espetáculo triste de uma Maria Bonita e de uma Dadá". O mundo moderno, com seu mundanismo, sua frivolidade e com o consequente declínio das barreiras morais que serviam de amparo para as mulheres seria um terreno propício para germinar toda sorte de figuras criminosas, inclusive entre as mulheres. A mulher que antes só buscava o encanto e se esmerava na arte de agradar e seduzir os homens, trazendo no rosto o reflexo da doçura e da nobreza de caráter,

178. Esta concepção de que as mulheres apenas ajudam os maridos, mesmo quando exercem as mesmas tarefas que eles, pode ser constatada vigendo ainda em nossos dias, entre mulheres da zona rural do Nordeste, por alguns trabalhos sociológicos recentemente produzidos. Ver: BÉLENS, Jussara Natália Moreira. *Trabalhando feito homem*. Campina Grande, UPPA, 1998 (Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural); BARROS, Ofélia Maria de. *Não ter debatada no mundo: a construção social das donas de casa no Carriz parabaeno*. Campina Grande, UPPA, 1996 (Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural); SANTANA, Mônica Cristina Silva. *Participação política e produtiva: estudo das relações de gênero no assentamento Maacir Mandorley - Quissamã (SE)*, Campina Grande, UPPA, 1997 (Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural).

rivalizava com este em agressividade e competição, perdendo sua beleza e se vitilizando.<sup>179</sup>

É na reação a este mundo moderno, que parecia querer embaralhar as fronteiras entre os gêneros, que vinha feminizando perigosamente a sociedade e a região, e vinha provocando a desvirilização dos homens e a masculinização das mulheres, que o nordestino é inventado como um tipo regional destinado a resgatar padrões de masculinidade que estariam em perigo, um verdadeiro macho capaz de restaurar o lugar que seu espaço estava perdendo nas relações de poder em nível nacional. Buscando no passado os seus modelos, esse homem seria a única personagem capaz de reescrever a história desse espaço, dando a ela um novo rumo.

Foi a necessidade que a elite nordestina tinha de mudar os rumos do espaço onde exercia o poder que a levou a projetar a mudança dos próprios habitantes da região, de seu povo, que deveria ajudar nesta recuperação. As teorias eugenistas, em voga desde o final do século passado, recomendavam a adoção de uma política de criação de uma raça nacional, que passava não só por uma política de seleção racial de seus habitantes, mas por uma ação civilizatória que preparasse esse povo para a nova realidade do mundo moderno. Embora fosse minoritária a parcela da elite nordestina que defendia o branqueamento da população desta área, era quase unanimidade que a raça nortista deveria passar por um processo de transformação civilizatória. Se a aplicação das teorias raciais à realidade do Norte condenava este espaço de população mestiça ao inevitável atraso, era preciso combatê-las, não desconhecendo, no entanto, que algo devia ser feito para tornar esta massa informe de nortistas em cidadãos regionais e nacionais.

Após perceberem seus espaços tradicionais em crise, sentiram-se desterritorializados, membros desta elite procuraram elaborar projetos de

179. N/a. "O segredo de encantar", *Diário de Pernambuco*, Recife, 08/06/1924, p. 7, c. 7.

A presença da mulher no cangaço e a intensa produção literária e artística em torno da figura de Maria Bonita fazem dessas figuras um modelo do que seria esta mulher masculina da região Nordeste, inspiradora em nível nacional do estereótipo da mulher-macho: Ver: QUEIROZ, Rachel de. *Lampião (Obra reunida)*, vol. 5, Rio de Janeiro: José Olympio, 1989; DIAS, José Humberto. *Dada*. Salvador: Empresa Gráfica Bahia, 1988; SOUZA, Ilda Ribeiro. *Sua memória de guerra e paz*. Recife: Imprensa Universitária, 1995. Ver os folhetos: CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Asc de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros*, s/l, s/d, 1976; CAVALCANTE, José; DILVA, Ferreira. *Lampião e Maria Bonita*, s/l, s/e, s/d; CAVALLCANTTI, José. *Amantes de cangaceiros*. S/L, Arte Gráfica, s/d; RELVA, José Ferreira. *Lampião e Maria Bonita*, s/l, s/e, s/d; SILVA, Expedito F. *O amor do cangaceiro Cobra Verde por Maria Bonita*, s/l, s/e, 1982.

unificação do espaço ameaçado, que passariam pela própria mudança de seu povo, da sua integração nesses projetos, fazendo-os introjetar este recorte regional. Era preciso para isso salvar e sistematizar uma cultura regional, notadamente uma cultura folclórica advinda deste mesmo povo, para com suas formas facilitar a transmissão de conteúdos, de mensagens que interessavam a estas elites que fossem introjetadas pelos outros.

Era preciso fundar um homem novo, que, no entanto, fosse capaz de preservar tradições e costumes e fazer deles sua diferença para com os demais brasileiros. Se o nortista, o sertanejo, o brejeiro, o senhor de engenho, o coronel pareciam ficar para trás, por serem incapazes de acompanhar as mudanças nos costumes do país, se estes se mostravam incapazes de recuperar o lugar que esta área já ocupara na economia e na política nacional, era preciso que um homem novo surgisse, em dia com as transformações que estavam ocorrendo, capaz de manejá-las, mas ao mesmo tempo capaz de preservar as tradições e a memória de um passado de glórias, que autorizava este homem novo a exigir um lugar de destaque no cenário nacional, abrindo espaços para a negociação em torno de seus interesses. O nordestino deveria atualizar as qualidades dessas antigas figuras, entre elas a de ser "macho", forte, destemido, ativo, brígido, orgulhoso, capaz de defender seus interesses e de seu povo, dentro ou fora da região.

A escritura deste homem novo procurava substituir os antigos costumes pela lei abstrata, substituir a repartição tradicional de gêneros da sociedade da sangüinidade, pela nova repartição da sociedade de sexualidade que se implantava.<sup>180</sup> A passagem de uma sociabilidade tradicional, dita patriarcal, centrada no parentesco, na família, em que as identidades de gênero eram assunto de família, imposição de papéis previamente elaborados, começa a ser substituída por uma sociabilidade centrada no indivíduo, em que a identidade de gênero é cada vez mais uma decisão pessoal, embora agora limitada por códigos sociais cada vez mais rígidos. Os códigos de gênero que antes estavam na esfera privada, que estavam sob a responsabilidade da família, eram ao mesmo tempo muito rígidos, admitindo poucos papéis e variações, e muito frouxos, ao permitirem, principalmente por parte dos homens, a realização de uma infinidade de práticas que escapavam à norma.

180. Para a passagem da sociedade da sangüinidade para a sociedade da sexualidade, ver: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I - A vontade de saber*.

Neste início de século, os códigos de gênero começam a se tornar assunto público, a lei cada vez mais invadirá esse espaço da intimidade, prescrevendo papéis e criminalizando práticas antes admitidas. Ao mesmo tempo em que se oferece, principalmente no novo mundo urbano, a possibilidade ao indivíduo de produzir novas figuras de gênero, sobre ele se abate uma maior vigilância, uma maior disciplina, e uma busca desesperada de tudo descrever, não deixar nenhuma prática no anonimato. Processo que torna o sexo um lugar de verdade do indivíduo. Daquele sexo feito sem culpa, atrás dos canaviais, daquelas cenas de "despudor" do mundo rural, onde os bichos convidavam à prática desse sexo "acanalhado, anônimo e animal", passamos para uma sociedade onde se têm maiores oportunidades de se variar nos papéis sexuais, mas onde todas as práticas devem ser vigiadas, descritas, analisadas.

Aquela sociedade do sangue onde se glorificavam as guerras, as lutas fratricidas, onde a morte era soberana, onde se fazia apologia dos suplícios, da grandeza e da honra do crime, onde o poder estava no sangue e vinha do sangue começava seu lento processo de agonia, para dar lugar à sociedade da lei, da norma, da disciplina, da sexualidade, preocupada com o futuro da espécie. Anuncia-se o fim daqueles homens épicos, heroicos, trágicos, de uma sociedade tradicional, onde a cultura é nitidamente masculina, homens que só permanecem vivos como literatura. O nordestino, ao mesmo tempo em que surge para recuperar esta memória e estas qualidades que estão se perdendo, me parece que representa o próprio reconhecimento de que "não se fazem mais homens como antigamente", de que estes homens heroicos se perderam, só vivem nas páginas do cordel.

O nordestino parece ser cada vez mais um homem emasculado, comum, um homem que vai se amudando até se tornar um "homem gabiru", à medida que as décadas do século XX se sucediam e inúmeras reelaborações de sua imagem e de seu texto eram requeridas pelas lutas pelo poder. Será pura coincidência que o sertanejo tenha alcançado a glória e ao mesmo tempo o sepultamento nas páginas de *Os sertões* de Euclides da Cunha e na própria guerra de Canudos? E que a gloriosa aristocracia do açúcar tenha feito seu canto do cisne nas páginas de *Casa-grande e senzala*?<sup>181</sup>

181. CUNHA, Euclides da. *Os sertões*; FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

O nordestino é, pois, um ponto de encontro entre certo número de acontecimentos históricos, é fruto de um conjunto de operações de construção de um sujeito histórico, de um sujeito regional, de um personagem extremamente importante para a história política e cultural do Brasil contemporâneo. Penso que estudar a sua emergência e suas formas de aparecer e de ser é extremamente importante para se entender a história dos embates regionais no Brasil do século XX e, mais ainda, para desnaturalizar as figuras e os papéis de gênero, fazendo-os retornar à sua historicidade, à sua dispersão constitutiva, permitindo pensar outras formas possíveis de ser homem e ser mulher no Nordeste, para além do estereótipo do macho e sua companheira submissa. Desconstruir estas falas que inventaram o falo como significante nuclear de uma forma de ser regional, de uma identidade regional, é questionar a própria legitimidade social a que assistimos até nossos dias para a estrutura hierárquica e autoritária de gênero, dominante na sociedade nordestina, acompanhada da própria legitimidade social para atos de violência contra o feminino e de desprezo, medo e ressentimento por tudo que ele representa. Para promover o respeito ao feminino, em todas as variações, é preciso que na carnavação da fala se faça a desencarnação do falo. Assim eu falo!





Todo o livro contribui para que o leitor conheça a história da virilidade a partir do vasto mundo que a constituiu: costumes alimentares, tradições sertanejas, mas também a influência do cinema hollywoodiano, com seus heróis e divas; mundo de padres e coronéis, no qual ronda o espectro do "amarelinho", menino mirrado, por um triz doente e afeminado.

Ao longo dos capítulos, evidencia-se o que nem sempre é perceptível ao primeiro olhar: por trás do amargor dos antigos xaropes fortificantes, ou em casa, as conhecidas noções de patriarcalismo e paternalismo ganham matizes próprios. Durval historiciza a criação dos conceitos de família, macho, feminino e masculino sem escapar ao diálogo com as grandes tradições antropológicas e históricas. É quando, por exemplo, o patriarcalismo trabalhado por Gilberto Freyre revela-se uma metáfora, "uma grande imagem que ajuda a descrever o período". Sua análise espreme de cada conceito os clichês há muito acomodados no que habitualmente se espera da identidade nordestina. Por isso, o livro informa e surpreende, arrebatada e ampla o horizonte de problemas sobre a história da sexualidade e da cultura.

O período estudado é repleto de transformações importantes, especialmente nas maneiras de perceber as funções da mulher na sociedade. A autoridade do pai concorria cada vez mais com outras instâncias sociais enquanto que as mulheres reivindicavam o direito ao voto, a prática de esportes e a sociabilidade em locais públicos. Além disso, os limites entre os gêneros não davam conta de expressar a multiplicidade de relações existentes entre as pessoas do mesmo sexo. A voga do matrimônio romântico e a instituição do casamento civil modificaram o olhar sobre as antigas uniões baseadas na mancebia e no concubinato. A suspeita sobre maricas e viragos atraiu cada vez mais a lente médica e a propaganda de fortificantes. A ambição de padronizar os corpos coincidia com o sonho de um espaço urbano uniforme e higiênico.

A riqueza das fontes históricas que sustentam este livro constitui um vivo panorama das mudanças em curso e dos gritantes contrastes entre as classes sociais. Na década de 1920, a perturbação da elite local diante do odor e da visão dos pobres não era menor do que o incômodo provocado pelas moças que fumavam e bebiam, segundo o estilo das melindrosas adeptas aos modernos costumes, acompanhadas de jovens perfumados à americana ou à eutropeia.

Uma pluralidade impressionante de tipos masculinos emerge em meio à documentação estudada: do intelectual "frágil e atrapalhado com as coisas viris" ao matuto em vias de virar uma lenda, a paisagem dos senhores da terra e do asfalto está longe de ser homogênea. O folclore regional contribui para criar a imagem de um sertanejo forte mas também é atravessado por um "agenciamento de imagens", repleto de caboclos, vaqueiros, brejeiros, cangaceiros, beatos, jagunços. Tipos regionais que, na década de 1920, "se convertem no nordestino", conservando a macheza como valor capital.

Esta produção do Nordeste possui uma história reveladora de algumas das principais bases do poder que caracterizaram a República nacional. Se a falocracia não é uma prerrogativa local, é certo, contudo, que a imagem do nordestino, ainda hoje, carrega boa parte dos estereótipos do "verdadeiro macho". O livro revela as penas e os prazeres envolvidos na confecção desta verdade, mas sem torna-la mais verdadeira do que de fato foi. Por isso, Durval também mostra o que várias vezes faz banbear aquele edifício supostamente viril. Com a "invenção do falo", o que parecia mudo e lacunar ganhou, finalmente, presença e espessura dentro da história brasileira.

São Paulo, 09 de fevereiro de 2013

DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA

